



Coleção

Literatura de Circunstância

Volume II

PANDEMIAS :

cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva

CONTOS

Fábio Almeida de Carvalho

Roberto Mibielli

Edgar Borges

ORGANIZADORES



Coleção
Literatura de Circunstância
Vol. 2

**Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos
e consequências sobre a vida humana:
dimensões múltiplas de uma temerária e
inquietante experiência coletiva**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA – UFRR

REITOR

José Geraldo Ticianeli

VICE-REITOR

Silvestre Lopes da Nóbrega

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Fábio Almeida de Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Alcir Gursen de Miranda

Anderson dos Santos Paiva

Bianca Jorge Sequeira Costa

Fabio Luiz de Arruda Herrig

Georgia Patrícia Ferko da Silva

Guido Nunes Lopes

José Ivanildo de Lima

José Manuel Flores Lopes

Luiza Câmara Beserra Neta

Núbia Abrantes Gomes

Rafael Assumpção Rocha

Rickson Rios Figueira

Rileuda de Sena Rebouças



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com
Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



Coleção
Literatura de Circunstância
Vol. 2

**Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos
e consequências sobre a vida humana:
dimensões múltiplas de uma temerária e
inquietante experiência coletiva**

Fábio Almeida de Carvalho
Roberto Mibielli
Edgar Borges
Organizadores


EDITORA
UFRR
EDUFRR
Boa Vista - RR
2020

Copyright © 2020
Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico e Capa

Camila Valentina Apiscope Perez
George Brendom Pereira dos Santos

Imagens da Capa e do livro

Devair Fiorotti

Diagramação

George Brendom Pereira dos Santos
Tatiane Rodrigues da Silva

Revisão Técnica

Sheila Praxedes Pereira Campos
Daniele da Silva Trindade
Anna Paula Ferreira da Silva

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

P189 Pandemias : cuidados, prevenção, efeitos e consequências sobre a vida humana : dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva / Fábio Almeida de Carvalho; Roberto Mibielli; Edgar Borges, Organizadores. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2020.
131 p. (Coleção Literatura de Circunstância; v. 2).

ISBN: 978-65-86062-55-7

Livro eletrônico

Modo de acesso: www.ufrb.br/editora/

1 - Contos. 2 - Literatura. 3 - Pandemia. 4 - Experiência coletiva. I - Título. II - Carvalho, Fábio Almeida de. III - Mibielli, Roberto. IV - Borges, Edgar. V - Série.

CDU - 82.01(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:
Maria de Fátima Andrade Costa - CRB-11/453-AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores.

DEDICATÓRIA “DEVAIR FIOROTTI”

O Prêmio Devair Fiorotti de Literatura é uma iniciativa da Editora da Universidade Federal de Roraima, do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR e do Coletivo Caimbé de Autores de Roraima, que pretende homenagear o poeta, escritor, pesquisador, etnógrafo, fotógrafo, pintor, professor Dr. Devair Fiorotti, entre outras coisas, cuja perda recente, precoce e abrupta, em um 19 de março sombrio de um 2020 mais sombrio ainda, comoveu o meio artístico e acadêmico de Roraima, bem como o de outras paragens nas quais ele era conhecido, apreciado e bem quisto. Para apresentá-lo, convidamos sua esposa, a poeta Sony Ferseck, também (como ele) membro do coletivo Máfia do Verso, que escreveu o texto que se segue:

Há sempre algo de quem ama que permanece em nós ainda que em face da ausência e Devair Fiorotti era uma dessas pessoas. Ele era alguém que, depois de tudo e antes de mais nada, que amava e por isso se demora. Amava muito, tanto, a ponto de, quase em igualdade de potência com o próprio amor, transformar-se em igual força da natureza e de trabalho. Se não fosse o amor, a exemplo de muitos e muitos brasileiros vítimas da terrível desigualdade social em que esse país está mergulhado, não tivesse enfrentado os rigores da vida na roça, na qual o pai, sempre meeiro, não tinha outra alternativa a não ser começar a levar para exaustivas horas de lida nas terras de Itarana, interior do Espírito Santo, um Devair de pouco mais de oito anos de idade. Quando não, de levar montões de pó de serragem em um carrinho puxado a braço para que a mãe pudesse alimentar o fogo com que prepararia as refeições para a família. O grande esforço físico que o menino Devair empregava nas atividades a ele reservadas acabaram lhe custando uma febre reumática e, talvez, pensando mais demoradamente sobre isso hoje, as lesões nos joelhos que tanto rendiam reclamações quando já homem feito caminhava pelos lavrados roraimenses.

Mas o afeto profundo que os avós lhe dedicavam entre os pomares e xingamentos em italiano, raiz cultural que funda aquela comunidade no sudeste, o faziam seguir adiante, ainda que todos estranhassem quando o menino se perdia nos desenhos que fazia em carvão para

cumprir as tarefas escolares. Foi também a força do afeto com que fez, desta feita ele mesmo, estranhar os olhares de esguelha e comentários à boca torta dirigidos a sua mãe preta, Dona Cota, que à época era a única negra da região. Ele não entendia o porquê daquilo se ela com a força de seus benzimentos e rezas só sabia curar e pedir, já na adolescência, “*Sorta os cabelo, fio. Sorta os cabelo*” e prometeu desde então que jamais ninguém voltaria a discriminar nada nem ninguém na sua frente. Pude comprovar isso quando, num dia qualquer em um supermercado, um homem afrontava outro, venezuelano, em uma briga de estacionamento que descambou para a xenofobia ou quando em uma batida policial violenta em frente do seu chalé em Pacaraima chamou a atenção dos policiais e pediu que fizessem a abordagem corretamente.

De fato, para o amor não há explicação, já para o ódio sim, e daí aprendeu o significado da palavra discriminação, em particular a racial. Assim, buscou mudar a realidade que o cercava e que lhe deixou a infância pelo meio. Sabia que só conseguiria através da educação e, ainda que tivesse terminado o ensino médio, continuava ligado às atividades da escola local, na qual idealizou a primeira feira de ciências em que foram apresentadas desde objetos que transformaram-se em relíquias pela antiguidade que tinham aos povos indígenas, expulsos e extintos da região.

Mas a terra era pouca e o trabalho muito, e, portanto, continuou alternando seus turnos de trabalho na roça e uma banda de rock em que era baixista até o dia em que recebeu a notícia de que havia passado no vestibular da UNB para o curso de Letras, então subiu na boleia de algum caminhão e rumou à Brasília, enfrentando toda sorte de adversidades a que estão sujeitos mesmo hoje aqueles que enveredam pela vida universitária no país. Soube então ele dos gregos, de Shakespeare e de Manoel de Barros, dentre tantas outras coisas que parecia magistralmente tão bem conhecer. De lá só saiu doutor em Teoria da Literatura no ano de 2006 e, nos agradecimentos que fez em sua tese, deixou claro aquela que seria a tônica de toda sua trajetória profissional: “*Principalmente, agradeço à existência do ensino público no Brasil: aos Josés, Marias, Pedros, Joanas etc. que apesar de nem saberem da minha existência, pagaram muito caro pelos meus estudos durante toda vida.*”

Foi assim que, consciente do poder transformador da educação pública, pois ele próprio era prova de como a mudança pode romper com todo um ciclo de violências as mais diversas que nem se pode

imaginar, Devair chega ao extremo norte ainda em 2006, aprovado no concurso público da recém-criada Universidade Estadual de Roraima. A ideia de contribuir para com o ensino público superior nas mais distantes áreas dos centros urbanos, e por isso mesmo mais vulneráveis socialmente, o atraía enormemente e nem admitia que a educação não tivesse outra finalidade que não essa, que não democratizar o ensino público de qualidade às mais diversas parcelas da sociedade. Contudo, uma pergunta lançada por uma antiga professora e orientadora reboava em sua cabeça: “*Você já pensou no que pode não encontrar lá?*”. Assim, com sua capacidade invulgar de perceber os outros, se deu conta de que talvez ali não precisasse apenas ensinar aos alunos em sala de aula, mas também ele devia aprender a ouvir o que eles tinham para dizer.

De tal forma que idealizou, organizou e realizou com ajuda da comunidade acadêmica seis edições do Yamix (2008-2013), evento que reunia arte, cultura e ensino. Nas suas últimas duas edições chegou a comportar mais de 200 artistas brasileiros, venezuelanos e guianenses que se revezam no palco erguido em Pacaraima com apresentações que iam de orquestras sinfônicas a grupos de dança afroreligiosa. O Yamix corporificava a crença de Devair que o conhecimento não era um artigo de luxo ao qual a população não pudesse ter acesso. O conhecimento é direito inerente ao homem por mais que mesmo hodiernamente se pense exatamente o oposto. Também idealizou e coordenou o Projeto de Letramento Guariba, que atuou de 2011 a 2017 em Pacaraima.

O município de Pacaraima, que ainda hoje sofre com inúmeras questões relativas à sua vulnerabilidade social, em razão do garimpo, do constante movimento migratório entre Brasil e Venezuela e dos conflitos causados pelas disputas de terras entre não-índios e índios, ainda hoje possui índices educacionais deficitários, nitidamente reflexo dessa complexa realidade. Prova disso que nos anos de vigência do projeto foram atendidos mais de 500 alunos que eram encaminhados pelas escolas por apresentarem dificuldades de leitura e escrita. O projeto voltava-se para crianças a partir da antiga 5ª série, pois era justamente a partir dela que as relações entre leitura e escrita passavam a se complexificar. Em *O Canto do Guariba* (2018), livro que reúne as experiências vivenciadas pelos acadêmicos enquanto agentes atuantes dentro do processo de letramento junto às crianças atendidas, Devair declara na introdução “*Nunca encontrei criança problema*”, e pessoalmente ele sempre dizia “*Encontrei família problema, comunidade problema, sociedade*

problema”. E era mesmo. De certa forma, o sucesso do projeto deveu-se em boa medida ao afeto trocado entre ele, alunos bolsistas e crianças atendidas. Isso ficava patente nas festinhas de final de ano quando ele, os alunos bolsistas e a comunidade em geral buscavam apadrinhar crianças do projeto dando presentes que eram distribuídos por um Devair munido de gorro de Papai Noel seguidos de um enorme, longo e terno abraço que só ele sabia dar. Como acrescentou nas outras informações relevantes em seu currículo Lattes: “*A vida tem de ser melhor pra todos. Luto por isso*”.

Também nasceram os projetos de pesquisa que ouviam os garimpeiros e os índios, populações à margem da margem não só da sociedade como dos estudos literários. Surgem os projetos aprovados pelo CNPq: *Do carvão ao diamante* (2009-2015) e *Registro e Narrativa Oral Indígena: Registro e análise na Terra Indígena Raposa Serra do Sol* (2010-2014). Este desdobrou-se no *Panton Pia'* (2007-2020), que em língua macuxi quer dizer “perto da história”, “junto da história”, e que buscava explorar a poética oral dos povos indígenas do Circum-Roraima. Este talvez tenha sido o seu mais retumbante trabalho em face à sociedade roraimense e à acadêmica. Desde a visita do naturalista alemão Theodor Koch-Grünberg, entre os anos de 1911 e 1913, não se tinha a organização, compilação e conseguinte configuração das artes verbais indígenas como a realizada dentro do projeto *Panton Pia'* e, em especial, percebida pelo viés dos estudos literários. Mas não se pense que o projeto que seguia as etapas propostas pela História Oral deu voz aos mais de 42 indígenas entrevistados. O projeto não partia desse princípio, mas do princípio de que, mais do que voz, os indígenas tinham o canto, tinham o grito de resistência há mais de 500 anos e tinham muito para ensinar sobre outras formas de viver distantes da predação consumista e consumidora que a cultura não-indígena ainda quer empurrar goela abaixo de todos. Ele sempre teve em seu cerne que não só é possível andar lado a lado, em igualdade de forças, como não há outra alternativa caso não queiramos correr desenfreadamente rumo à nossa própria extinção.

Arrisco-me a dizer que o contato com os povos indígenas foi o ponto de virada na vida de Devair. Dele resultaram suas obras *Urihi – nossa terra, nossa floresta* (2017), ilustrado pelo artista plástico macuxi Jaider Esbell, que versa sobre a trajetória de um jovem yanomami sequestrado de seu povo, cuja família dizimada pela gripe é escravizado

por um não-índio para trabalhar na atividade que ajudou a extinguir sua comunidade, o garimpo. Também resultaram na obra monumental *Panton Pia' – Eremukon do Circum-Roraima* (2018), publicado pelo Museu do Índio com apoio da Unesco, que reúne cantos de Terêncio Luiz e Zenita Silva, além de traduzi-los e transcrevê-los em partituras, também apresentando fotograficamente o presente e futuro dos povos indígenas que, diferentemente do que se pensava, não estavam nem estão fadados ao desaparecimento e têm nomes e rostos como apresentados na seção Macuxi Vivo. Outras três obras também foram vertidas para o papel em edições bilíngues nas suas respectivas línguas indígenas (taurepang e macuxi): *Panton Pia' – a história do menino Timbó* (2019), ilustrado por Mário Flores, indígena taurepang, filho do narrador Clemente Flores, *Cantos e Encantos – Meriná Eremu* (2019) e *Panton Pia' – a história de Makunaima* (2020). Foi também dentro do *Panton Pia'* que foi desenvolvido o trabalho “Do parixara ao areruia”, de Jucicleide Mendonça Santos, orientada por Devair, e que venceu o prêmio Dirce Côrtes Riedel de melhor dissertação, dado pela Associação Brasileira de Literatura Comparada no ano de 2019. Além disso, outras tantas dissertações, artigos, palestras, simpósios desenvolvidos tendo como ponto fulcral as artes verbais ameríndias.

Ainda me pergunto se havia alguma coisa que Devair não soubesse fazer muito bem e com excelência. Nem só à pesquisa e à docência dedicou-se com afinco, mas à poesia, à música, às artes visuais com particular paixão pela fotografia. Brinco sempre que só não pode dedicar-se à dança porque os joelhos não permitiam, embora passasse longas horas assistindo a vídeos de Mikhail Baryshnikov que não raro o levava às lágrimas, assim como as más notícias nos jornais ou a fome dos migrantes nas ruas. Ele era assim. Alguém que sentia muito e que não passava nunca indiferente ao sentir do outro também. Sabia do ódio e da solidão dos homens. E foi assim que desaguou em *30 poemas e solidão* (2012) a barra de viver num mundo cada vez menos amoroso. Mas ele ainda era alguém que amava. Desse jeito sabia que talvez colocasse em risco sua produção quando publicasse um livro batizado de *Livro dos Amores* (2014), ainda mais em tempos que o amor, menos que abstrato, acabou tornando-se pura pieguice. Não só publicou como ilustrou com desenhos de próprio punho, e por cima, transformou-se em grande amigo do dono da editora (Patuá), Eduardo Lacerda. Ainda hoje faz um tremendo sucesso com o público, mais ainda o jovem e

o feminino para meus breves ciúmes. Também publicou, pela Máfia do Verso, da qual foi um dos mafiosos cúmplices fundadores (junto comigo, sempre!), *Paiol* (2015), no qual reuniu sentimentos de si e de ser, num jogo de guarda e esconde que o título muito bem ilustra já que num paiol guarda-se para preservar, mas também esconde-se o que talvez não se queira que ninguém saiba da existência.

Só o amor por tudo e por todos o fazia ter um olhar tão singular. Disso ninguém me demove e as fotografias são provas cabais disso, que resultaram em duas exposições: *Cronos* (2013) e *Meu Roraima* (2020). A primeira dedicada à degradação do meio ambiente causada pela ação humana, cada vez mais pouco reversível com o passar do tempo. A segunda, ao modo como via o estado que passou a ser tão dele como o era o Espírito Santo, sua cidade natal. Ele sempre me atalhava em meio à estrada para Pacaraima ou no meio de algum igarapé “*Você não está vendo o que acontece ao seu redor?*” e explicava longa e divertidamente como mais do que as paisagens naturais ele via a luz que rebrilhava em tudo que o sol de nosso estado alcança. Queria compartilhar o sentimento de pertencimento e assim tornou Roraima de todos quando escolheu o título que inevitavelmente passava a pertencer a quem o lia. Foram milhares de fotos assim tiradas e para escolher as que comporiam a exposição lhe renderam noites de angústia e insônia não só causadas pela indecisão ou dúvida, mas pelo sofrimento intenso que lhe causou saber de tudo aquilo que o estado poderia ser e não era pelos incessantes assaltos à democracia e mais recentemente pelos retrocesso provocados pelos resultados da eleição de 2018 que o atacavam diretamente não só no que acreditava como professor e cidadão, mas no que indivisivelmente era como humano.

E foi assim, irremediavelmente humano, irremediavelmente amor, que o conheci. Seu sobrenome me fez estremecer até os ossos durante um bom tempo em que alguém o proclamava. Ele era o professor exigente que todos temiam ter em suas bancas. Mas quando o acompanhava pelas redes sociais vi que não era bem aquilo. Fiquei sabendo que seu sobrenome livremente traduzido do italiano poderia significar “florzinha, pequena flor” ou “riozinho, pequeno rio”, possibilidade plausível em um dos poemas dele que mais gosto: “*Meu ódio é de ter sido pasto, quando poderia ter sido flor/ De ter sido merda, quando poderia desabrochar/ De ter sido água que não corre pro mar/ Que morre logo ali,/ em lago minguado*”. Mas quando passei a conviver com ele, de fato, soube que tanto me faziam nomes e sobrenomes.

Nos fomos possíveis onde achávamos que já não havia mais lugar ou esperança para o amor e, de repente, intempestivamente nos fomos, ou melhor, o amor nos foi, ou melhor ainda o amor nos fez. Sem nomes, títulos ou nada que os valesse. E desde lá não fomos mais nem eu, nem tu, nem nós, nem tínhamos nome, apenas éramos, desbatismo próprio que o amor nos impõe. Fomos alguma coisa para além do gesto e da palavra, espaço-língua que o amor muito bem domina. Para mim, ele continuará a ser aquele que possui a gratidão dos passarinhos. Pude constatar isso quando um dia, depois de parar para revelar as fotos que havia feito mais cedo na estrada, uma revoada deles tomou formato de coração. Ela é uma das que compõem a exposição *Meu Roraima*. Foi ele quem ensinou a imensidão e o azul do céu pelo voo e canto dos pássaros. Ele também sabia a linguagem das flores e plantas quando ninguém mais sabe ou não quer saber sobre a própria linguagem humana.

Há sempre algo de quem ama que permanece em nós ainda que em face da ausência. E assim Devair vai durando em todos a quem tocou com sua sensibilidade, responsabilidade, sinceridade, senso de justiça e sobretudo amor. Em mim, seu amor me deixou vários outros amores, dentre eles nossa forma subversiva da língua portuguesa transformada em carne: Amora. Sigo, seguimos, ainda que assustados, combalidos e mais desbotados neste e apesar deste ano apocalíptico e pandemoníaco de 2020. A faca ceifa o manjerição, mas não sem que sua lâmina saía perfumada. Assim sejamos perfume e flor. Como também ele foi.

Sonyellen F.F. Fiorotti (Sony Ferseck)
Maio/2020

AGRADECIMENTOS

Os Organizadores dos volumes 1 e 2 da **Coleção Literatura de Circunstância**, que reúne contos, crônicas, poemas e micro-contos, unidos pela afinidade temática *Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequência sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva* agradecem sinceramente à boa vontade, disponibilidade, presteza, seriedade e competência com que as bancas de seleção e correção trabalharam para o êxito dessa empreitada editorial que ora se concretiza:

Seleção: Cátia Monteiro Wankler, Francisco Alves, Rosidelma Fraga, Verônica Prudente, Sony Ferseck, Sheila Praxedes, Roberto Mibielli, Edgar Borges, Fábio Carvalho;

Revisão: Sheila Praxedes, Danielle Trindade, Anna Paula Santos.

Sem a disposição e o trabalho árduo, rápido e eficiente, além de totalmente voluntarioso, de cada uma dessas amáveis e inteligentes pessoas – muito comprometidas com a disseminação da literatura como campo artístico e como esfera específica do conhecimento humana – em especial da professora Sheila Praxedes, que atuou nas duas etapas e liderou a segunda –, não teria sido possível realizar tão belo trabalho em tão curto tempo.

Agradecemos também ao empenho do servidor George Brendom, que teima em contrariar a mítica nefasta e injuriosa que mancha a imagem do funcionário público, trabalhando por dois ou mais; ao Vice-Reitor da UFRR, professor Silvestre Lopes de Nóbrega, pela disponibilização dos recursos daquele setor da UFRR para a impressão do presente volume.

Agradecemos ainda aos que vivendo o sonho da literatura, em suas mais diversas manifestações, se empenharam em colaborar, enviando-nos sua produção, ainda que, desta vez, não selecionada, o nosso muito obrigado.

Vocês muitos nos honraram e orgulharam com sua participação!

A todos vocês, nossos mais sinceros e reconhecidos agradecimentos.

Os organizadores

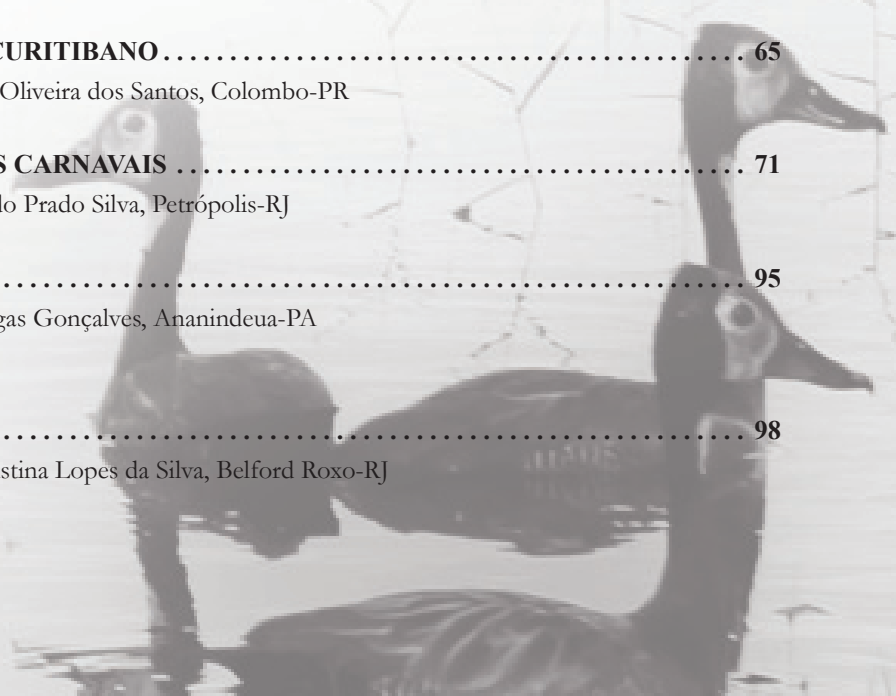
DEVAIR-SE

Jeane Magalhães Xaud, Boa Vista-RR

*Como teus passarinhos na fotografia
Vida quis ser breve instante
Roseira grande que tu eras
Fostes perfumar outros cantos
Espreitar-te partindo
Por que não sou só tristeza pandemonica?
Talvez por imaginar-te livre
Corpo na terra, alma etérea navegante
Sensação de que não quiseste ver
Corona matar teu povo
Ganância
Xamã vendo o céu cair
Por tua voz e coração de urso
Carinho ao dizer-me anja
Espalho teus anseios de igualdade
E arte pra toda parte
Semente boa
Quimera para além da pandemia
Tuas flores vivas restaram em nós*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
Fábio Almeida de Carvalho	
Roberto Mibielli	
Edgar Borges	
CONTOS	
PÁGINAS EM BRANCO	20
Jean Luiz Neves Abreu, Uberlândia-MG	
DESMATADO	30
Jonatan Magella da Silva, Nova Iguaçu-RJ	
LIBERDADE	37
Gabriel de Souza Alencar, Boa Vista-RR	
CAFÉ POR CIMA DO MURO	50
Aline Cristiane Nardi, Campinas-SP	
VÍRUS, ESSÊNCIA, POESIAS E CONTÁGIOS	54
Laércio Meirelles, Torres-RS	
UM VIRAL CURITIBANO	65
Wellington Oliveira dos Santos, Colombo-PR	
ENTRE DOIS CARNAVAIS	71
Anderson do Prado Silva, Petrópolis-RJ	
VÍRUS	95
Rafael Chagas Gonçalves, Ananindeua-PA	
SURÍV	98
Regiane Cristina Lopes da Silva, Belford Roxo-RJ	



FURTA-COR..... 102

Leonardo Silva Messias, São Paulo-SP

VIZINHANÇA..... 105

Lorena Grisi, Salvador-BA

ABRACE-ME COM PARCIMÔNIA..... 107

Mateus Santos Brandão, Aracaju-SE

LUZES ARTIFICIAIS..... 112

Kênia Marangão, Garça-SP

MIADOS SURDOS..... 128

Alex Alexandre da Rosa, Jundiaí-SP

A NÉVOA..... 130

Juliana Nascimento Berlim Amorim, Rio de Janeiro-RJ



COLEÇÃO LITERATURA DE CIRCUNSTÂNCIA UMA APRESENTAÇÃO

O propósito de toda editora universitária que se preze é duplo: por um lado, e de forma quase sempre mais imediata, ela é, por excelência, o veículo que viabiliza e potencializa a publicização do conhecimento acumulado mediante o processo de estruturação e adensamento do pensamento científico e social do ambiente em que atua, mediante a produção de livros técnicos e científicos; por outro, ela tem o dever de potencializar, por meio de sua atuação, o impacto tanto da missão humanizadora, quanto da ação civilizadora, que é o cerne da existência de uma Universidade enquanto instituição de ensino superior, pesquisa e extensão.

Durante mais de uma década, a Universidade Federal de Roraima (UFRR) gestou o sonho de criar uma editora para dar apoio a essa missão. Há alguns anos, esse objetivo foi concretizado e, desde então, entre altos e baixos (que acompanham a errância da vida histórica, civil, política, econômica e social do Brasil), a EdUFRR vem contribuindo para o aprofundamento do conhecimento sobre a realidade amazônica, sobretudo no que tange à realidade de Roraima. Essa diretriz se concretizou principalmente na publicação de pesquisas derivadas da atividade docente em sua multiplicidade e da produção de trabalhos de grau – dissertações e teses.

Talvez isso explique, em alguma medida, a prevalência de publicações relacionadas à produção científica, técnica e metodológica que configura o grosso do catálogo da EdUFRR, em contraste com o muito baixo investimento na produção da vertente editorial artístico-literária. Essa, aliás, tem sido uma das reiteradas reivindicações da comunidade de pensamento local, que, distante dos grandes centros, sofre com o quase ineditismo das publicações de caráter quase sempre independente que produz.

Não obstante, diferentes aspectos (tais como o recente interesse da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - por uma maior inserção social dos programas de pós-graduação nas comunidades circundantes; a formação e a estruturação de uma massa intelectual e pensante melhor qualificada e capacitada

para a leitura crítica de textos literários em Roraima; senão também o aumento expressivo de uma tradição crítica local; além da própria verve editorial universitária – com suas pretensões à universalidade), abrem espaço para que a EdUFRR possa ampliar suas atividades e propiciar a inclusão de linhas editoriais de gêneros não científicos (drama, romance, poesia, conto, crônica, miniconto, etc.) e autores diversos (locais, brasileiros e americanos, em geral).

A presente publicação, dos volumes 1 e 2 da Coleção Literatura de Circunstância, substancia um empreendimento editorial que foi gestado com a finalidade de exatamente suprir essa lacuna na vida intelectual de Roraima. Trata-se de iniciativa concebida em regime de parceria entre a EdUFRR, o PPGL/UFRR e o Coletivo Caimbé de Autores de Roraima. Temos a expectativa de que ela se torne prenúncio sobre o futuro dessa demanda e de seu impacto na definição de políticas editoriais mais plurais e diversificadas na UFRR.

É, então, no contexto de uma Pandemia que obrigou a mulheres e homens dos quatro cantos do planeta a conviver com uma situação inédita e sem precedentes na história recente de humanidade que a Coleção Literatura de Circunstância foi concebida – para criar condições para o fortalecimento do debate artístico-intelectual sobre as Pandemias: cuidados, prevenção, efeitos e consequência sobre a vida humana: dimensões múltiplas de uma temerária e inquietante experiência coletiva.

O presente volume tem por base a constatação de que, desde a antiguidade (tal como comprovam os livros bíblicos de Samuel, que tratam da praga que castigou os filisteus porque tomaram dos hebreus a arca do Senhor; e a *História da Guerra do Peloponeso*, que descreve a peste de Atenas, ocorrida em 428 a.C., narrada por Tucídides; passando pela Idade Média, que legou um texto da envergadura do *Decamerão*, de Boccaccio; até o século XX, em que a obra de Albert Camus é referência em termos de metáforas para epidemias e opressões) a literatura tem exercido importantes funções sanitárias e cognitivas sobre toda sorte de dilemas impostos pelas situações de grandes calamidade, como essa em que ora vivemos. Ao longo da história, a literatura, mediante sua capacidade de ampliar as noções de realidade profunda, verdade e beleza tem sido potente lenitivo para as dores humanas.

Os presentes volumes se inscrevem nessa tradição. Eles contêm textos que tematizam, ainda uma vez, uma situação pandêmica e seus efeitos: mudança de percepção em relação às noções de tempo, valor da vida, amizade, amor, solidariedade, etc; mas também as formas de suportar o isolamento social; os efeitos causados sobre as relações da vida doméstica, privada, da alcova, entre tantas outras situações com que deverá se deliciar o leitor que se dispuser a experienciar as condições múltiplas e tão comuns de nossa humanidade.

O selo Literatura de Circunstâncias intenta a cada semestre fazer uma chamada para publicação de um volume com um tema novo, com assunto da hora. As regras de cada uma, embora se trate de uma coleção, serão específicas para cada edição. Os dois primeiros volumes ora dados à luz homenageiam o recém-falecido professor, poeta, fotógrafo, construtor e pesquisador da UFRR: Devair Fiorotti, como notará o leitor nas páginas impressas a seguir.

Avaliamos que nossa iniciativa foi exitosa porque estimulou um grande número de autores residentes não apenas em quase todo os estados da federação brasileira, senão também em outros países, a escreverem contos, minicontos, crônicas e poemas sobre as peculiaridades do momento e as circunstância em que ora vivemos – acossados que estamos, enquanto indivíduos, e enquanto espécie, por um vírus nano-minúsculo, porém, giga-poderoso.

Os presentes volumes contêm conjuntos de 15 textos cada: o vol. I – *poemas, minicontos e crônicas*; o vol. II – *contos*, que abordam literariamente, mas de perspectivas diversas, as consequências do estado de pandemia sobre a vivência humana.

Desejamos colocar à disposição do amigo, *lector in fabula*, uma experiência de leitura interessante, curiosa, esteticamente relevante e com capacidade para propiciar uma reflexão profunda sobre a riqueza e a miséria da nossa experiência humana. Esperamos que, demais, possas desfrutar da excelente companhia desses diversos escritores – a quem sinceramente agradecemos pela presteza e denodo com que atenderam a nossa chamada.

Fica a expectativa de que muitos usufruam dessa rica experiência de leitura nesses nossos tempos de longos e necessários isolamentos; e, quiçá, que ela possa nos ajudar a mitigar um pouco os dissabores

decorrentes da convivência não somente com esse vírus cruel, mas também, e talvez sobretudo, com a virulência dos que não conseguem ver nas múltiplas possibilidades da vida humana a poesia do simples existir.

Que fiquemos em casa, se pudermos!
Aproveitemos o ócio para ler um bom livro!
Em certas ocasiões, a leitura e o isolamento salvam vidas!

Fábio Almeida de Carvalho

Diretor da Editora da UFRR

Roberto Mibielli

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRR

Edgar Borges

Coletivo Caimbé de Autores de Roraima

PÁGINAS EM BRANCO

Jean Luiz Neves Abreu, Uberlândia-MG

1º dia

Como de costume acordou de madrugada sentindo queimação na garganta, problema causado por uma gastrite eterna. Ficou pensando na vida enquanto o tempo passava. Logo levantaria da cama, tomaria banho, escovaria os dentes e os cabelos que restavam antes de ir ao trabalho. Ao se levantar, lembrou que não tinha para onde ir. O Governo decretou quarentena no dia anterior e, segundo o ofício recebido por e-mail no fim do expediente, as atividades estavam suspensas até determinação contrária das autoridades competentes ou da empresa. Lembrou-se também das cervejas que bebeu junto com os velhos amigos no bar, motivo da queimação. Pra isso havia cura, felizmente.

2º dia

Passou o dia revisando um relatório. Se tudo voltasse ao normal logo, já teria adiantado o trabalho e poderia se livrar momentaneamente de uma preocupação. Pelo menos, naquele período, não teria que aturar o chefe, os colegas de trabalho, todos uns chatos, com poucas exceções. O isolamento conferia, momentaneamente, uma solidão prazerosa. Mas já sentia falta de seu velho hábito de ir à padaria, tomar café e comer o pão com manteiga estorricado na chapa e da reclamação diária com a garçonete que servia, apesar das reclamações, o café açucarado. Ali, via todos os dias um desfile de pessoas. Moças solitárias e perfumadas que tomavam o café com pressa, velhos que só iam comprar pão, casais solteiros dos mais diversos tipos, trabalhadores de terno e gravata ou de uniforme. Nos fins de semana o ambiente era inundado por famílias com seus carrinhos de bebê. Todas pessoas de bem, que traziam uma bíblia embaixo do braço ou vestindo roupas casuais, aproveitavam o café antes de ir para o clube. Alguns exalavam, junto com o cheiro de perfumes doces, uma soberba diante dos atendentes. Daqui alguns dias, meses, se tudo isso durasse, alguns deles estariam a mendigar pão nos sinais de trânsito, pensou. Talvez ele também fosse soberbo, por se

achar diferente daqueles homens ou mulheres. Pouco importa, hoje ele não poderá ir à padaria. Ainda bem que sabe fazer um bom café, com açúcar na medida, e tem ovo na geladeira. O mercado pode esperar alguns dias.

5º dia

A despensa vazia era um alerta. Das coisas que sempre teve medo, uma delas era a de não ter o que comer. Durante os anos da juventude, quanto tinha que se sustentar na faculdade com os poucos recursos disponibilizados pelo pai, mas sem os quais não poderia ter se formado, via-se obrigado a uma dieta restrita de pão, salsicha e outros enlatados baratos, que eram sempre acompanhados de uma “pinga” forte e barata. Diante disso, resolveu ir ao mercado. As ruas vazias sinalizavam um novo tempo. Apesar de sua solidão, sempre gostou de caminhar pelas ruas da cidade. Sentia-se como um personagem de literatura, do livro do Macedo ou do Fonseca. Gostava de observar as coisas e as plantas e também as mulheres, principalmente aquelas que iam para academia de manhã, com suas calças legging, aquelas bem apertadas, de academia. De seu velho apartamento até o mercado mais próximo o percurso durava cerca de trinta minutos a passos lentos. Para sua idade, aquilo já era um desafio. Apesar das facilidades de se pedir comida e fazer compra pelos aplicativos do celular, preferia flunar pelas gôndolas e, quem sabe, achar algo inusitado. O prazer dos dias anteriores foi subitamente interrompido pelo pânico da quarentena. O mercado estava cheio, várias pessoas próximas às outras, expondo-se ao contágio. Fez o melhor que pôde. Restringiu-se ao essencial: carne, cerveja e enlatados. Lembrou de um conto no qual o personagem principal, também um velho solitário, passava os dias a olhar pela janela a comer enlatados.

6º dia

Nutria esperança que logo aquele período de privações acabasse. Pudesse voltar à vida normal, ao trabalho, às tensões do cotidiano, ao familiar reduto de discussões do dia. Ao movimento, andar pelas ruas, ver gente, jogar pedra no gato, olhar para as mulheres vestidas de legging ou vestidinhos, com os pés de fora, beber a cerveja ordinária, reclamar com o garçom que o preço estava caro, a porção ruim. Ficar

na rua até tarde, voltar pra casa e dormir sem tomar banho. Prazeres aos quais, antes, quase não se dava importância.

10º dia

Decidiu que iria largar os enlatados. Talvez fosse um bom momento para refletir sobre a vida que levava. Repensar os hábitos alimentares, praticar exercícios físicos no diminuto apartamento. Entregar-se a alguma meditação de uma seita ou religião. Virar vegano em respeito aos animais ou vegetariano, caso a primeira opção fosse difícil. Tal tarefa não seria difícil. Afinal, o cardápio de programas de televisão, publicações e páginas na internet, com vídeos, textos e tutoriais da vida saudável eram fartos. Em tempos de pandemia muitos eram aqueles a lucrar com a saúde. Afora os médicos e planos de saúde, havia também o coaching. Os coaches davam uma aura e um sentido aos novos tempos, ensinando a lidar da melhor forma possível com o isolamento, período a ser aproveitado para expansão das capacidades produtivas do indivíduo. Que se dane, pensou. Logo voltou atrás nesses pensamentos pegou a feijoada enlatada na dispensa, sonhando com uma de verdade. Lembrou de sua mãe, aquela sim sabia fazer uma bela feijoada. Não sabia se gostava mais da comida ou dela. Pensando bem, nunca se deu bem com a mãe. Ficou com a primeira opção.

20º dia

Acordou de novo, no meio da noite, atormentado por um sonho.

25º dia

Acordou novamente, no início da noite, atormentado pelo sonho.

27º dia

Não conseguia dormir bem. Isso já fazia tempo. Desde muito cedo, mesmo quando criança, dormia pouco. Com medo das árvores da casa vizinha onde morava, cujas luzes exteriores faziam sombra em seu quarto, nunca deitava no escuro. Com os anos, um pouco daquele medo passou. Mesmo assim, deixava uma fresta da janela aberta, o que comprometia ainda mais o sono.

30º dia

As notícias não eram boas. O número de mortes aumentava a cada dia. Após assistir ao noticiário matinal sentado no sofá da sala e tomar seu café, resolveu voltar para o quarto e tentar dormir. Para fugir de tudo aquilo, ligou o velho aparelho de som e colocou alguns vinis. Aquilo não o distraiu o suficiente. Iria ver um filme de violência ou erótico, quem sabe. Mas também desistiu. Pôs-se a imaginar uma daquelas moças de legging, só com a calça, e se masturbou. Acordou no início da noite, com restos de seus devaneios pelo corpo.

40º dia

A morte assombrava a todos. A televisão não parava de repetir a importância do isolamento. Mas as pessoas não davam atenção. Muitas delas insistiam a caminhar pelas ruas, mesmo com os cadáveres jogados na calçada. Jamais imaginou que aquilo poderia acontecer. Filmes e livros distópicos teriam previsto o futuro presente? Lembrou ter revisto pouco tempo atrás Mad Max e Blade Runner. Até pensou em retirar a peste da estante, mas ficou com preguiça. Melhor voltar a fechar os olhos. Quem sabe tudo isso não passa de um pesadelo, pensou.

41º dia

Acordou mais tarde do que o costume. O celular estava quase sem bateria. Olhou o relógio na parede e já eram onze horas. Sentia calafrios, estava com o corpo suado. Alguns dias atrás teve que ir ao mercado para comprar mais enlatados e bebidas. Imaginou que pudesse ter cometido algum erro. Não lavado as mãos direito, tocado em alguma superfície e depois encostado a mão no corpo e permitido que o vírus se infiltrasse na sua carne já carcomida pelo tempo. A paranoia tomou conta de sua cabeça. Decidiu medir a temperatura e estava tudo normal, cerca de trinta e seis graus. Ficou aliviado. O dia lhe parecia belo. A perspectiva da doença ou de uma morte incerta deu à vida um novo sabor e sopro. Pensou: que bom é viver. Como é bom poder comer e assistir de casa os mortos serem enterrados em seus túmulos ou largados nas ruas para serem recolhidos. Como é bom desfrutar dos prazeres da vida, de uma boa sopa enlatada, enquanto os pedintes perambulavam pela rua. Mas logo aquela alegria se desvaneceu. Da janela de seu quarto, o terreno

baldio já recebia os primeiros corpos de cadáveres putrefatos, cujo cheiro emanava por todo o quarteirão.

53° dia

O dia hoje estava frio. Usava um velho cobertor. A noite passada havia chovido. O que foi bom, porque lavou as ruas. A prefeitura tinha providenciado um maior número de carros funerários e caçambas para recolher os corpos. Lembrou do livro de Loyola Brandão, em que havia comboios que levavam corpos. Distopia encarando a realidade.

55° dia

Estava solitário fazia tempo. Conversava apenas pelos aplicativos de mensagens com seus amigos, aqueles que ainda não tinham falecido e com a irmã. Suas mensagens de otimismo e os links para acessar as missas já estavam enchendo a paciência. Diante disso, resolveu visitar antigos sites em busca de companhia. Mas como faria? Como desinfetaria a mulher que oferecia seus serviços? Quando pedia comida pelos serviços de delivery era razoavelmente simples. Bastava passar um pano com álcool ou “água sanitária”. Sempre teve medo de outros contágios, mas agora era pior. O velho prazer de ver filmes em sites pornográficos já não bastava. Pensou em pesquisar em um site de compras uma boneca inflável. Tempos atrás se surpreendeu com o realismo de algumas, verdadeiros robôs sexuais, com as quais alguns homens chegavam a ter um relacionamento sério. No seu caso, bastaria uma boneca inflável, dessas mais comuns, que podia encher ou esvaziar quando bem entendesse.

56° dia

Sua nova companheira iria demorar a chegar. Estava ansioso, mas enquanto isso não acontecia teria que se contentar com o prazer solitário. Os relacionamentos nos últimos tempos tinham mudado bastante. Quando jovem seu sonho era ter uma namorada, onde pudesse ir à casa dela, conhecer os pais, tomar café e namorar sentado no sofá. Nunca teve isso. De toda forma, não iria ficar filosofando sobre o amor nos tempos de pandemia. Afinal de contas, não era filósofo ou pensador

capaz de alguma reflexão com pretensões histórico sociológicas sobre o assunto. Deixava aquilo para os especialistas, que nos últimos dias se debruçaram sobre isso, debatendo a questão em lives ou em ebooks, oferecidos gratuitamente ou vendidos com desconto em lojas virtuais.

65° dia

A encomenda não chegou. Enviou um e-mail para o serviço de atendimento.

70° dia

Após dias sem resposta, resolveu ligar para a loja virtual. Depois de várias tentativas, o sistema o atendeu. Sem a possibilidade de ser encaminhado para um atendente, ao digitar o número do pedido foi informado que as entregas estavam suspensas. Na próxima fatura do cartão, o estorno seria disponibilizado. Ficou prostrado o dia todo. Resignou-se a comer dois entalados e a ver programas antigos de televisão, que já eram reprisados várias vezes.

71° dia

Após um sono pesado, auxiliado pela quantidade de bebidas e de remédios da noite anterior, levantou-se e fez o café, colocando um ovo pra cozinhar. Olhou pelas estreitas janelas da cozinha. Ao longe um dos fornos crematórios construídos no centro da cidade expelia uma fumaça cujo cheiro estranhamente não sentia. Ao comer o ovo, também não sentiu o paladar. Teria contraído o vírus? Impossível, pois tomara todos os cuidados possíveis. Nem ir à rua foi mais, limitando-se a comprar tudo pelos serviços de entrega. Talvez a doença estivesse incubada. Pediria que o serviço de saúde estatal enviasse um teste para ele? E se estivesse contaminado e fosse obrigado a comunicar às autoridades de saúde; provavelmente teria de ir para um hospital ou então ser colocado nos hospitais de desinfecção. Melhor seria enfrentar tudo aquilo sozinho mesmo, pois já estava isolado de tudo e todos.

80° dia

Via pela televisão, nos jornais diários, transmitidos das casas dos apresentadores, os casos de desespero: homens e mulheres que tiravam

a própria vida. Uma família de quatro pessoas promoveu um suicídio coletivo, mas uma criança sobreviveu. Havia também os andarilhos esfarrapados, pedintes nos sinaleiros, alguns em carne viva, assustando os poucos transeuntes e os que insistiam em sair com seus automóveis. A carestia aumentara, dando vazão a atos antes considerados como impensáveis para uma civilização considerada normal. A ficção se tornou realidade. Aqui se viu diante de um lugar comum, uma cena já imaginada e repetida várias vezes, uma narrativa já frequentada em diferentes momentos pelos escritores de ficção. O que havia de novo ali, senão uma realidade nua e crua, que mesmo se quisesse, não poderia se furtar de pensar a respeito dela. Tudo passava diante de seus olhos através da tela do velho aparelho de TV. Os coaches agora ensinavam a morrer da melhor forma possível, a escrever cartas de despedida, a terem uma morte saudável e limpa. Os veganos propalavam que a dieta era o melhor remédio para evitar o mau cheiro, os odores do corpo e do post-mortem.

83° dia

Recebeu da irmã uma notícia triste. Ela testou positivo para o vírus. Apesar de dez anos mais nova, provavelmente teria poucas chances diante do vírus, que a cada dia se tornava mais mortal. Não enviou naquele dia o link da missa dominical, ritual constante em sua vida. Possivelmente, a crença na religião a sustentou durante muito tempo. A fé era como um alimento da resiliência. Nisso, o irmão a admirava. A dele havia perdido algum tempo, pelas coisas da vida e da morte. Sua religião era o enlatado do dia, o filme violento, os sites de pornografia. Uma vida vazia. Mas que tolo era, pondo-se a mais uma vez se colocar no lugar de filósofo, quanta soberba querer dar um sentido àquilo tudo. Apesar de visualizar a mensagem não respondeu. Não tinha direito de desrespeitar qualquer crença alheia.

87° dia

Iria sair de novo. A tensão no ar. Apesar das ruas praticamente sozinhas, alguns cães e gatos, havia algumas ameaças. Pessoas de carro que passavam e ameaçavam os transeuntes, gente com farda e truculenta, assaltantes com armas enferrujadas e improvisadas.

Mulheres magras vendendo trinta minutos em troca de um prato de comida. Adolescentes com bebidas na mão a ameaçarem os transeuntes com bexigas, provavelmente com água contaminada ou outra excreção qualquer. Mesmo assim teria de enfrentar o dia e comprar os remédios de pressão para não morrer de outra coisa. Gostava de ir à farmácia antes, descobrir novos medicamentos, antiácidos, remédios efervescentes, desodorantes diferentes. Agora as prateleiras se tornavam vazias e os estoques baixavam.

89° dia

Lembrou do bolo feito pela mãe e o café quente passado no coador, naqueles tempos em que nem se falava de café expresso. Sentiu falta do pé de mangueira, onde passava as muitas tardes no balanço de madeira construído pelo pai. Depois, ao invés de estudar, ia pra rua e chegava em casa sujo de terra ou com o dedão do pé esfolado. Aquela lembrança foi interrompida por uma notícia. Olhou pela janela e a fumaça continuava a sair das chaminés do crematório municipal.

95° dia

Vestidos com roupas hermeticamente fechadas, parecendo escafandros, os funcionários da saúde organizavam as pessoas na fila a serem examinadas. Não teve como fugir. Nos últimos dias o ar tornou-se mais rarefeito, o paladar se foi, a garganta parecia que ia explodir, a febre não passava. Não parava de tremer, de febre e de medo, de um possível destino. Caso se confirmasse, iria ser direcionado para um hospital ou centro de desinfecção, onde um programa de computador decidiria aleatoriamente se poderia receber cuidados, ainda que paliativos, ou seria condenado à morte. Caso contrário, recebia o chip da imunidade, dando o direito de voltar para sua vida normal, no apartamento, o que naquelas circunstâncias seria muito difícil. Melhor seria ter ficado em casa, se drogar para a dor passar e esperar a morte deitado na cama, vendo um filme. Até tentou essa saída, mas os remédios acabaram e não havia onde encontrar.

97º dia

Estava aliviado. Os sintomas persistiam, mas os testes acabaram antes de sua vez. Aqueles que não foram examinados receberam uma senha e seriam convocados assim que o serviço de saúde tivesse disponibilizado mais exames. Mas isso iria demorar em razão da escassez de recursos e de sua disponibilidade no mercado. Quanto aos ricos, as abastadas famílias de sábado da antiga padaria, também não tinham dinheiro ou condições de financiarem seus exames. Muitos, aliás, deixaram sua antiga condição e vieram se juntar aos miseráveis descarnados dos sinaleiros. O vírus igualava a todos, ou pelo menos assim parecia. Era pior que uma seita comunista dos velhos tempos...

... dia

Não se lembra mais, faz muito tempo. A confusão mental aumentou a cada dia, hora, minuto e segundo, a respiração mais difícil. Nem sabia como estava vivo ainda. Tossia sangue, a roupa ensopada, o calafrio e a dor intraduzíveis. Tornara-se um trapo humano, um verme rastejante, um moribundo, feito aqueles vinte filmes de zumbis com histórias semelhantes. Não imaginava um fim tão sombrio, pelo menos assim parecia. Nem tinha forças para morrer, como se dizia antigamente dos mortos-vivos em coma, que se agarravam como nunca à vida ou talvez não tivessem mesmo força para desligar tudo

...dia

Registrar os dias não importava mais. Era como contabilizar a dor, o sofrimento, algumas memórias boas outras más. Estava muito magro e fraco, sentia seu cheiro ir embora, misturando-se com os dos moribundos no quarteirão. Pela televisão ouviu a notícia de uma nova droga eficiente para combater o vírus. O entusiasmo tomou conta do mundo, já se planejava um retorno à normalidade, os vivos poderiam prestar homenagem aos mortos. Já se projetavam as comemorações, o hedonismo que procede as pestes. Esqueciam os entusiastas das dificuldades de produção em massa do remédio, das disputas pelo monopólio da venda, da escassez de recursos públicos para imunizar a todos. Mas havia esperança, pelo menos para as gerações futuras;

pelo menos enquanto um novo vírus não viesse a colocar tudo em interrogação, em pausa indefinida.

... Após alguns dias encontraram seu corpo sob a cama, já exalando mau cheiro. Do seu lado uma garrafa de cerveja, uma lata de sardinha, uma velha revista de conteúdo adulto e um diário com páginas em branco.



DESMATADO

Jonatan Magella da Silva, Nova Iguaçu-RJ

1

Faltam apenas duas fotos para terminarmos a árvore genealógica da família: a imagem do nosso bisavô, que morreu há quarenta anos e a do meu pai. Quando me reúno com meu primo Claudinho em sua casa, rodeados por álbuns emprestados pelos parentes do quintal, tenho mais esperança de achar uma foto do bisavô que do meu pai.

2

A casa do meu primo Claudinho é outra realidade, dentre todas as sete do nosso quintal barulhento. Tem Netflix, impressora e ainda telefone fixo; tem um quarto só pra ele; e, o mais estranho, um sino dos ventos. Sabe aqueles pedacinhos de cristal que ficam se balançando quando venta e fazem um som bonito? É a parte da casa que a mãe dele mais gosta de ficar quando chega do trabalho.

3

A mãe do meu primo Claudinho não faz quarentena. Diz que é nas crises que se ganha dinheiro. Segue chegando do escritório, acendendo um cigarro e ficando embaixo do sino dos ventos. Minha mãe não fuma. Fumou quando estava grávida de mim. E também não faz quarentena. Os patrões não deixaram. Ela dorme na casa deles e volta de três em três dias. Como não temos quarto, dormimos na sala. Também não temos impressora, Netflix, muito menos telefone fixo. Mas, quanto a esse último, não me faz falta: tenho a janela secreta.

4

A janela secreta surgiu de um vazamento nos canos da minha casa. Minha mãe mandou quebrar a parede. O defeito foi resolvido, mas o acabamento não foi feito (os reparos da nossa casa ficaram como

uma cirurgia que o médico não dá os pontos e a gente pode ver as tripas). A mãe do meu primo Claudinho não gostou nada da situação. Mas eu e ele, sim: agora havia um pequeno buraco na parede que divide nossas casas. É ali onde, à noite, planejamos os próximos passos da árvore genealógica da família.

5

Nossa árvore genealógica é um projeto ousado. Vai desde o nosso bisavô italiano (que era rico, Claudinho tem certeza) até chegar a nós dois. Mas nós não entramos na árvore, porque a regra é colocar só quem tem mais de dezesseis anos (adultos) ou quem já morreu. Pra juntar todo material, batemos de casa em casa do quintal recolhendo álbuns para análise. É o que a gente tem feito na quarentena. Tiramos cópia das fotos na impressora dele e colamos em uma cartolina, ligando com canetinha os laços de parentesco. Na verdade, em duas cartolinas, porque somos muitos nesse quintal. E ainda faltam meu pai e nosso bisavô. Por isso que, na noite em que Claudinho foi até a janela secreta e me contou que conseguiu um raro álbum preto e branco, nossa esperança de concluir a árvore cresceu como nunca. Perguntei se poderia ir à sua casa no dia seguinte. Ele nunca negou minha presença, mas sempre pergunto antes. Pode vir, ele disse. Pode ser na hora do almoço, Claudinho? Ele deu um risinho irônico e permitiu.

6

A tese de Claudinho é a de que nosso bisavô italiano veio plantar laranja em 1930 e que, de quebra, colheu o amor de uma pernambucana porreta chamada Sebastiana, nossa bisavó, de quem herdei uma porção de coisas, incluindo a cabeça grande. Eu não tenho essa certeza como meu primo Claudinho. Certeza, só da formação do quintal, minha mãe me contou: o bisa comprou o terreno e construiu a primeira casa bem no meio; depois os filhos fizeram as suas na frente; a seguir os netos ergueram outras nos fundos e em cima, formando o caos que vivemos; e agora cá estamos, meu primo Claudinho e eu, na fila. A gente, às vezes, se pergunta na janela secreta se no futuro vamos morar aqui. Por mim, sim, ele diz, adoro a minha casa. Quando pergunta pra mim, digo que não, que quero viajar e morar longe. Ele debocha: você não quer ficar porque sua casa é feia.

7

Às vezes ele não aparece na janela secreta. Quase sempre por suas crises de asma, quando ele não consegue respirar fundo. Mas da última vez, foi por pirraça mesmo. Ficou decidido que a caligrafia da árvore genealógica será a minha, ou seja, serei eu a escrever os nomes dos parentes embaixo das fotos, antes de expormos a obra num muro do quintal. Fizemos um teste: escrevemos uma frase cada e levamos até minha mãe, num raro sábado de folga. Ela estava vendo uma reportagem sobre ficar em família durante a pandemia. Olhou de longe as frases, apertando os olhos, apontou a minha letra e voltou à televisão. Claudinho saiu resmungando: uma mulher que nem obra faz na casa não pode escolher certo. Mas depois a mãe dele, enquanto fumava embaixo do sino de vento, também escolheu a minha frase como mais bonita. Ele disse que trapaceei e ficou sumido um tempo. Fico esperando a boa vontade dele em aparecer. E gosto muito quando aparece. Gosto do meu primo Claudinho. Dos outros parentes, não.

8

Gosto do meu primo Claudinho, principalmente, porque ele divide a comida dele comigo. Minha mãe deixa o arroz pronto pra três dias, eu só preciso esquentar. Na geladeira tem ovo ou fígado de galinha. Quase sempre tem feijão pra ferver. Mas a mãe do Claudinho deixa purê com frango, carne assada com batata e até estrogonofe. Nada contra a minha mãe, mas estrogonofe é covardia. Por isso eu sempre vou visitar meu primo Claudinho na hora do almoço – embora eu esteja percebendo que, desde que minha caligrafia foi escolhida para a árvore genealógica, ele tem me dado pedaços cada vez menores de carne.

9

Depois de lavarmos a louça, começamos a folhear o álbum raro. O sino de vento balança e compunha uma música lenta. Dos fundos, vem um barulho ensurdecido dos vizinhos. Assim que abrimos a capa, Claudinho espirra. Depois espirra de novo quando passa a primeira página. Coloca a máscara que a mãe dele deixou e disse que precisamos fabricar outras. Eu anoto. Entre fotos antigas, achamos uma nossa. Eu e ele, brincando com raquetes de ping-pong. Vamos colocar as nossas

fotos na árvore também, Claudinho. Regras são regras, ele me responde, só quando fizermos dezesseis anos; ou quando morrermos. Fico triste, porque os dezesseis anos pareciam muito distantes. Quanto à morte, só agora com o coronavírus eu comecei a pensar a respeito.

10

A gente tenta fazer o trabalho sério que o livro da família merece, mas de vez em quando se deixa rir com um bigode dividido ao meio, um vestido de bolinhas, um topete – são parentes que não reconhecemos. “Festinha de dois anos”, e rimos dos refrigerantes esquisitos na mesa; “Primos em São Lourenço”, e rimos dos agasalhos das mulheres; “Praia de Coroa Grande 1978”, rimos dos biquínis e dos calções de banho; “Meu amor e eu passeando de Fusca”, e Claudinho ri sozinho. Não acho graça nenhuma. A foto é de minha mãe acompanhada de um homem que nunca vi. Ele continua rindo. Fico putado e tiro a foto do plástico. Ele grita que o álbum tá com ele, eu grito que pode ficar com o resto porque eu só quero aquela fotografia; ele grita que a casa em que estamos é da mãe dele, eu grito que a modelo da foto é a minha; ele grita pra eu ir embora, eu grito que se dane, puxo com raiva a foto de sua mão, levanto num impulso de fúria e minha cabeça, herança da bisavó pernambucana, esbarra no sino de vento.

11

Não consigo colar os cacos que recolhi e levei pra casa. Agora, meu único dever é chorar. Da janela secreta escuto os gritos do Claudinho: vai ter que pagar, cuzão. Choro mais. Odeio meu primo Claudinho, aqueles parentes barulhentos, aquela vida de almoçar na casa dos outros de favor. Quero ir embora viajar. Minha mãe chega. Não tenho coragem de dizer a ela a merda que fiz. Mas ela percebe meu rosto inchado. As lágrimas devem ter um cheiro que só mãe reconhece. Ela me pergunta o que houve, não respondo, e ela vai descobrir na casa 5. Volta calada. Entra no banho. Escorado à porta, ouço seus soluços. Quando ela sai, já vestida, minhas desculpas saem como uma canoa num rio. Ela não me abraça, por causa da quarentena, mas diz que tudo bem, que Deus vai abençoar, e que já pagou o enfeite com o dinheiro que ganhou na diária de faxina. O único problema é que o dinheiro era da mistura pra

janta, filho. Então não existe problema, mãe. Desde que você acredite que foi tudo sem querer, o arroz puro vira a comida mais gostosa do mundo. Olha um restinho de queijo ralado na geladeira, vamos colocar por cima, tem pouco, mas dá pra dois - como se obedecesse à voz de um faminto, o queijo ralado multiplica-se. Minha mãe se acalma. Lavo os dois pratos contra sua vontade (ela se acostumou a servir). Volto, sento no canto oposto ao que ela está. Não pergunto nada da foto do meu pai - se eu já esperei treze anos, espero mais um dia. Da janela secreta, ainda escuto o sussurro do Claudinho: se ferrou, comeu arroz puro, só faz merda, otário. Só faço merda mesmo. Mas aqui, com minha mãe em paz, todos os meus pecados estão perdoados.

12

Uns dias depois veio a notícia: seu primo Cláudio foi internado. Eu tinha acabado de acordar e já estava ansioso, pensando no cardápio do dia, eu havia sentido cheiro de escondidinho de carne moída. Saio no quintal e vejo a mãe dele fumando. As cinzas caíam sobre sua calça social. Ela dá uns tragos e olha pro preguinho onde ficava o sino de vento. Não se acostumou com o silêncio ainda. Me aproximo. Posso visitar o Claudinho no hospital? Ela me olha com alguma ternura: eles não deixam. Mas, ela continua, o Cláudio disse que a árvore genealógica de vocês não pode esperar, então leva esses álbuns pra sua casa, porque logo ele vai voltar e não pode ficar perto de poeira. Questiono como vamos descobrir a história da família juntos. Você pesquisa sozinho através das fontes históricas e depois conta pra ele. Tomo um banho e me arrumo animado para recomeçar o trabalho. É um poder diferente. Eu que vou pesquisar através das fontes históricas. Estou disposto a concluir sozinho, por mim e pelo meu primo. Só tô com um pouco de fome. Ainda não almocei - exausto de fígado de galinha. Quase volto pra perguntar à mãe do Claudinho se não quer me dar um pedaço do escondidinho. Mas dela tenho vergonha.

13

Volto pra buscar os álbuns na casa dele. Sento no chão e ali mesmo vasculho o álbum raro. Encontro uma foto mais grossa que as outras. Tem um menino da minha idade com uma boina, botas altas e um cesto

no chão. Procuo entender por que essa foto é tão grossa e descubro que na verdade é um bolinho de fotos dentro de um mesmo plástico. Puxo as fotos com delicadeza, e elas saem aos poucos sem rasgar. Entre elas, há também cartas. Meu Deus, achei cartas escondidas. Secretas. Finalmente vamos terminar a árvore genealógica. Começo a ler tudo imediatamente, enquanto a mãe do meu primo recebe uma ligação no celular. Eu a escuto falar: que bom que ele está melhor, tomei um susto dos grandes. Duvido o susto dela ter sido maior que o meu, ao descobrir pelas cartas que aquele menino da boina era nosso bisavô, mas de família miserável e que não morreu na infância por pura sorte. A mãe do Claudinho me interrompe. Pergunta se eu quero falar com ele no telefone. Digo que não. Por que não? É que descobri coisas ruins sobre a nossa família. Ela tampa o telefone com a mão e diz: finja que descobriu coisas legais. Não sei como fazer isso. Ela franze o cenho e impaciente, diz: inventa. Em seguida põe o celular no viva-voz pra eu falar.

14

Agora que encontrei nosso bisavô, só faltava colar a foto do meu pai. Mas eu, sinceramente, tinha dúvidas se o queria em nossa árvore genealógica. Além disso, já estava pensando nos próximos projetos com meu primo Claudinho. Quem sabe um livro? Seria perfeito poder viajar o mundo quando acabasse a quarentena. Ele seria o meu sócio. E como quer morar aqui no quintal pelo resto da vida, somos parceiros perfeitos: eu vou, ele fica. Mas meu parceiro não aparece. Durante a semana fico esperando na janela secreta. Me preparo pra recebê-lo com boas notícias. Mesmo quando encontro umas palavras tristes, que mostram o sofrimento do bisa - que precisava pegar trem lotado pra ir pra Copacabana trabalhar fazendo prédio - invento palavras alegres, que nem no telefone, quando disse a ele que nosso bisa era realmente rico, um fazendeiro do ramo de laranjas. Foi a mãe dele quem pediu, não me culpo. Já até inventei a história da nossa bisavó, Sebastiana. Não tem nenhuma carta escrita por ela, mas o bisa falava muito de seu grande amor. Não vou contar pro Claudinho que nossa bisavó veio de Pernambuco num caminhão velho e empoeirado, nem que ela passou sede e fome no caminho. Vou contar que ela veio passear de avião, pediu um suco de laranja no aeroporto, viu a foto do bisa na caixa e se apaixonou. Quando ele chegar, eu conto.

15

Quem chega é minha mãe que está aproveitando a dispensa dos patrões. Ela diz que Cláudio piorou e vai fazer uma cirurgia. Reza por ele, filho. Eu fecho os olhos pra rezar pra Deus e, enquanto vou rezando, sem querer o d de Deus vira d de doutor; e estou pedindo, doutor, não deixa o meu primo Claudinho que nem a janela secreta não, depois da cirurgia, faz o acabamento, por favor.

16

Passo a tarde vendo um filme com minha mãe; depois assistimos ao jornal falando sobre o controle da pandemia na Europa; breve chegará aqui e eu vou poder finalmente viajar com nosso livro. Mas à noite vem a notícia de que o Claudinho teve complicações no pulmão e não aguentou a cirurgia. Corro pra janela secreta. Minha respiração está incontrolável. Meus dentes tremem. Primo, posso ir aí? Meio-dia eu chego! Vê se me dá um pedaço decente de carne! Eu falo, depois grito, mas só ouço o eco da minha voz. Choro sozinho por horas, até que tudo seca e eu respiro fundo e devagar. O Claudinho quase nunca conseguia respirar assim.

27

Venta, mas não tem som de sino. Nem fumaça de cigarro da mãe do Claudinho. Nem barulho no quintal. Os parentes finalmente se calaram. Começo a me sentir melhor. Aí vem minha mãe me consolar. Ela fala que o primo foi pra um lugar melhor, que está em algum cantinho do paraíso lá no céu com as estrelas. Eu digo que ele morreu. E que, estando morto, sei onde ele está. Ela pergunta onde. Abro um dos álbuns e recolho a foto em que brincamos com as raquetes de ping-pong. Corto ele da foto, separando-o de mim para sempre, e colo sua imagem na cartolina. O Claudinho, mãe, foi morar na árvore genealógica da nossa família. Que agora está completa. Não falta mais ninguém.

LIBERDADE

Gabriel de Souza Alencar, Boa Vista-RR

Era o ano setenta e dois da pandemia. Adelaide corria com o menino preso nos braços. Os cabelos pulavam com o vento da noite. O lavrado era um terrível vazio para seus perseguidores; mas para ela, que conhecia aquela terra, era a única salvação. O vento a açoitava e dificultava a fuga. Será que não haveria trégua?

“Hoje não, Cruviana”, ela pensava, “por favor”.

Ela fugia. Para onde? Não importava. Onde ainda haveria esperança? Ela não sabia. Mas corria. Corria e a noite voava. O menino chorava e ela dizia:

— É só o vento, meu filho. Vai ficar tudo bem.



— Vamos, seus incompetentes! Ela não pode estar longe daqui!

As lanternas nos fuzis varriam o horizonte na procura dela. Os homens estavam nervosos. Eles sabiam que ali o vírus não os encontraria, mas... quem sabe o que mais se escondia por ali? Cada passo era lento; cada pequeno som, um tormento.

— Capitão, veja isso! — um soldado apontou para algo no chão.

— O que é? — ele se aproximou e viu algo jogado no chão. — Essa mulher ficou doida! Ela deixou a máscara para trás?

Os homens o olharam com a mesma surpresa.

— Já chega. Vamos voltar — ele fez um sinal para os outros. — Sem isso ela não vai durar nada. A gente coloca tudo no relatório e manda pro Comitê.

— Sim, senhor!

Eles entraram no jipe e o motorista fez o caminho de volta para Boa Vista. A vicinal que cortava a terra indígena era de uma terra fina que o fazia tossir. Ele segurou a tosse, no temor que aquilo fosse entendido como indício de algo mais. A viagem de volta foi um sufoco. O farol iluminava a estrada, mas seus olhos estavam postos na lua que banhava o lavrado.

“Pra onde diabos essa mulher foi?”, pensava.



Os capacetes dourados patrulhavam as ruas. Na praça do Centro Cívico um dos mecanoídes abriu a cancela para que o capitão entrasse. Ele os mirou desconfiado. Imunes ao vírus, mas... confiáveis? Não tinha quem o convencesse disso. Ele estava nervoso. Não seria tão fácil explicar a fuga da indígena.

Capitão Raimundo desceu do carro. Dos degraus do Palácio do Governo ele viu as ruínas da Assembleia Legislativa. Estremeceu. Esse governo provisório lhe dava arrepios. Mas algo dentro dele o lembrava: “faça seu trabalho, não se preocupe com essas coisas”. E este motto permitia que ele dormisse à noite: “faça seu trabalho”. Com o pensamento firme na cabeça, seguiu a pasta com o relatório e se preparou para a audiência.

Ao entrar no Palácio foi levado à sala de descontaminação. Depositou a maleta no chão e abriu os braços. Os jatos de ar químicos subiram às narinas e queimaram por dentro. Ele fez uma careta, mas não reclamou. Era sua rotina desde que nasceu. Será que houve mesmo um tempo em que as coisas eram diferentes? Ele afugentou o pensamento e saiu da sala:

— Destino? — perguntou o mecanoide na recepção.

— Gabinete do subpresidente.

— Nome?

— Raimundo da Costa Filho.

Após alguns toques na tela, respondeu:

— Espere ali, por favor — e apontou para algumas cadeiras.

Ele sentou-se e viu que a televisão mostrava aquela mesma reportagem de sempre. A mesma propaganda explicando como o estado de pandemia evoluiu. Quem no ano de 2020 imaginaria que o vírus ganharia tamanhas proporções? Se os governos e as pessoas tivessem agido corretamente... quem sabe o futuro não seria diferente?

A reportagem mostrava a centralização do poder nas mãos do Comitê de Preservação da Vida. Aos poucos, tudo foi ruindo. Criado como um gabinete de crise, ele foi tomando proporções maiores, até aquele fatídico vinte e sete de junho quando...

— Sr. Raimundo! — a voz do mecanoide o tirou de seu devaneio.

— Pode dirigir-se ao gabinete agora.

— Obrigado — ele não sabia por que agradecia ao robô. Velhos hábitos.

Subiu as escadas e entrou no gabinete ornado. A secretária limitou-se a apontar para a porta da sala do subpresidente. Este fumava um cigarro em pé e sorriu ao vê-lo entrar:

— Fala Raimundo! Oxente rapaz, que demora. Sente aí, sente aí.

— Bom dia, subpresidente — ele disse ao sentar-se.

— Ora, mas que cerimônia é essa? — ele dava passos lentos atrás da mesa, cinzas caíram do cigarro sem odores. — Desde quando não me chama mais de Chico?

— Foi mal, Chico.

— O que houve, rapaz? — ele percebeu que o capitão estava incomodado.

— Olha... — a cadeira ficou desconfortável de repente. Ele não olhava para o outro, com a mão afrouxava a gravata. Ele suava e o ar escapava.

— Fale de uma vez, homem. Que enrolação é essa?

— A desgraça da mulher fugiu, cacete — ele estourou. — Foi isso que houve.

— Raimundo, tu tá de brincadeira comigo, né?

Raimundo tirou uns papéis da pasta:

— Coloquei tudo no relatório — tirou ainda um saco plástico com a máscara dentro. — Foi tudo que encontramos dela.

Os passos de Chico diminuíram, ele aproximou-se da mesa e apagou o cigarro no cinzeiro. Puxou a cadeira giratória devagar e sentou. Nem olhou para Raimundo quando pegou o relatório para ler. Quando terminou, disse:

— Raimundo, isso aqui não tá certo.

Um silêncio desconfortável pairou na sala enquanto os dois homens se encaravam.

— Tá, mas eu vou fazer o quê?

Chico olhou firme para Raimundo e disse:

— Você vai me fazer outro relatório.

— Ué — estranhou. — Como assim?

— No outro relatório eu quero a informação de que ela foi encontrada morta.

— Tá louco, Chico?

— Chico é o caramba — ele sibilou. — O que é que eu vou reportar pro Presidente, hein? Que nosso experimento fugiu? Que a

droga da cura do Covid-25 tá por aí no meio do mato? Tu tá ficando doido, Raimundo? Quer me ferrar?

Raimundo ficou teso na cadeira e suspirou. Após um momento de silêncio, disse:

— E de que adianta fazer outro relatório?

— Pô, Raimundo — ele afastou a cadeira da mesa e recostou-se, tirando um cigarro e um isqueiro do bolso. — Achei que você era mais inteligente.

O outro limitou-se a dirigir-lhe um olhar frio. Chico puxou algumas baforadas e continuou:

— Se o experimento deu errado porque fugiu, eu vou precisar de mais recursos pra fazer outro, não acha? — ele suspirou. — Olha, eu sei que não é o ideal, mas é só fazer outro relatório, entende? Você é o chefe da segurança, coloca lá direitinho. Quantos homens foram contigo?

— Três.

— Pronto, olha aí! Pouca gente. Dá pra resolver isso fácil. Não precisa criar caso.

— Eita, Chico...

— Parente, tu se preocupas demais. Faz só o teu trabalho, faz.

A frase acendeu o interruptor dentro de Raimundo:

— Pô, Chico... você tá certo. Amanhã te entrego o outro relatório, que se dane.

— Isso aí! — ele abriu um sorriso de orelha a orelha. — As coisas, às vezes são mais simples do que a gente imagina.

— Pior que é a gente que gosta de complicar.

Ambos sorriram. Chico levantou-se e parou em frente à grande janela do escritório. Contemplando a cidade, disse:

— Aí fora, Raimundo, tem muita gente contando com nosso trabalho, sabe? — as baforadas nublavam a vista da janela. — Já pensou se tudo acaba hoje, o caos que não seria? Olha a loucura que seria. Diacho, parente, tu não lembras como era antes do Comitê? Tá louco, a gente vivia com medo, não podia fazer nada, tudo era motivo de pânico. Olha aí agora. A gente finalmente tem ordem e progresso nesse país.

— Demorou só quase seiscentos anos — exagerou.

Os dois riram. A velha amizade de tantos anos florescendo de novo.

— Só tem uma coisa, Raimundo... — Chico disse sem virar-se.

— Diga lá.

— Tu vais precisar fazer outra coisa.

— E o que é? — ele ficou logo desconfiado.

— Aquela mulher não vai poder ficar solta assim não — Raimundo ficou tenso. — Tu vais atrás dela e vai encontrar ela pra mim, tá me entendendo?

De costas para a sala, fumando, Chico era uma figura impassível. Raimundo, porém, sabia que o amigo não havia chegado ao cargo de subpresidente à toa. Não eram poucos os motivos para temer. Amizade era um artigo descartável para algumas pessoas que chegam no poder. Não era a primeira vez que Chico pedia alguns serviços fora do comum e Raimundo sabia que não seria a última. Por isso, limitou-se a dizer:

— Sim, senhor.



Com a extinção dos Yanomami em 2038 por conta do vírus, o Comitê adotou uma série de medidas protetivas para o isolamento das populações tradicionais. Se por um lado isso era um holofote para o Comitê apontando para a preservação dos povos ribeirinhos e algumas tribos próximas às cidades, por outro era o subterfúgio perfeito para esconder os campos de concentração. Eis a razão principal de tantos protocolos para acesso às áreas indígenas.

Raimundo pensava nisso enquanto o carro percorria as vicinais naquele final de tarde. Com o mínimo de barulho possível, ele pretendia entrar por uma das rotas alternativas logo que a noite baixasse. Mas a pergunta que estava na cabeça de todos foi feita por um dos soldados:

— Mas, chefe, a gente vai procurar onde? Será que ela foi pra aldeia? — questionou. — Mas lá todo mundo conhece ela.

— Eu sei, Ferreira — respondeu Raimundo. — Mas é lá que a gente vai ter que começar.

No volante, Aelton ouvia os dois em silêncio. Desde que não lhe mandassem fazer nada além de sua função, ele não se importava. Era um motorista que queriam? Era um motorista que teriam. Agora que não venham inventar outro serviço pra ele. Ele buscava ao máximo ignorar a conversa do capitão e os outros soldados. “Foca no seu trabalho”, dizia para si.

— Capitão, o seu contato ainda tá na aldeia? — perguntou Neemias, o outro soldado.

— É justamente com ela que eu quero falar — ele fez um gesto com a mão. — Mas chega de papo furado. Aelton, acelera aí porque eu acho que vai chover.

As primeiras gotas já os tinham alcançado quando eles desceram do carro, na entrada da maloca. Como eram oficiais do Comitê, em nenhum momento questionaram suas credenciais. Foram recebidos pelo tuxaua:

— Opa! Sejam bem-vindos.

— Como está, seu Carlos? — o capitão respondeu, aproximando-se.

— Aqui tá bom, tá bom — então foi direto ao assunto. — Vieram passear por aqui, foi? Até sem máscara vieram.

— Estamos só de passagem. E aqui ninguém precisa de máscara, não tem doente.

— Ah, é?

— Pois é.

— E vão pra onde?

— Ah, isso aí que vamos ver...

— Hum.

— Seu Carlos.

— Diga.

— Por acaso a dona Severina tá por aí?

Ele olhou para os quatro com um olhar desconfiado.

— Deve tá. Por quê?

— A gente queria falar com ela.

— Hum — o tuxaua fez um sinal positivo com a cabeça e pausou antes de continuar. — Mas aí eu não sei se de repente ela não tá indisposta, né?

— Como é?

— Ela já é bem velha... não pode receber visita assim.

— Ah, é?

— Pois é... De repente tivessem trazido uma coisinha pra ela.

— Ah... — o capitão entendeu. Afinal, ambos falavam o mesmo idioma. — É que a gente veio com pressa. Mas veja se isso aqui não dá pra conseguir alguma coisa.

Ele tirou algumas notas do bolso e passou para as mãos do tuxaua.

— Ó... vai ter que dar, a gente se vira por aqui — e segurou firme as cédulas na mão. — Podem vir por aqui.

A noite já havia caído e neste horário a maloca quase toda dormia. Há costumes que não se perdem nunca. Ainda bem. Os soldados passaram sob olhares curiosos de alguns, mas sua visita não causou grande comoção. Tivessem vindo durante o dia, a algazarra teria sido incontrolável.

Dona Severina estava deitada numa rede, balançando-se e entoando uma canção que só ela conhecia. Era a mulher mais idosa da maloca, guardava para si tradições que já se perderam de um idioma que ninguém mais queria aprender. Ela estava acordada, mordiscando lembranças para que elas não se perdessem. Quando se é mais experiente, o sono foge da gente. E ela fugia do sono, temendo que numa dessas não acordasse de novo.

— Sa'pontín, dona Severina — o tuxaua cumprimentou quando se aproximaram. Ela se remexeu na rede e viu os homens. Com a voz frágil, sua primeira reação foi dizer:

— Kaikusi mûikîrî narî o'ma.

O tuxaua sorriu. Já estava acostumado aos devaneios da velha. Mas os homens se entreolharam, desconfiados. Aelton perguntou:

— O que foi que ela disse?

— É coisa de velha doida — o tuxaua balançou a cabeça. — Ela disse “a onça é um animal muito perigoso”. Eita, dona Severina velha de guerra. A bicha tá cada dia mais doida. Mas taí, podem falar com ela. Depois vocês podem dormir perto de mim. Trouxeram rede?

— Não viemos pra dormir — respondeu o capitão.

— Como não? Vão sair à noite, é? — o tuxaua ficou novamente desconfiado.

— Pois é. Tem serviço aí pra fazer.

— É?

— É.

— Hum — apertou as notas na mão de novo. — Como quiserem. Até a próxima.

— Obrigado, seu Carlos.

O tuxaua se afastou com passos rápidos. Seja lá o que for que esses kraiwa estivessem prestes a fazer, que fizessem logo e fossem embora o quanto antes. Não gostava deles. Homens como Raimundo ele sentia o cheiro de longe, era gente em que não se pode confiar. As cédulas na mão eram a única coisa que lhe permitiam suportar aqueles quatro.

— Putz — disse Raimundo, ao lado da rede de dona Severina. — Pô, acho que esqueci meu celular lá no carro. Aelton, pega lá pra mim?

- De boa. Onde tá?
— Acho que deixei no porta-luvas.
— Tá certo.

Raimundo esperou Aelton se afastar um pouco mais e falou baixo:

- Vocês trouxeram? — perguntou aos outros dois.
— Tá aqui, chefe — disse Ferreira.
— Mas será que ainda funciona? — perguntou Neemias.
— A gente só vai saber se testar.

Ferreira tinha uma mochila às costas. Colocou-a no chão e dentro dela retirou uma caixinha de metal comprida. Dentro dela havia uma seringa e material para coleta de sangue. Depois tirou outro objeto: um cubo metálico com um botão em cima.

— Vai logo, caramba — Raimundo estava visivelmente nervoso.
— Antes do Aelton voltar.

— Tá, eu sei — reclamou Ferreira. — Neemias, vai lá enrolar o Aelton, vai. Não gosto que fiquem me apressando.

— E eu não gosto que fiquem me dando ordens — retrucou Neemias.

— Deixa de drama, Neemias — falou Raimundo. — Só vai.

Ele se retirou a contragosto. Enquanto isso, Neemias pegou o braço de dona Severina e procurava nele a melhor entrada para a seringa. A mulher, sem forças para lutar, cedeu como em todas as outras vezes que eles fizeram isso. Reclamou quando a seringa penetrou sua pele, mas ninguém a ouviu. Com habilidade, Neemias retirou o sangue da mulher.

Raimundo pegou o cubo metálico e apertou o botão. O dispositivo abriu um compartimento na lateral e pôs para fora um vidro circular bem pequeno. Sobre ele, Neemias pingou uma gota de sangue. Raimundo apertou novamente o botão e o vidro recolheu-se para dentro do cubo, que emitiu uma luz esverdeada por alguns segundos.

— Tá feito — disse Raimundo. — Ainda funciona.

— Fechou — Neemias despejou o resto do sangue coletado num recipiente e guardou todo o material de volta na caixinha.

— Então vamos embora. Aproveitar que de noite ela não tá esperando a gente.

— Partiu, chefe.

Eles levantaram e deram às costas para dona Severina. Ela mexia-se pouco. O cansaço de anos caindo sobre cada músculo do seu corpo

velho. O braço estendido doía, mas ela não falou nada. Não conseguia. E, quando falava, ninguém lhe entendia ou fazia questão de entender. E lá ficou ela, um resquício de um passado que já agora era apenas uma memória. Os homens caminhavam em direção ao carro e ela ficou.

A rede já não balançava mais.



— Pra direita! Pra direita! — gritava o capitão. — Cacete, Aelton. Não sabe mais a diferença de esquerda e direita é?

— Foi mal, chefe. É que dirigir assim de noite é complicado, né?

— Fala menos e dirige mais.

No lado do passageiro, o capitão segurava o cubo metálico. Uma pequena seta no topo dele guiava sua direção. Era seu compasso. O jipe já havia saído da vicinal há tempos, eles agora rumavam no meio do mato.

— Capitão — disse Ferreira. — Com esse negócio dá pra ver se a gente tá perto?

— Pergunta besta hein, Ferreira — retrucou. — Claro que dá.

— Esse caminho aqui tá levando a gente na direção da serra.

— Ninguém perguntou nada, Neemias — o capitão estava irritado.

— Vocês não sabem calar a boca? Se aquietem aí que uma hora a gente chega. E Aelton, pé na tábua.

Os solavancos do terreno, porém, não permitiam acelerar demais. No horizonte, Raimundo procurava qualquer vestígio de presença humana. Para onde teria ido a mulher? Ele começou a lembrar de Adelaide no laboratório. Não interagiu com ela, mas seu nome foi repetido por vários cientistas. Resistente, boa estrutura corporal, DNA favorável, décadas de testes com sangue indígena, plasmas, vírus... imunidade. Finalmente chegaram no resultado. Um ser humano imune a todas as variações do COVID. Ora, quem diria? Os experimentos foram um sucesso!

Mas ela ainda não era compatível para produção da vacina em larga escala. Era preciso algo mais. Era preciso um ser humano que já tivesse nascido com essa capacidade, não um com uma imunidade produzida artificialmente. Um espécime com um novo DNA, uma nova estrutura, uma nova imunidade.

Será que o menino tinha nome? Não, melhor não. Ele sacudiu esse pensamento da cabeça. Não era um menino. Era um espécime. Há

uma diferença entre uma pessoa e uma... coisa. Não era difícil. Afinal, o governo sabia muito bem o que fazia, ele tinha direito sobre a sua propriedade. Não é dele? Deixa fazer o que quiser.

— Só tô fazendo meu trabalho — ele murmurou.

— Como é, chefe? — perguntou Aelton. O capitão saiu do seu devaneio:

— Nada não. Concentra aí — então a luz no topo do cubo metálico piscou com mais intensidade. — Agora sim a coisa vai ficar boa. Finalmente! Rapaziada, prepara aí, que estamos perto.



A correria surda ocorria dentro da mata fechada. Os homens desviavam das raízes no chão, mas era quase impossível não fazer barulho. Avançavam devagar. Na mão do capitão, brilhava a bússola. Os rifles estavam preparados e cada um deles olhava ao redor com os óculos de visão noturna, na tentativa de encontrar a mulher.

Não havia ali perto nenhum traço de civilização. Teria ela ficado louca de vez? Embrenhou-se na mata para morrer? A floresta os observava também. Na copa das árvores os animais pareciam grandes sentinelas. Os homens tentavam fazer silêncio, porém a mata não tinha este compromisso. Os sons da noite se proliferavam. Porque havia invasores ali.

— Pessoal, pessoal! — o capitão sussurrou. — Vocês estão ouvindo isso?

Eles pararam e tentaram ouvir a noite. Sim. Eles ouviam.

— Capitão... será que é mesmo? — perguntou Ferreira.

— Olha eu tô achando que é isso mesmo — respondeu Neemias. — É choro de criança.

— Bora lá, bora lá! — ordenou o capitão.

Eles correram apressados, o volume do som aumentava, estavam na direção certa. O terreno irregular os atrapalhava, mas seguiam decididos. A essa altura já estavam no pé da serra. Conforme se aproximaram, ouviram:

— Shh, shh... vai ficar tudo bem. Não chora, não chora — seguido de uma melodia simples, um acalanto. O capitão fez um sinal com a mão para estancarem o passo. Com outro comando, eles seguiram bem devagar na direção. Não havia mais dúvidas, era Adelaide. O choro havia cessado.

— A gente vai fazer o seguinte — o capitão sussurrava o mais baixo possível. — Neemias pega o flanco da esquerda, Ferreira o da direita. Eu vou no centro. Alguém tem uma visão clara do local?

— Chefe, acho que é uma caverna — disse Ferreira.

— Ótimo. Melhor impossível. A gente já deve estar na serra mesmo. Todo mundo entendeu o que é pra fazer?

— Positivo, capitão.

— Copiado.

Eles pisavam firme, os rifles prontos. Assim que chegaram na porta da caverna ligaram as lanternas das armas e gritaram:

— Parada aí!

— Pro chão, pro chão!

— Ah! — gritou a mulher, abraçando o filho.

A cena era deplorável. A terra na caverna estava úmida, a mulher tinha as roupas rasgadas. A criança mamava. Adelaide estava magra, os cabelos desgrenhados. Ela implorava:

— Por favor! Eu não! Aqui não!

Os homens a olharam em silêncio. Não era costume falar com ninguém. Com os rifles erguidos, Ferreira e Neemias aguardavam as ordens do capitão. Este viu a situação que a mulher estava. Lembrou-se dela no laboratório, lembrou das promessas dos cientistas e lembrou também do subpresidente. O rifle na mão, o dedo coçava para apertar o gatilho. Mas que coisa! Por que ele hesitava? Os homens já estranhavam a demora.

— Pra que diabos você foi fugir?! — ele gritou, vomitou as palavras. O som ecoou na caverna e a impressão que eles tiveram era que o mundo inteiro os ouvia. — Não dava pra ficar quieta no seu lugar?

— Vão matar meu filho! — ela gemia e chorava. Sua fala era cortada, arrastada. Tinha um sotaque de quem não falava português direito.

— E daí? Depois tu fazes outro, imbecil — ele retrucou, o rifle empunhado, a luz no rosto da mulher. — Essa daí é a cura pra nossa doença! Vai deixar todo mundo morrer por causa de uma criança?

— Que doença? — ela falou, confusa.

— Como assim que doença, sua índia suja? — o capitão cuspiu enquanto falava. — Não tá vendo o mundo inteiro morrendo por causa do C?

— Pelo amor de Deus! — ela gritou. — E meu filho tem a ver com isso? Eu tenho de ver com isso? Por que não deixa a gente em paz?

— Vocês são a cura, sua idiota! Vocês são a cura! Vocês são imunes.

A expressão de Adelaide aos poucos tomou nova forma. Da confusão, passou para um súbito entendimento e devagar caiu numa risada. Ela ria baixinho, seus ombros balançavam. Então cresceu, cresceu, até se tornar um riso convulsivo que fez a criança soltar o seio e começar a berrar de novo. Isso só a fez rir mais alto.

— Capitão, que merda é essa? — questionou Ferreira.

Raimundo limitou-se a levantar-lhe a palma da mão.

— Vocês são é burro — ela disse após se recuperar da crise de risos. — Tá bom, tá bom. Pega. Leva meu filho de volta, leva. Ele não tem cura. Vai. Pode levar.

— Agora ninguém precisa mais dele — disse Raimundo.

— É claro que não precisa! — Adelaide ria. — Ninguém cura, kraiwa idiota.

Quem aquela porca achava que era pra falar com capitão Raimundo dessa forma? Que mentiras a cabeça desvairada dela ainda seria capaz de produzir? Raimundo começou a ver o ridículo da situação. A mulher estava acuada, sem chance de fuga. Era uma fugitiva e ladra, roubou propriedade do governo. E, pra piorar, estava louca. E ali estava ele, o chefe da segurança discutindo com uma mulher que ele viu algumas vezes na vida. Argh! E aquele moleque não parava de chorar!

— Capitão! Qual o comando? — gritou Neemias, superando o choro da criança.

— Vocês acabaram meu povo — gritava Adelaide. — E pra quê? Hein? Acham que eles querem melhorar? Até eu que “não sou gente”, sei. Porque eu sei.

Aquilo era um pandemônio. Os homens pediam ordens. A mulher gritava coisas sem sentido, o menino chorava. Estava um calor dos infernos, o suor escorria dentro da roupa, os mosquitos tentavam entrar por qualquer orifício no corpo.

— Cala a boca! — gritou o capitão. — Pra mim já chega!

Um clarão, um som retumbante. Outro estampido e um rosto contorcido de dor. O sangue corria, a mulher ainda estrebuchava. Cacete. Pra que essa algazarra toda? A mulher cuspiu sangue. Outro tiro. E o silêncio ensurdecedor, que doía nos ouvidos deles. Agora que tudo acabou, Raimundo finalmente conseguia pensar direito.

Os dois homens olhavam para o chefe. Mudos ante a situação, entreolharam-se em seguida. Ninguém teve coragem de se mexer. Esperavam a direção do capitão. Era o que eles sabiam fazer melhor: seguir ordens. Abaixaram os rifles, a única luz sobre o corpo da mulher era a lanterna do capitão. Ela estava caída por cima da criança. O cheiro do sangue subia às narinas. O capitão tossia.

Se as palavras da mulher tiveram algum efeito em Raimundo não sabiam. Se ele a conhecia de outro lugar, tampouco. Eles mesmos estavam acostumados as mentiras daqueles que estão próximos a morte. Falam qualquer coisa, na vã expectativa da redenção. Não há redenção. Apenas o que sempre foi. No fundo, isso os tranquilizava e a tensão dentro deles começava a esvanecer. Não era preciso ler demais a situação. Era apenas o seu trabalho. Não era um trabalho agradável, mas era necessário.

É por causa desse tipo de coisa, que nosso Brasil vai pra frente. E aquilo também tranquilizava Raimundo. O último sangue Macuxi fez um igarapé que tocava a bota do capitão. O rifle ainda empunhado. Os homens ainda estranhavam sua reação. Ele também estranhava. Que diabos? Eu hein. Balançou a cabeça e saiu da caverna. Os homens o seguiram. De repente sentiu-se sufocado, a floresta era uma enorme prisão. Sem falar nada, correu. Cada passo aumentava sua ofegação, a floresta os queria prender, mas ele precisava fugir, estava cada vez mais difícil respirar. Precisava sair de uma vez por todas daquele emaranhado sem fim que o impedia de seguir em frente. A umidade do ar era terrível, ele precisava de ar, precisava respirar. Tosse dos infernos! Cada galho, cada raiz, cada folha era uma afronta. Que morressem todos!

Quando deu o primeiro passo fora da floresta, viu à distância Aelton fumando ao lado do jipe, na vicinal. Respirou aliviado. O vento do lavrado empurrava para longe os cheiros da escravidão da floresta. Bom mesmo era ser livre. Livre como o vento. Raimundo corria, precisava da liberdade, precisava voltar e dizer que havia cumprido sua missão, que seu trabalho estava feito, que não era mais preciso se preocupar. Ele fugia. Para onde? Não importava. Para onde ainda havia liberdade? Ele não sabia. Mas corria. Corria e a noite voava.



CAFÉ POR CIMA DO MURO

Aline Cristiane Nardi, Campinas-SP

O dia amanhece frio. Não um frio congelante, mas arrepio na espinha, ponta de nariz gelada. Não chove e nem parece que irá chover; é possível colocar a roupa para secar ao vento. O céu, chumbo, um colchão felpudo acinzentado, traços claros, traços escuros; a mulher beija a boca da xícara com lábios gelados, para se aquecer. Pensa no porvir, no mais tarde, quando o chumbo impedirá o sol de aparecer e o pai, seu vizinho, estará trepado na escada encostada ao muro. Apesar da idade, ele ainda conserva uma juventude espiritual invejável, mas é do grupo de risco da pandemia. Quarentena, quase uma lei marcial. Várias semanas trancados, mas existem aqueles que precisam sair, abastecem os outros, suprem aquilo que seus medos buscaram. Medo. Ela pensa sobre isso. O cérebro é um órgão muito esperto, mas ainda assim é um órgão. Como a torneira, um utensílio muito útil, mas ainda assim, um utensílio. Percíveis, ambos. A torneira é frágil, por mais que o seu fabricante prometa o contrário, ela sempre será frágil. Tem dois anéis de vedação igualmente frágeis. Assim como o cérebro, a torneira não pode ser pressionada além do que suporta, do contrário espana. Espanar significa desgastar até a sua inutilização.

Ela toma um gole de café: delicioso, afago dentro do corpo. Como pode algo que nos alimenta também nos dar aconchego? Seria a segurança de estar sendo alimentado? A falta de alimentos na despensa causa desespero. Não, o desespero vem antes da falta, vem com a antecipação da possibilidade da falta, ela ponderou. Trabalhamos de sol a sol para evitar que isso aconteça. Nossos antepassados plantavam a própria comida, dependiam do sol, da chuva, do tempo, da terra. Se chovesse demais, estrago na lavoura. Se chovesse de menos, estrago também. Se a terra era boa, fartura. Se a terra era ruim, buscavam-se meios de torná-la melhor. Evolução. Sempre foi sobre isso. Evolução, revolução, solução: precisamos estar à frente dos problemas, nos antecipar em suas resoluções. Se a terra não é boa, aditivos, adubos, processos químicos; primeiro naturais, depois fabricados. Se um vírus nos ameaça, criamos vacinas. Hoje, sem vacina, nos escondemos.

Seria o isolamento a melhor alternativa? O vírus desaparece depois que as pessoas desaparecem das ruas? Sem aglomeração, sem doença? Um mês, dois meses, três... seis meses, um ano! O que será de nós? A mulher desassossejou. Finalizou o gole da xícara, lavou-a apressadamente. Hoje é aniversário do pai, não haverá o costumeiro bolo com café da tarde, irmãos, filhos, sobrinhos, pai. Haverá o café por cima do muro. Invenção tecnológica, o café. E o muro. E também sua mente criativa: sem aglomeração, mas o amor continua por cima do muro. O abraço, o beijo, o perdão, o pedido de desculpas... Há tanto a fazer agora que não sabemos o que irá acontecer amanhã, agora que não temos que acordar cedo para trabalhar, agora que não podemos ignorar as ligações perdidas ou as mensagens repetidas no comunicador instantâneo. Temos que corrigir as pendências,

como alguém prestes a morrer: pagar as dívidas. Ela carregou as correntes quase a vida toda, e começou a pagar as dívidas há alguns anos, concomitante a terapia. Primeiro o pai, depois os filhos, e começou com os irmãos. Que dívidas são essas que não conseguimos pagar ao longo da vida e que nos fazem fugir para o trabalho ou estudos? O credor bate à porta, quase toda semana, e fugimos, nos escondemos. Diga que não estou, ensinamos os filhos a mentirem. Ela engoliu aquela conhecida emoção que subia do estômago: não posso mais viver assim, mas... estou vivendo.

O pai quer um bolo mais leve. O anterior ficara muito pesado. Como ela pode fazer isso, o que torna a massa do bolo mais leve? De fato, o bolo que costuma fazer é bem gordo, com crosta de açúcar, ela unta assim no lugar da farinha. Ela gosta de crostas, de peso, são como pequenas fortalezas protegendo uma bruma de delícias. Ela criou crostas ao longo da vida, pequenas fortalezas, mas eliminá-las se tornou difícil, primeiro porque ela não tinha consciência disso, depois porque ela não sabia como fazê-lo. Terapeutas servem para isso, mas são cegos guias, de cegos, já foi alertada antes: são cegos para aquilo que não viveram. Para isso, eles têm os livros e os relatos alheios, mas autoridade só há naquilo com que travaram experiência. E não só: viver a dor é necessário, ela é o fogo abrasador que forja a arma, e é de armas que estamos falando, guias cegos empunhando armas. A filha trilha esse caminho, o da forja, mas ela ainda está na fase dos livros, depois virá a dos relatos, e finalmente a da forja. Não nesta ordem, mas todas acontecendo ao mesmo tempo.

Como tornar um bolo leve? Talvez tirar os ovos inteiros e colocar claras em neve. Trocar a farinha de trigo por farelo de aveia? Diminuir a quantidade de bananas? Trocar por maçãs? O amor é inquisitivo, imperativo, às vezes, sufoca. É perder-se em alto mar: não há farol ou sinal algum de socorro. Você só pode ir para cima ou para baixo, mas como? Voar ou afundar... Estar na horizontal é morrer tentando. Ela ponderou sobre isso, como amar? Aliás, como demonstrar esse amor? Um bolo mais leve? Como entrar nesse fogo que arde se não o posso vê? E como saber que há esta ferida se não a posso sentir? Perdi a capacidade de amar? Onde estão os pedaços de alma que deixei pelo caminho? Isso, ela leu num livro, uma vez. Lembrou-se de outro: lágrimas reais dissolvem armaduras. Então... lágrimas reais desarmam instrumentos de guerra. Ela sorriu, caminhou pela varanda. Lágrimas reais derrubam exércitos. Uma lágrima real espiou por cima dos cílios. Sentiu o vento rodopiar ao redor do seu corpo, estremecimento e nariz incomodado, ela vislumbrou o teto de chumbo. Lágrimas reais desmoronam edifícios inteiros: uma chave! Brincou com as palavras: autêntico, honesto, verdadeiro, real, aceito. Viver plenamente é viver completo, inteiro.

Ela entra em casa. Hora do almoço. Gosta de estar em casa, mas não gosta de ser obrigada a isso. Ser humano. Quer a liberdade ou a sensação de liberdade? Pensar-se livre é ser verdadeiramente livre? Ouviu, certa vez, 'ignorância é benção', sim, sim, não saber protege a nossa cabeça. A verdade é como um pedaço de carne. Ela está preparada para ser comida, mas não é pra todo mundo. Por exemplo, bebês não podem comê-la. Crianças pequenas só podem comer auxiliadas por adultos, e adultos hábeis em cortar carnes. Pessoas sem dentes também não conseguem comer. Às vezes, a verdade é tornada líquida para ser assimilada por pessoas que não digerem coisas sólidas. Mas, ainda é verdade? Ela pensa enquanto pega o pote de arroz. E quem liquidifica a verdade? Devem existir pessoas habilitadas para isso. Ela compreendeu que essas pessoas estão ali mesmo, na televisão, todos os dias, entregando uma verdade liquefeita para fácil digestão. Contudo, organismos adultos e sadios não podem ser sustentados por líquidos. O exercício da mastigação é fundamental para a digestão, pois favorece a absorção de nutrientes, porém, o exercício correto é vagaroso. Mastigar rápido aumenta a probabilidade de obesidade: já viu aquelas pessoas cheias de conteúdo e vazias de sentido?

A mulher serve a criança: corta a carne em pedaços pequenos, não tão pequenos que o filho não possa se satisfazer, nem tão grandes que possa se sufocar. A verdade se adapta à faixa etária? Ou se adapta à maturidade mental? Enquanto pedagogos e pediatras discutem isso, programadores de jogos e redes sociais já tem essa resposta faz tempo, mas sem compromisso com a pessoa humana, e sim com a pessoa jurídica. Ou com a pessoa governamental. Máquinas de sentido, deleuzeanamente falando.

O adolescente se serve sozinho. Sabe o que quer. Porém, não quer o que deveria querer (porque faz bem) e quer o que não deveria querer (porque faz mal): o mundo tem atrações demais para a juventude. A filosofia do eu, do prazer e da relativização: quero, mas sem esforço, quero na mão; quero agora, não posso esperar, a vida é curta; quero mesmo que faça mal para mim ou para os outros, porque o que me move é o desejo. Ela observa os filhos comerem. Olha para o próprio prato. Desde quando tenho todo o tempo do mundo? De repente, a terra parou de girar e o dia parou de nascer e morrer? Vivemos um eterno hoje que só clareia e escurece porque o sol e a lua resolveram não agir como nossos governantes: estão facilitando as coisas para nós.

Depois do almoço, depois das claras batidas em neve, do café no bule, da espera próxima ao muro, o dia continua sendo hoje. Agora é o tempo do instante já e da hora escura, da coisa clariciana, que esta já havia previsto. Quantas vezes isso já aconteceu na nossa história? Quantas vezes o fato histórico se repetiu? Quantas vezes o olho aberto de Deus contemplou a terra e a sua pequenez? Quantas vezes foi necessário um salvador, um übber-mensch ou um simples sorveteiro que nos dê um picolé de graça? Às vezes, só precisamos sentar no banco do parque de diversões da vida e ganhar alguma coisa, sem esforço, sem estudo, sem concentração, só ganhar, de graça, de presente. A vida é um presente. Uma dádiva, isso, ela concluiu. A vida é uma dádiva. Assim, pensando em voz alta, ela ouve a voz familiar por cima do muro e o sorriso por trás dos óculos. Compartilham um café, uma lembrança, dividem o céu de chumbo em suas cabeças, olha o sol, um pedacinho dele, o pai completa: a vida é uma dádiva.

VÍRUS, ESSÊNCIA, POESIAS E CONTÁGIOS

Laércio Meirelles, Torres - RS

Luana estava feliz com a oportunidade que teria durante a quarentena. De certa forma, precisou o caos ou o medo dele, instalar-se na sociedade para Luana ter o que tanto desejava: tempo livre, em casa! Sua noção de liberdade estava atrelada a ter tempo livre. Ocupava-se, por obrigação. Conhecia-se o suficiente para realizar e aceitar que gostava de consumir. Não conhecia outra forma de atender esse desejo do que trabalhar e ganhar dinheiro. Era uma mulher inteligente, tinha noção que ao buscar a liberdade de poder ter bens, negociava seu bem mais valioso: o tempo!

Ouviu muitas vezes do Beto, seu namorado, que na idade em que ela estava, essa quarentena seria a oportunidade de ouro para buscar uma vida mais autêntica, procurar sua essência que, quem sabe, poderia estar perdida em meio à vida corrida que levava. *Saco ouvir isso dele, pauta cansativa, agenda já cumprida...* Não fazia questão nenhuma de frequentar a praia dessas cogitações, queria mesmo era gastar o tempo disponível para fazer nada!

Sim, estaria trabalhando em casa, mas sabia que isso seria meio *fake*. Duas ou três horas de trabalho por dia. Não faltaria tempo para arrumar a casa, aprender a cozinhar e ver filmes... e séries, muitas séries! Focava principalmente em uma, com 18 temporadas de 30 episódios cada, com mais de uma hora de duração. *Sim, finalmente posso começar a vê-la, terei tempo de terminar.* Para compensar seu desejo mundano de ver séries, prometia-se retomar o hábito da leitura, que já teve e ficou perdido entre likes, comentários, mensagens instantâneas e vídeos fáceis. Nesse tempo de planos do que fazer no tempo livre, resgatou um antigo caderno que guardava frases, poemas e até alguns contos. *Quem sabe volto a escrever? Sem pretensões, pensava, só de onda!*

Primeira semana

Nos primeiros dias, pôs-se a arrumar a casa. Nunca havia feito, sempre teve faxineira, mas sabia como fazer. Música alta no ar, roupa

velha no corpo, vassoura e esfregão na mão, balde com água e sabão ao seu lado. Entre um cômodo e outro, dava uma paradinha sempre que via um espelho. Adorava espelhos e era inevitável aprumar o corpo e fazer caras sempre que encontrava com um. Não se considerava bonita, mas gostava do que via. Era baixa, cabelos encaracolados, curtiua sua negritude e o corpo certinho. Adorava seus olhos negros intensos, acompanhados por cílios que eram sempre elogiados pelos olhares mais atentos. Agora, aos 35 anos, via-se na plenitude, nunca se sentiu tão bem com ela mesma. A independência financeira que conquistara colaborava, ela que era vista com preocupação pelos pais, por ser uma sonhadora. *Quem diria, essa sonhadora ficou perdida em algum lugar da casa, tomará que eu não ache durante a faxina.* Pensou isso e sorriu, sarcástica.

Afastou móveis, tirou quadros das paredes e gavetas dos armários. Esvaziou a cristaleira, cheia de copos e canecas que nunca usava. Lavou tudo e pôs de volta no lugar. O apartamento era pequeno, em três dias, entre vassouras, cama, séries e algo de trabalho estava tudo feito, não havia mais o que limpar. Continuava feliz com a perspectiva de um sem fim de dias sem poder sair de casa, que as projeções anunciavam. Dessa temporada de faxina tirou algumas lições: *limpar a casa cansa muito, a técnica é não deixar acumular sujeira e tenbo que dispensar minha faxineira. A limpeza dela é igual meu namorado, muito bom nas preliminares, mas deixa a desejar nos finalmente.*

Outra vez riu da sua conclusão, mas não sorria quando pensava nele. Aliás, essa seria uma outra vantagem do que estava passando, não perderia a chance de terminar com esse namoro de quatro anos que *já deu o que poderia dar de bom, outro relacionamento caranguejo, só anda de lado, parece que sou boa nisso.*

Ela já namorou sério algumas vezes. Em todos o mesmo ciclo: logo percebia que não devia dar seguimento, mas deixava que o namoro se arrastasse... Também ali perdia tempo!

A sexta-feira chegou rápido, no dia seguinte teria seu primeiro fim de semana de quarentena. Adorou não ter a obrigação do *happy hour* de sexta ou da balada de sábado. Mas lamentou perder seu sábado de manhã, comprinhas em supermercado, café na rua, bandinha pelo comércio. Comprou mudas de hortaliças, entregaram em casa, planejou começar a cultivar algumas em vasos, iria aproveitar os que estavam vazios, algumas plantinhas morreram por falta de cuidado, *também eu não tinha tempo, agora vou ter.* Comprou ainda café em grãos, de boa qualidade,

um moedor de café e uma prensa francesa. *Tenho que compensar a ausência de cafeterias na minha vida.*

Passou um domingo ótimo. Em casa, com a sensação agradável de não ter nada para fazer, podendo entregar-se ao ócio absoluto, acordar e dormir a hora que quisesse. Acordou tarde, almoçou um bom café da manhã, lanchou pelas cinco e jantou o mesmo lanche da tarde. *Amanhã tenho que comer melhor, vou cozinhar, se não cuidar da alimentação vou virar uma morsa!*

Foi dormir contente, bendizendo ironicamente o vírus e atribuindo à quarentena não ter tido a rebordosa sem razões que a visitava aos domingos, no despedir do dia.

Segunda semana

A segunda semana correu como a primeira. Mais ou menos, a dose de séries, sofá e cama aumentou. Também foi uma semana de menos limpeza e mais arrumação de armários, separação de roupas para doar. Lavou algumas que queria recuperar do fundo das gavetas, descobriu peças que nunca usou. Sentiu-se muito bem e mais leve com as roupas separadas e nos seus devidos lugares. Nenhuma sobre o sofá, nada no chão do banheiro, nada embaixo da cama ou no cesto de lavar roupas. Até sapatos e bolsas organizadas. Os acessórios optou por colocar os que usa pouco, a maior parte, em duas caixas, no canto do quarto. *Hoje não estou a fim de mexer nisso, outro dia faço.*

O que não fez foi cozinhar mais do que na primeira semana, havia prometido, mas tinha muita preguiça guardada, além de um estoque de congelados, massas semiprontas, sopas de pacote e coisas do gênero, que permitiram-lhe sobreviver bem, ainda que preocupada: meu projeto morsa anda de vento em popa, melhor me livrar dele antes que seja tarde!

Um detalhe da segunda semana foi que conversou muito menos com seu namorado. Não sentiu vontade, nem obrigada de telefonar, limitou-se a mensagens e áudios, cada vez mais curtos e burocráticos. Ele aceitou a toada, e nós, do lado de cá ficamos imaginando o quanto ocupado com outras coisas andava, o quanto magoado estava ou o quanto tentava se mostrar indiferente por estratégia de reconquista.

No segundo sábado de quarentena manteve-se fiel aos hábitos, era dia de compras. Falando nisso, devemos dizer que a quarentena não

teve força para impedi-la de ir às compras. E não apenas no sábado pela manhã. Dizia-se que a oportunidade dos preços baixos e entregas gratuitas deveria ser aproveitada. Começou a perceber ou inventar necessidades. Até a televisão, que nunca teve, entrou no carrinho de compras. Cansou de ver o que precisava em uma telinha de 15 polegadas. Ganhava bem, pagava tudo em 12 vezes, não ultrapassaria 30% do seu salário com essas prestações. Estava tudo dominado, o mais importante era melhorar sua casa e não deixar faltar nada que a pudesse fazer feliz.

Passou um domingo ótimo. Descansou, falou com amigas, almoçaram juntas, cada uma na sua casa, computadores ligados, bebidinhas, risos e histórias. Adorou, prometeram-se repetir a dose durante todos os domingos da quarentena. A promessa que não foi cumprida, essa foi a única vez que almoçaram juntas.

No fim do domingo olhou seus livros, fixou-se nos de poesia. Ela, que já havia sido uma voraz leitora, praticamente abandonou a poesia. Era quase capaz de afirmar que não gostava. Sentiu um incomodo as últimas vezes que leu, como se as poesias tivessem a mania de falar algo que Luana não gostava de ouvir, tocar em assuntos que deveriam ser deixados de lado.

Ela é uma pessoa bem-humorada e adora rir de si própria. Nesse momento, fez a piada que só mesmo uma jovem sem noção poderia sonhar um dia ser uma Cecília Meirelles ou uma Carolina de Jesus. Achou meio estranho não conseguir rir dessa piada, não se deteve a pensar porque, preferiu pular essa página.

Terceira semana

Acordou na terceira segunda-feira da quarentena bem-disposta. Garantiu que nessa semana seria diferente. Comería melhor, lería mais e lembrando-se, com ar de displicência, do que não pensou no dia anterior, iniciaria um curso on line sobre escrita criativa. Começou por arrumar seus livros. Tirou todos das estantes. Tirou os bibelôs também, para sobrar espaço. Ainda pegou os que estavam em algumas caixas, outros do fundo do armário e colocou todos sobre a mesa da sala. Passou pano nas prateleiras da estante, caprichou nos lustres, começou a separar os livros na mesa. Poesias, romance, autoajuda, trabalho. Decidiu que não iria separar livros para dar, já havia feito isso recentemente, não era hora para isso, iria apenas classificá-los e guardá-los. No fim da

manhã quando já havia separado a maior parte, desgostou-se do que fez. Seria melhor separar lidos e não lidos, gostados e não gostados, comprados de ganhos. Começou, mas de novo não achou uma boa ideia. Cansou e decidiu que outra hora terminaria, estava exausta, foi ver uma série que havia começado no fim de semana.

Decidiu que não cozinharía nessa semana. Afinal, era necessário apoiar os pequenos restaurantes que estavam fechados, sobrevivendo apenas de entregas a domicílio. De repente, lembrou do restaurante da Dona Lúcia. Simples, bem perto da sua casa, que tinha um peixe à milanesa com purê que ela adorava. *Sim, por favor, dois pedaços de peixe, purê e salada! Batatinha frita? Sim, pode ser. Desligou o telefone e falou alto, para ela própria: um pouquinho só não tem problema. E pedi salada.*

A semana passou em marcha lenta, meio entediante. Finalmente chegou o sábado de manhã, dia de compras. Mas não estava a fim de nada, sentia-se meio desanimada. Resolveu comprar livros, gostava de comprar livros, afinal era um consumo cultural, esse pode, esse não gera peso na consciência, não que ela fosse muito disso, mas seu namorado era tão chato com essa pauta que acabou contaminando seus pensamentos. Lembrou-se do namorado, de como não gostava dele, de como tinha que aproveitar a deixa do vírus e decidiu que da semana seguinte não passava, iria terminar com ele. *E vou comemorar comprando roupas, muitas roupas,* foi o que disse, sorriso sarcástico no rosto. Enquanto pensava nisso, olhou para as pilhas de livros na mesa. Sim, ainda estavam lá, viu que a maior era a de não lidos, jogou o fone para o lado e desistiu de comprar. E, por alguma razão, aqueles livros tinham cheiro de nostalgia, um sabor amargo que incomodava seus olhos, que ameaçaram molharem-se. Sentiu-se amuada... eram onze da manhã, resolveu voltar para cama.

Passou o sábado estirada, ânimo arrefecido. Celular sobre a cama, computador aberto em uma série pausada ao meio de um episódio, televisão ligada sem som e pensamento querendo fazer gracinha de questionar toda sua vida: namorado, *tudo bem, isso pode,* trabalho, falta de objetivos, sonhos adormecidos, sociedade de consumo, *culpa daquele chato,* capitalismo, vida, tudo! Estava cansada da quarentena e dessa obrigação de ficar em casa. Pensou em sair, bateu o medo.

Dormiu cedo, acordou tarde. Neste terceiro domingo, bateu o que mais temia: pouca vontade de levantar da cama, nem fome tinha, o que era raro e de certa forma, a deixava apavorada. Telefonou para

amigas e conversou com o pai e a mãe. Com as primeiras arriscou falar do seu estado de não ânimo, recebeu como resposta as respostas de sempre, que ela odiava: que isso, levanta da cama, temos que agradecer, tem gente que está muito pior, o importante é que estamos bem de saúde... todas essas frase não lhe diziam nada e, pior, aprofundavam seu sentimento da falta de sentido de tudo e de todos, o desprezo pela vida, o desprezo pela sua vida...

Conversou com o namorado como não havia ainda feito na quarentena. Ele foi dócil, ouviu muito e falou nada, ela sentiu-se acolhida e culpada por ter pensado tão mal dele nos últimos tempos. Teve a sensação rara nos últimos tempos que gostava dele, lembrou-se porque havia se apaixonado.

Quarta semana

Acordou na segunda-feira da sua quarta semana de quarentena pior do que no domingo. Não ligou para os pais, para não os preocupar, não ligou para as amigas para não ouvir mesmices. Ela, que não era disso, rezou muito. Ligou para o namorado e ouviu declarações de amor, nada mais. Parece que um e outro ajudaram, ao menos verbalizou o que sentia e ouviu o que queria.

Às onze da manhã decidiu que tinha que levantar. Resolveu apelar para algo que já havia funcionado outras vezes: o falso bom ânimo! Colocou música alta, cantou no banho e saiu dançando. Vestiu-se bem, moeu um bom grão e passou café. Repetiu a dose, cafeína também ajuda nessas horas. Assim que saiu da cozinha foi arrastando o sofá para fazer uma faxina na sala. De leve, apenas varreu e passou pano, não moveu os outros móveis. Mas conhecia o tratamento proposto, não devia dar margem a nada que a arrastasse para a cama. Foi à cozinha, decidiu preparar seu almoço. Arroz integral, filezinho de frango e salada. Com certeza se alimentar bem iria também prevenir qualquer início de namoro com a depressão.

Não funcionou. O arroz estava com ar de mofado, o que se transformou em razão para um breve choro: *nada está dando certo...* decidiu comer só salada e frango. Ficou ainda um tempinho arrumando a cozinha, deixou ela impecável e foi para a cama descansar. Sentia-se esgotada, a alegria dublada não escondeu o som do desalento original, ele ainda estava lá, nítido e claro.

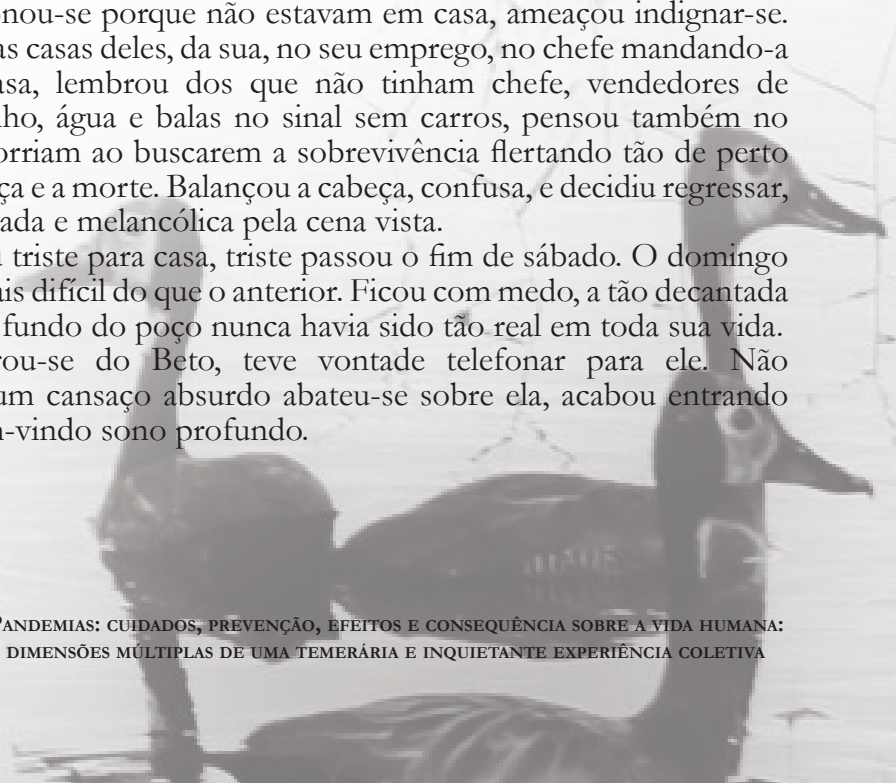
Acordou assustada às quatro da tarde, perdeu a reunião de trabalho que começara uma hora antes, achou melhor fingir uma certa indisposição, deu um *upgrade* para tosse e dor de garganta, sabia que era a desculpa ideal para o momento.

A semana seguiu difícil entre sorrisos arquitetados e tristezas espontâneas. Menos mal que deu conta do que precisava dar conta. Fez de tudo um pouco, fazendo quase nada. Algo de faxina, cuidou das plantas, assistiu às aulas de escrita criativa, fez um pouco dos exercícios propostos, mexeu nos livros, reorganizando as pilhas sobre a mesa, sem colocá-las no devido lugar. Até repetiu seu almoço de salada e frango três vezes, mas depois voltou ao delivery, sem esquecer do seu peixe com purê e batatinha...

Sábado resolveu que iria sair um pouco. Precisava ir ao mercado e à floricultura. Eram desculpas, as entregas estavam dando conta de tudo, mas achou que faria bem para seu momento. Saiu de carro, matou sua saudade de alguns lugares, ficou na rua mais tempo do que o necessário ou do que julgava correto. No seu bairro as ruas em um silêncio que ela nunca havia presenciado. Viu pouquíssimas pessoas, todas de máscaras, nada de carros, o pouco comércio que existia no bairro mais sofisticado, totalmente fechado. Resolveu ir à uma floricultura que gostava um pouco mais distante. Ao ver o movimento, quase intenso, nos bairros mais populares, assustou-se. Pensou que era um absurdo tanta gente na rua, questionou-se porque não estavam em casa, ameaçou indignar-se. Lembrou das casas deles, da sua, no seu emprego, no chefe mandando-a ficar em casa, lembrou dos que não tinham chefe, vendedores de churrasquinho, água e balas no sinal sem carros, pensou também no risco que corriam ao buscarem a sobrevivência flertando tão de perto com a doença e a morte. Balançou a cabeça, confusa, e decidiu regressar, entre assustada e melancólica pela cena vista.

Voltou triste para casa, triste passou o fim de sábado. O domingo foi ainda mais difícil do que o anterior. Ficou com medo, a tão decantada imagem do fundo do poço nunca havia sido tão real em toda sua vida.

Lembrou-se do Beto, teve vontade telefonar para ele. Não telefonou, um cansaço absurdo abateu-se sobre ela, acabou entrando em um bem-vindo sono profundo.



Quinta semana

Graças a Deus veio a segunda-feira. Precisava trabalhar, arrumar casa, terminar a tarefa com os livros, cozinhar... foi fazendo uma lista mental das suas tarefas, como tática para se ocupar, mostrar a si mesma o quanto atarefada estava que não haveria tempo para depressão. Turbinou a tática da semana anterior, a alegria forçada e o riso manufaturado, com a grande lista de coisas para fazer. Ajudou a empurrar a semana.

De todos modos, como descanso de tela que surge sempre após breve inatividade, estava o desânimo em cores fortes. Mas esse sentimento agora estava acompanhado de outro. E se mudasse de vida? E se seu namorado tivesse razão e baixar a bola, diminuir a intensidade, livrar-se de demandas irreais fosse o caminho. Ele dizia que ela havia abandonado seus sonhos muito fácil. Sim, verdade, quando jovem falava que seria escritora, mas hoje não escreve mais que um diário falhado.

Odiava esse papo de ir atrás dos seus sonhos, achava careta e pouco prático, *a vida não é moleza assim...* Mas agora pegou-se toda a semana pensando nisso, *porque esse assunto está anexado ao meu desânimo, porque insiste em reaparecer em meio à tristeza?*

Mesmo sem querer dar crédito ao namorado em sua tese de que ela precisava ouvir seus sonhos ou aos tantos vídeos que ele enviou, onde coachs da moda repetiam esse bordão, ela já vinha inclinando sua vida lenta e suavemente nessa direção. O curso de escrita criativa incluía-se nesse rol. Na terça e quarta-feira de noite teve mini seminários, dedicou-se a eles, fez os exercícios propostos, poesias livres, sentiu-se bem, muito bem, com o resultado. A tristeza não desapareceu, mas ficou confinada, ocupando maior espaço apenas no momento da cabeça no travesseiro.

Assim foi sua semana, passou, sentiu-se melhor que na anterior, mesmo em algumas noites tendo dormido entre choros e preces.

No domingo acordou cedo, meio sem saber qual era o dia da semana. Foi ler poesia, pois o curso ensinou ou a fez lembrar que para escrever é necessário ler muito, no caso da poesia essa equação era ainda mais precisa e necessária.

Passou um domingo agradável. Riu e chorou de alegria e tristeza. Mas esse ondular de emoções deu-se em função dos autores e seus poemas. O descanso de tela não desapareceu, sentia o desconforto de saber que a angústia não a havia abandonado, estava latente como caçador à espreita. A depressão era vizinha, se deixasse a porta aberta

poderia entrar a qualquer hora. Não sabia como fecha-la, mas descobriu que a escrita, principalmente a poesia, deixava a porta ao menos encostada. Sim, sentia-se protegida naquela caverna poética na qual se refugiou. Escreveu um poema sobre isso, gostou da caverna poética, achou sonoro, lírico, explorou esse tema, ficou feliz com o resultado. Recordou do que ouviu de um ex, a arte é o melhor antídoto à tristeza.

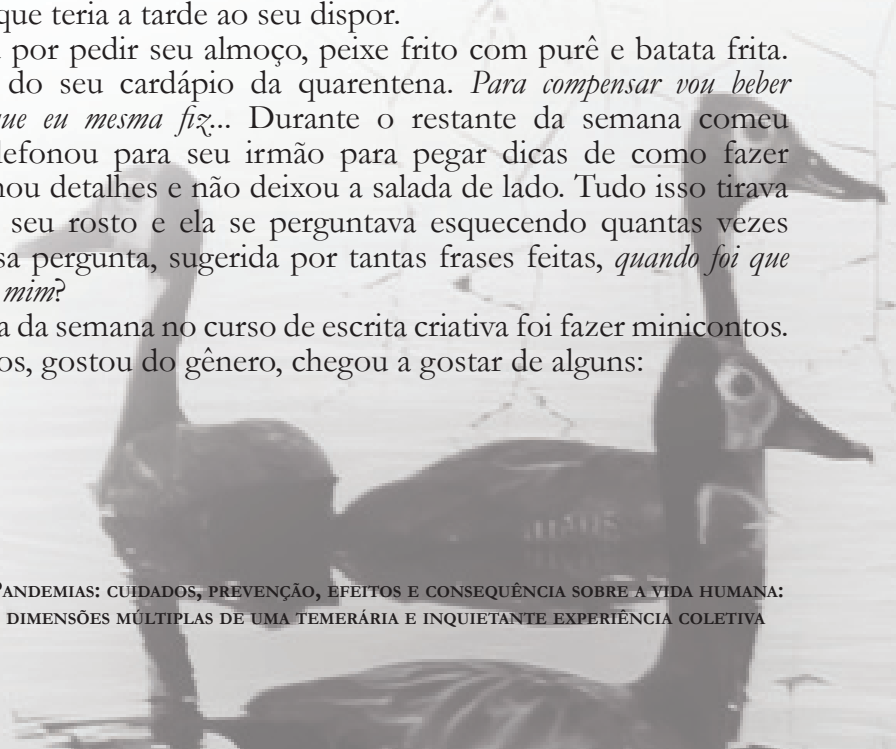
Sexta semana

Acordou na segunda quase assustada. Não com o vírus. Nem com a depressão. Assustou-se com seu bom ânimo, com sua empolgação com mais um dia que iniciava. Fazia tempo que não sentia isso. Tinha uma reunião com o chefe as onze da manhã, foi pontual e tudo saiu bem. Ele comentou que há tempos não via sua colaboradora com uma cara tão boa. Ela riu. Ele achou que por estar de bom humor, mas não. Luana riu do termo colaboradora. Sempre achava engraçado. *Colaboradora é o cacete, sou empregada, ele manda eu obedeço, ainda que essa relação venha cheia de metáforas e palavras encapsuladas com modernismos de gosto duvidoso.*

A razão aparente do seu bom humor, captado pelo chefe, era um seminário extra sobre microcontos que ocorreria nessa tarde. Comprometeu-se a entregar a apresentação pedida até fim do dia, mas em uma hora já estava pronta. Foi preparar seu almoço com a sensação gostosa de que teria a tarde ao seu dispor.

Optou por pedir seu almoço, peixe frito com purê e batata frita. Rindo alto do seu cardápio da quarentena. *Para compensar vou beber kombucha, que eu mesma fiz...* Durante o restante da semana comeu melhor. Telefonou para seu irmão para pegar dicas de como fazer pão. Cozinhou detalhes e não deixou a salada de lado. Tudo isso tirava sorrisos do seu rosto e ela se perguntava esquecendo quantas vezes ironizou essa pergunta, sugerida por tantas frases feitas, *quando foi que me esqueci de mim?*

O tema da semana no curso de escrita criativa foi fazer minicontos. Ela fez vários, gostou do gênero, chegou a gostar de alguns:



Delay:

Quando começou a ver vantagens em ser criança, cresceu.
Quando percebeu o prazer de ser adulto, estava velha.
Quando passou a sentir o enlevo da velhice, morreu.

Felicidade

Quando a chuva se pôs e a seca nasceu,
ela percebeu que só era feliz molhada.

Intrigou-se como que escreveu. Pela primeira vez percebeu o óbvio: o que escrevia revelava o que passava com ela. Ficou em certo pânico ao perceber isso, para logo depois gostar de ter capacidade de tirar a roupa para quem eventualmente lesse seus escritos. *Afinal, o que somos, se não macacos nus?*

Pensou que poderia fazer uma poesia com esse verso, *o que somos se não macacos nus?*

Foi a melhor semana da quarentena. Acabou de arrumar os livros, manteve a casa organizada e cozinhou. Trabalhou o necessário, viu um pouco das suas séries e principalmente, escreveu.

No sábado de manhã foi às compras, virtuais e cuidou das suas plantas. O restante do tempo do domingo, dedicou-se a literatura – leu, principalmente poesia e escreveu mais minicontos, sua nova mania...

Epílogo

A quarentena ainda durou muito tempo e mudou de forma definitiva a vida de muitos, de quase todos. Não foi diferente com Luana.

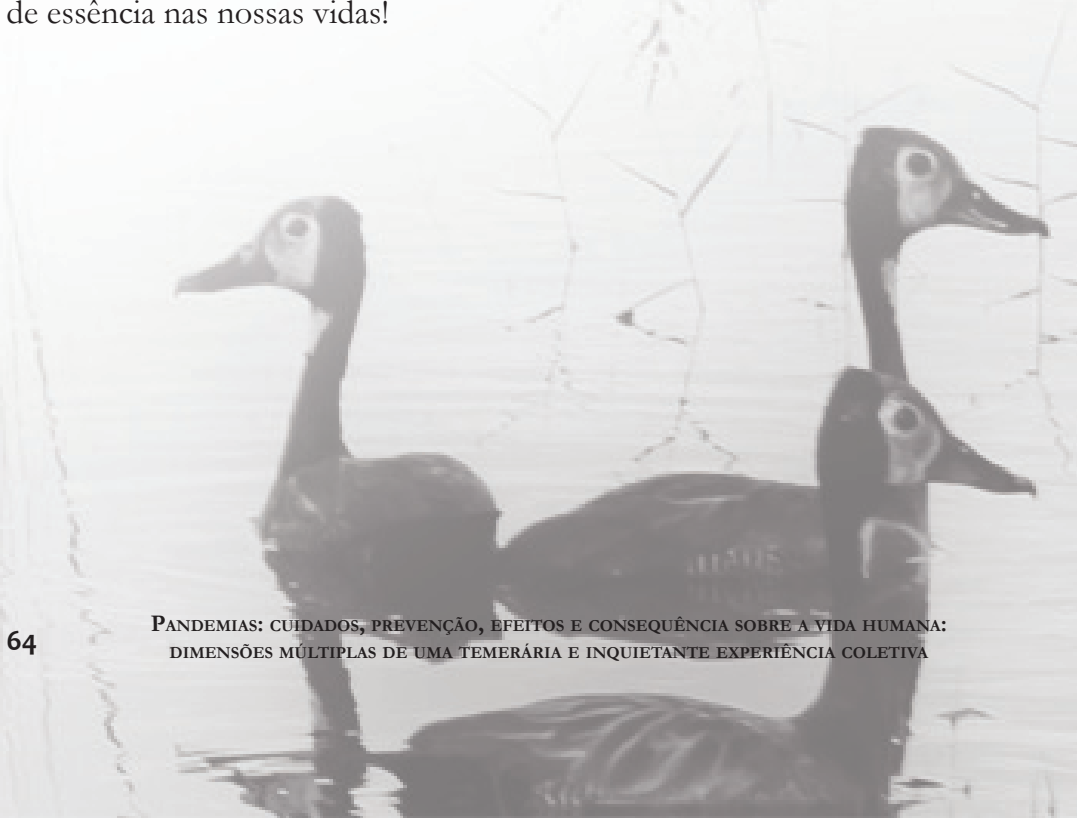
Segue com o Beto. Sim, ela não se separou dele, como tanto anunciou. Pelo contrário, está apaixonadíssima! Matriculou-se em outros cursos de escrita, já tem um conto e uma poesia publicados em duas diferentes antologias com as quais colaborou na edição.

Não largou seu emprego e segue gostando de umas compras... Mas não vê mais esse como único caminho. O sonho de ser escritora segue vivo, desde que foi reativado não mais esmoreceu. Trabalha na perspectiva de ter sucesso como escritora, conseguir mesclar os dois mundos. A mesma fórmula, mesclar mundos, vem dando certo também com seu namorado, tanto que decidiram que vão morar juntos.

No terceiro dia após voltar ao trabalho, negou-se a atender o pedido do chefe para ficar após o horário. Em seis anos de empresa foi a única vez que agiu assim. Ela estava ansiosa para ir para casa, passar na academia e, principalmente, sentar-se tranquilamente em frente ao computador. Tem muito o que fazer. Luana agora é uma influenciadora digital. Tem poucas seguidoras, mas não se importa com isso. Dá dicas de como cuidar da casa, fazer uma horta no apartamento ou cozinhar simples e fácil.

Mas a principal tarefa dessa noite é continuar com o conto que começou há uns dias e que julga muito promissor. Nesse momento, nada a alimenta mais que escrever e nada a excita mais que considerar pronto, colocar o ponto final em um escrito. Luana sabe ser uma privilegiada, pois o único que o vírus fez diretamente com ela foi infectá-la com seu sonho e contagiá-la com poesia.

O conto que está escrevendo tem como título Perdas e Danos e guarda também características de crônica. Fala de uma mulher jovem, mas não tão jovem. Em como ela passou o período recente da pandemia que assolou o mundo. Da perigosa porta entreaberta da depressão. De um amor arrefecido que rebrotou. Lamenta as mortes ocorridas, fala do quanto o isolamento impactou o mundo e as pessoas e a ela própria. Termina falando que o namorado da protagonista do conto tinha razão, trinta e cinco anos é uma bela idade pra acrescentar umas boas pitadas de essência nas nossas vidas!



UM VIRAL CURITIBANO

Wellington Oliveira dos Santos, Colombo-PR

Realidade é um mosquito: o egocentrismo humano espanta da orelha e ele volta zunindo segundos depois. A primeira tentativa famosa foi tirar o planeta do centro do cosmos. Inúmeras mitologias pregavam que a própria Aiyê ou Terra fora concebida como lugar especial entre as estrelas para os humanos crescerem e multiplicarem. Então vieram Copérnico, Galileu e outros não gravados em livros de História para afirmar: viajamos ao redor de uma bola incandescente como outros errantes. Não faz mal, disse o egocentrismo: pessoas são seres especiais dentro desse azul. Dominamos o solo, a água, o metal, o corpo; moldamos o mundo a nossa imagem e semelhança com o conhecimento divino. Então veio Darwin: humanos são seres selecionados milhões de anos pelas condições do ambiente como os outros seres vivos deste planeta. Não faz mal, disse o egocentrismo: humanos são os únicos capazes de pensar, com o poder ilimitado de suas mentes, sobre a própria espécie e as outras. Questão de tempo para resolverem todos os seus problemas. Então veio Freud: as pessoas são muito menos racionais do que pensam, mal controlam o que chamam de Eu. Atordoado, o egocentrismo voltou rasante com a estratégia perfeita: argumentos científicos usados para análise da realidade são, em última análise, constructos do próprio Eu. Nada foge da interpretação subjetiva dessa entidade. Sintetizando: a humanidade passou de criatura única para criatura comum e no mecanismo de defesa diante do veneno do nada, para criadora.

Curitiba, senhoras e senhores, é um desses casos de egocentrismo criador.

Começou quando o prefeito faleceu após três dias hospitalizado. Causas iniciais para a morte planavam entre a dengue e o zika vírus — febre e dores no corpo entre os sintomas. Espíritos de porco na internet defendiam a tese de vingança divina contra a administração pública que cambaleava em pífios índices de aprovação. “Falta de respeito profundo com os familiares”, postou em seu perfil on-line o vice-prefeito — no fundo, aéreo com a promoção em tempos de desemprego.

Temendo perder o emprego, o secretário da saúde ordenou levantamento sobre os óbitos associados à dengue nos últimos dois meses. Para seu horror, na semana da morte do gestor municipal, duas dezenas de pessoas faleceram de sintomas semelhantes.

— Como esses dados passaram despercebidos? — perguntou para os assessores.

— O prefeito sabia e pediu cautela para não contaminar sua imagem junto à imprensa — respondeu um deles.

Quando essas palavras bateram no ouvido do secretário, a omissão da administração pública já vazara para a imprensa. Como moscas, os jornalistas buscavam contato com os mortos, ou melhor, com os familiares desses, para entenderem os casos.

Era pior do que o falecido prefeito pensava. O número de óbitos foi atualizado para mais de trinta e começou a circular boato pelo aplicativo de mensagens denunciando, que dezenas morriam a espera de atendimento nos postos de saúde. Embarcando no medo de um autointitulado filósofo, conhecido por espalhar teorias da conspiração na internet, dizia em suas postagens on-line:

— A prefeitura sabe mais do que está divulgando! — isso na ocasião não foi levado muito ao pé da letra, a prefeitura sempre sabe mais do que divulga.

Dez dias após o falecimento do prefeito, cientistas da Universidade Federal anunciaram que a causa da enfermidade de muitos não era o conhecido vírus da dengue, mas um novo tipo, também associado à febre hemorrágica, sangramentos e convulsões. Os primeiros casos foram registrados no bairro Tingui.

O prefeito? Falecera de dengue mesmo.

Apesar da cautela enfatizada pelos cientistas, o filósofo das redes sociais, guiado pela necessidade de aumentar o número de seguidores, alimentou o que ficaria conhecida como teoria das capivaras: sendo o Tingui morada de conhecido parque com os animais, os mesmos transmitiram o mal, por meio de carrapatos aos cidadãos. Assim era a mensagem que contagiou as telas da cidade:

ATENÇÃO!!

A PREFEITURA DESCOBRIU QUE O VÍRUS TEM ORIGEM NOS CARRAPATOS DAS CAPIVARAS, E SE TÊM CRIANÇAS E TÊM ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO E MORA NOS BAIRROS DOS PARQUES, EVITE-OS!

A mensagem causou grande confusão. Alguns evitavam os parques da cidade, outros os animais de estimação, outros, ainda, as crianças que passeavam com animais de estimação nos parques. A administração pública emitiu comunicado oficial, em caixa alta, A TEORIA DAS CAPIVARAS NÃO TEM QUALQUER SUSTENTAÇÃO CIENTÍFICA. Mas era como enfiar o braço em um vespeiro e achar que vai sair ileso. Grupos secretos, autointitulados Purificadores, resolveram que era necessário abater os bichos nas frias madrugadas. Os inocentes mamíferos, cujos maiores estragos eram atravessar a rua e quase serem atropelados, assustar cachorros ou comer verduras em hortas, foram presas fáceis dos homens armados.

Aponte um inimigo em momentos de dificuldade e o povo apontará o seu inseticida: estudos preliminares indicavam a queda de quase dois quintos na população capivara. Por sua vez, os casos do misterioso vírus não diminuíram. Vinte dias após o falecimento do prefeito, usado erroneamente como marco zero da epidemia, os hospitais estavam inchados de doentes e a cifra de vítimas perto da casa das duas centenas. A cifra de seguidores do filósofo da conspiração aumentara no mesmo ritmo que os lucros com os vídeos polêmicos, nos quais aproveitava para vender seus livros.

(Abro parênteses: seu livro mais famoso, CURITIBA: O QUE ELES NÃO TE DEIXAM VER, é uma coletânea de aforismos carregados de pseudociência e paranoia como, por exemplo, “Comer pinhão cozido entre os meses de maio e outubro garante a fertilidade do casal”, e “Os indígenas planejavam derrubar a civilização curitibana e obrigar todo mundo a viver em ocas às margens do rio Atuba”.)

Retomando. Uma vez enfraquecida a hipótese das capivaras, o pensador apontou a picada teórica para os humanos. A ideia surgiu de um boato: casas nos bairros mais atingidos pela mazela contavam com diaristas vindas de zonas periféricas e região metropolitana. Um dia, a diarista de uma casa no Barigui precisou levar o filho pequeno ao trabalho.

— Já que não tinha com quem deixar o piá — argumentou. O pequeno explorador, contrariando os conselhos da mãe — Não fique fuçando na casa dos outros! — foi brincar com os bonecos de ação do filho da patroa. Este, no dia seguinte, apresentou os sintomas da doença.

A diarista apresentou provas contundentes de que ninguém em sua casa estava sequer resfriado, mas a relação causal estava injetada na

cabeça de parte da classe média. O filósofo de caixa alta, especializado em agradar os ouvidos dos seus seguidores, exigia que empregadas, babás, faxineiros, entregadores, porteiros e demais trabalhadores usassem máscaras e luvas durante a circulação pelas regiões. Nos programas de notícias das rádios, mensagens de ouvintes defendiam a criação de cordões sanitários ao redor das periferias e nas saídas para a região metropolitana. Alguns chegavam ao extremo de propor a proibição da circulação de skatistas, vendedores ambulantes e carrinheiros.

Por sua vez, os Purificadores passaram a atacar moradores de rua durante as madrugadas, usando lanternas para causar medo e barras de ferro como arma.

— Vagalumes da morte! — desabafou um morador de rua, uma das vítimas.

O intelectual da web dizia não compactuar com qualquer tipo de violência, embora seu discurso jamais condenasse os Purificadores. Como reação, os residentes da periferia organizaram coletivos para não andarem sozinhos tarde da noite.

As reclamações a respeito da ação dos Purificadores não batiam asas para além das telas conectadas à internet. Isso mudou quando um morador do Tingui, o jovem negro universitário que retornava ao lar, foi morto por um grupo Purificador, que gritava palavras de ódio, chamando-o de favelado.

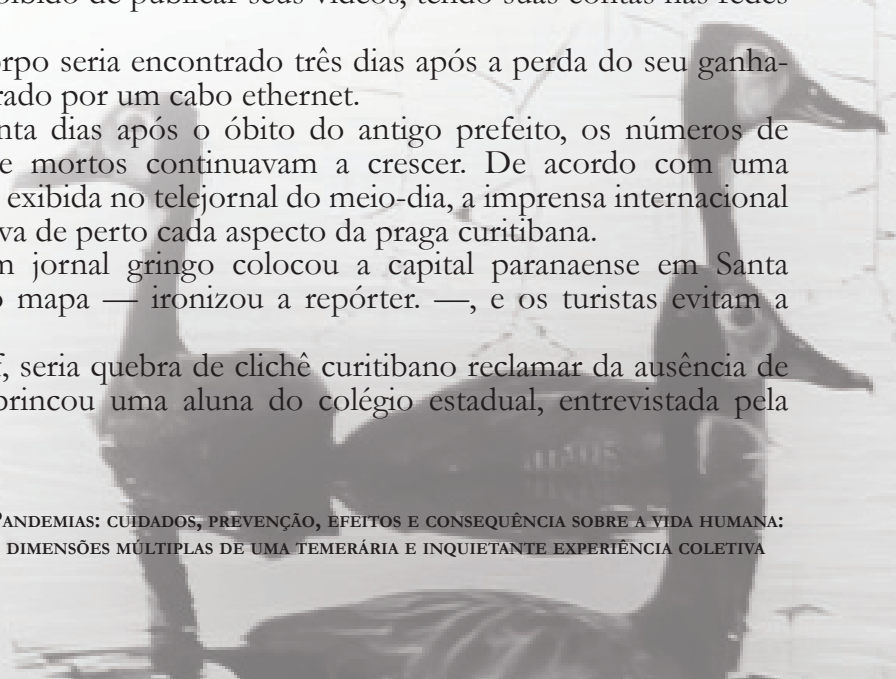
A morte desencadeou enxame de protestos organizados na frente da Praça Santos Andrade. Pressionada pela repercussão negativa, a polícia prendeu os membros do grupo. O filósofo foi acusado de incitar o ódio e proibido de publicar seus vídeos, tendo suas contas nas redes suspensas.

Seu corpo seria encontrado três dias após a perda do seu ganha-pão, pendurado por um cabo ethernet.

Quarenta dias após o óbito do antigo prefeito, os números de infectados e mortos continuavam a crescer. De acordo com uma reportagem exibida no telejornal do meio-dia, a imprensa internacional acompanhava de perto cada aspecto da praga curitibana.

— Um jornal gringo colocou a capital paranaense em Santa Catarina no mapa — ironizou a repórter. —, e os turistas evitam a cidade.

— Aff, seria quebra de clichê curitibano reclamar da ausência de turista — brincou uma aluna do colégio estadual, entrevistada pela repórter.



O mesmo telejornal do meio-dia exibiu entrevista com uma senhora conhecida como Bruxa do Pilarzinho, famosa por ser capaz de curar a moléstia. “A praga”, segundo a entrevistada, “era o último sinal antes do grande mar engolir a capital”. Sua missão era curar os curitibanos por um preço considerável.

A piada de uma escola do Tingui não perdeu a piada, adaptando uma música de pular corda para debochar da situação. A música fora divulgada em vídeo viral na web:

Com o quê

Você

Paga a bruxa do Pilar?

Dólar, euro, rublos ou escudos;

Yen, ouro, diamante ou latão?

Caloteiro bonito do meu coração!

Ironia: metade dos estudantes desta escola ficara doente pouco depois da divulgação do vídeo e as aulas foram suspensas. A bruxa do Pilarzinho interpretou como castigo divino. Para sua decepção foi apenas uma gripe fuleira.

Sessenta dias da posse do atual prefeito passaram rápido, assim como as soluções propostas. Tratamentos à base de antigripais pouco adiantavam; mas farmácias estavam com problemas em repor o estoque dos medicamentos. Os preços voavam como pernilongos para a luz. Surgiu até o comércio ilegal de substâncias lícitas, nas proximidades da Trajano Reis.

Nessa mesma época uma doutoranda verificou, a partir de pesquisa sobre o perfil dos afetados pela enfermidade, que poucos eram os infectados registrados em regiões de baixa renda. A vila Trindade, por exemplo, não contava com nenhum caso.

— Claro que as pessoas fazem filas e morrem nos postos de saúde daqui — argumentou a pesquisadora L. — Mas é por problemas que nos matam há décadas.

A partir da divulgação do seu relato, a Trindade passou a ser destino de especuladores, o que supervalorizou os preços das casas e terrenos. Mas por pouco tempo: usando as redes sociais os residentes nas zonas periféricas organizaram iniciativa para impedir a venda de propriedades para moradores dos bairros nobres e imobiliárias. Batizaram a iniciativa de “cordão de saneamento”.

De mãos atadas, a administração pública emitia comunicados vagos, afirmando que a situação seria normalizada. Diante do quadro,

a equipe de publicidade da gestão (acostumada a lidar com situações menos mortais, como campanhas antipichações ou preservação de monumentos) formulou a seguinte hipótese: Se a divulgação da existência da doença aumenta os casos, pode ser que uma forte campanha para abafar tudo isso resulte em diminuição considerável do problema.

— Por que não tentar? — aprovou o prefeito.

Devo destacar no final desta conferência: o que registrei em meu relatório a partir de então foi a relativização da verdade. Uma vez que a percepção da doença é construção da internet, raciocinou a prefeitura, as redes passaram a ser monitoradas e censuradas, ou nas palavras usadas, vacinadas.

A administração pública criou divisão especial para anular comentários a respeito da enfermidade, assim como para desviar a atenção para outros destaques. Entre eles, “a participação recorde no Festival do Pão com Vina”, dizia uma publicidade, ou “nova frota de ônibus biarticulados, rumo ao futuro”, dizia outra. Como vocês devem imaginar, até jornais e programas televisivos, muito bem pagos com recursos públicos, acompanharam a administração nesse movimento.

A prefeitura modificou a realidade. Ignorou o mosquito que perturbava o seu sono.

Funcionou? De acordo com pequena parte da população que abraçou a ideia, nunca mais Curitiba sofreu com a doença misteriosa. De acordo com os dados dos pesquisadores da área da saúde, a crise continua. De acordo com opiniões de moradores da periferia, eles que se entendam.



ENTRE DOIS CARNAVAIS

Anderson do Prado Silva, Petrópolis-RJ

Quando escolhi a profissão, não escolhi as escolhas que faria. Nada me preparou para o que viria. Nada preparou ninguém para o que viria. Pandemia não é visita aguardada, não é coisas postas nos lugares, não é casa faxinada, não é banho tomado. Pandemia é pé na porta e porta abaixo. Pandemia nos toma de assalto e nos dá rasteira no pé de apoio.

Quando tudo começou era tosse, espirro e temperatura elevada. Pouco tempo depois, muito pouco tempo depois, tínhamos a recepção lotada, a enfermaria sem vagas e eu no meio do caminho diante de dois nomes sem rostos para apenas uma vaga no setor de intensivo. Tendo em cada mão uma ficha, as mais resumidas das biografias de duas vidas, eu tinha que decidir a quem daria o último respirador. Uma daquelas duas histórias findaria sob meus cuidados, clamando por um ar que faltaria até para um último pedido de socorro, com mãos crispadas às bordas do leito e os olhos arregalados para o pavor.

A sentença fora proferida, a mais definitiva das sentenças, e incumbia a mim escolher o culpado. Nessa dialética de vida e morte, eu não era o juiz. Mas essa sentença - imposta por outros, por milhares de bilhares de outros seres microscópicos, rebentos duma natureza em fúria - era de minha incumbência fazer cumprir. Nesse cadafalso, eu era o carrasco, cujo capuz de meu branco jaleco e de meu diploma de medicina escondia o rosto e me poupava do estigma e da desconfiança pública, mas que tinha apostado, à dianteira, um par de furos através dos quais os olhos que eram meus se horrorizavam com a torpeza da iminente escolha a que me veria obrigado fazer.

Não seria a primeira morte a que assistiria. Desde que me tornara médico intensivista, parte importante de minhas atividades era ver morrer. Parcela dos que diariamente davam entrada no setor estavam, desde muito antes, condenados à morte, em estágios terminais de doenças incuráveis ou de velhices invencíveis. No entanto, a todo instante, eram assistidos por um exército de profissionais, entre os quais meu papel, entre prescrições já conhecidas pela equipe de enfermagem e auxiliares,

por vezes, parecia-me irrelevante. Por paliativos, enganávamos os rigores da morte, oferecendo conforto aos que apenas aguardavam um desfecho inevitável.

No setor de intensivo, não era inusual desligar aparelhos de pessoas ainda vivas, mas irremediavelmente condenadas. Cedo, na especialização que escolhera, eu me vira obrigado a me acostumar a essa realidade, mas nunca fora antes incumbido de, em meio a uma pandemia e a um desespero generalizado, optar entre dois indivíduos até ainda anteontem saudáveis que por um toque, por um cumprimento, por um gesto cotidiano e insignificante, contaminaram-se por uma doença nova e, numa escalada absurda e incontrolável, aportaram, sufocando, à unidade de mais alto risco do hospital.

Se inúmeras vezes eu vira morrer, nunca tivera sobre o inevitável qualquer controle. Os pacientes que chegavam a mim já vinham portando seus estigmas. Competia-me, tão somente, o encaminhamento da burocracia médica, as prescrições medicamentosas e as intervenções pontuais. No processo de fazer morrer, eu era um burocrata de importância quase nenhuma. A eliminação do meu papel não interferiria no resultado final, apenas abreviaria ou tumultuaria o andamento de trabalhos que me suplantavam.

No entanto, ao fazer a escolha entre aquelas duas fichas, eu estaria, pela primeira vez, assumindo um evidente protagonismo na morte. Sem o aparelho de respiração artificial, o paciente da ficha que eu renegasse estaria, irremediavelmente, condenado. Eu seria o protagonista de um espetáculo odioso, a causa direta e necessária de uma morte que, apesar da doença, seria plenamente evitável. Por mais que eu me esforçasse para me isentar de qualquer responsabilidade, ao final do processo ninguém me substituiria na escolha de qual paciente sucumbiria de uma morte desesperadora.

A nova gripe não era necessariamente mortal, tendo em seu curso natural de contaminação sintomas corriqueiros de tosse, espiro e febre, até evoluir, em alguns casos, para pneumonias severas. Ainda assim, em todos os casos, sempre havia esperança de que o próprio corpo, com tempo bastante, vencesse a infecção. Dessa maneira, a equipe médica competia nutrir e hidratar os corpos, fornecer alívio para os sintomas e, nos casos mais graves, ventilar os pulmões. E foi justamente no momento de oferecer essa última providência que me vi diante da impossível matemática de aferir qual vida importava mais.

Com que régua se mede duas vidas anônimas? Eu não tinha diante de mim rostos ignominiosos ou beatos que me facilitassem a escolha. Em cada folha de papel, eu tinha um nome sem rosto e sem passado, dois absolutos que, se me nada eram, com mais razão tudo poderiam ser, se não para mim, ao menos para aqueles que os teriam amado e cuidado, e que muito certamente estariam do lado de fora do hospital, dobrados sobre si mesmos, lamentando os horrores de um mal sem motivo e sem culpados.

Não importava qual vida eu escolhesse, ao final seria um jogo de soma zero. Um dos cadáveres seria conduzido ao necrotério, seria cuidado para agrado da família, seria velado pelos amores que cultivara, baixaria ao túmulo em meio a cânticos e louvores, e seria brindado às datas festivas por uma saudade imensa. O outro cadáver, morto pela ignomínia de uma escolha inadmissível, seguiria vagando entre os homens, divorciado de toda possibilidade de entendimento, amesquinhado pela hierarquização de duas vidas únicas e insubstituíveis. Esse outro cadáver seria eu. E a culpa seria pelo perdão que eu não poderia me conceder.

O erro que eu estava na iminência de cometer, mas do qual não podia me furtar, do qual não havia escapatória, tinha lugar para nascer e lugar para morrer: jamais sairia daquele setor de hospital. No rosto dos que me cercavam, entre enfermeiros e auxiliares, eu já encontrava a totalidade da compaixão que me seria destinada. A partir do momento em que eu fizesse a escolha, a chefe de enfermagem tomaria de minhas mãos a folha de papel à qual eu escolhera dar a vida e partiria, rodeada de seus auxiliares, para a execução de suas rotineiras tarefas.

Não haveria, entre meus auxiliares, qualquer julgamento, qualquer repreensão, qualquer sombra de dúvida sobre a imperiosidade da escolha, e essa seria toda a compaixão de que eu gozaria. Não haveria nem abraços nem palavras consoladoras. Em nenhum outro lugar se encontra mais resistência ao trágico do que entre aqueles que têm a morte como companheira de trabalho. Apenas enquanto eu retivesse aquelas duas folhas de papel eu poderia contar com aqueles olhos expectantes sim, mas também apiedados pela gravidade e dimensão da escolha à qual eu estava obrigado, porém eles, pela subalternidade de suas posições, e para seus alívios, estavam dispensados. Eu perscrutava as fichas dos pacientes, retendo, ao máximo, o calor daqueles olhos e daqueles corpos apiedados que me rodeavam, cúmplices possíveis de uma sentença em comum a executar.

Ao fim do expediente, quando deixasse o hospital, não encontraria em outros seres humanos qualquer consolo, porque a eles nada poderia dizer da escolha que fizera. Com que palavras se conta para a esposa e para os filhos que se escolhera matar um inocente, que se fizera opção entre duas vidas, que se decidira quem importava mais? Onde se encontra os amigos, num clube ou num bar, numa quadra de esportes ou numa academia, num parque ou na praia, para se lhes contar que se escolhera entre se lhes matar o pai ou o filho? Não, não haveria consolo fora do hospital, não haveria qualquer possibilidade de entendimento. Os que tombam em campos de batalha, em campos de batalha são enterrados. Não se leva cadáveres para casa. É o silêncio dos combatentes. Mutismo dos traumas não contados. De silêncios e de escombros se reconstrói países e se agrupa e reconstitui nacionalidades.

A escolha se impunha e eu a fazia, mas não sem antes me exculpar dos remorsos e responsabilidades que me oprimiam o peito. Enquanto eu pensava, ninguém morria, porque se pensa num átimo um mundo inteiro. Nos anos que passara no setor de intensivo, ouvira inúmeros relatos de pessoas que, à beira da morte, em meio a espasmos e estertores, passavam em revisão uma vida inteira, riam-se dos comezinhos do cotidiano, arrependiam-se das pequenezas e mesquinhas, e ainda encontravam tempo para visitar amores e reviver paixões, talvez daí alguns dos inesperados sorrisos com que me deparei nos rostos de alguns pacientes em meio às manobras de ressuscitação. O cérebro possui seu próprio ritmo, despreocupado dos pulos e cliques dos ponteiros do relógio.

E se é possível tanto pensar e tanto lembrar em tão pouco tempo, igualmente possível é fazer o oposto, desligando, por algum inusitado mistério, aquilo que nos aguilhoa ao tempo que passa, e nos poupar de todo pensamento e de toda reflexão, para, quando voltarmos, depararmos com um relógio que já vai longe, minutos ou horas à frente do tempo em que estávamos. Destes exercícios, a que nós ocidentais conhecemos por acaso, os orientais os cultivam na forma de meditação. No cérebro, como no texto, é possível pensar num instante, e por todos e diferentes caminhos, as infinitas possibilidades das escolhas que interrompem nossos passos.

Diante da enfermeira chefe e três de seus auxiliares, eu olhava para as fichas que tinha às mãos, e as interrogava à procura de um elemento qualquer que justificasse minha escolha, tudo ao mesmo tempo em que

pensava nos anos de omissão de todos aqueles que, sentados em seus escritórios e gabinetes, decidiram a sorte dos respiradores e leitos que não foram adquiridos para hospitais que não foram construídos a tempo. Eu clamava às fichas que eu tinha nas mãos para que entendessem todas as decisões que não foram tomadas por outras pessoas e que culminaram na decisão que eu teria que tomar.

Se eu pudesse, faria humanas aquelas duas fichas e as colaria numa sala, olho a olho, para que decidissem, de comum acordo, quem deveria, por merecimento ou por qualquer outro critério, gozar da chance de seguir vivendo. O que duas fichas humanas dessas diriam de si, do valor que tinham, das diferenças que faziam no mundo, dos que por elas ansiavam e que por elas chorariam? Duas fichas assim decidiriam no consenso ou antes se engalfinhariam resolvendo pelas próprias mãos a sorte de suas vidas, como sempre fizeram os homens em todas as guerras em todos os tempos? Da crueza desse raciocínio, do estigma que eu lançava sobre toda humanidade, eu tentava, num esforço vão, justificar a escolha que faria.

A pandemia, com suas abruptas e numerosas internações e súbito crescimento da mortalidade, disseminava o caos entre pacientes e funcionários, e lançava a todos numa solidão de medos e incertezas. Para agravar esse quadro, em pouco tempo a administração do hospital percebeu que não seria possível manter os acompanhamentos e as visitas de familiares e amigos, que, por sua natureza, multiplicavam exponencialmente as contaminações e internações. Depois disso, os adoecimentos e falecimentos passaram a contar apenas com a companhia dos jalecos brancos da equipe hospitalar. Quando, mais tarde, a morte se naturalizou, chegou-se ao extremo de permitir aos enfermos morrer solitários nos leitos, sem que um médico, enfermeiro ou demais auxiliares encontrasse um instante de seu tempo para dedicar a quem já não inspirava nenhum cuidado que fosse útil oferecer. No critério da utilidade, rompido restou nosso último laço com a humanidade.

A ficha que eu escolhesse para morrer não teria o conforto de uma presença amiga, talvez mesmo não tivesse sequer a presença de um dos jalecos brancos. Antes da pandemia, todas as vezes em que a morte se tornara inevitável, e eu decidira ser a hora de desligar os aparelhos que mantinham funcionando algumas precárias funções vitais, o paciente tinha, ao lado, um familiar ou amigo ou, mesmo, a presença de um religioso. Mas agora, em meio a todas as ausências impostas pelas

medidas sanitárias, a sentença de morte que minha escolha iria impor teria como agravante a solidão.

Eu adiava a decisão, mas já me avizinhava do tênue limite entre a compreensão e a impaciência dos que aguardavam minhas ordens. Ainda cambiante, eu interrogava os dados dos dois pacientes preenchidos nos campos próprios de cada ficha. Os nomes, negritados ao canto esquerdo superior, nada me diziam de suas personalidades e biografias. Ambos pacientes tinham mães, cujos choros desesperados, por um instante, eu quase pude ouvir. Dos campos disponíveis, o que mais me auxiliaria decidir, o das comorbidades, estava em branco, o que significava que ambos pacientes, ao darem entrada no hospital, declararam-se saudáveis, não portadores de qualquer outra doença. Eu não tinha, diante de mim, uma vida a que pudesse qualificar como menos viável.

Os quadros clínicos, descritos em minúcias pelos médicos do primeiro atendimento, eram em tudo similares. Os exames de imagem, anexados às fichas, de tão próximos, poderiam ser tidos como da mesma pessoa. Aos poucos, eu via ruir as teóricas soluções dos manuais de medicina. Numa ânsia - que eu adoraria qualificar de irrefletida, mas que foi, na verdade, apenas brusquidão que pretendia maquiagem a repulsa que sentia -, vali-me do mais arbitrário dos critérios, o etário, entregando à enfermeira chefe do setor de intensivo a ficha do paciente mais jovem.

Não me incumbia dar encaminhamento administrativo aos pedidos de internação. Eu os despachava e, em circunstâncias normais, depositava no escaninho respectivo. Em meio à pandemia, os pedidos deferidos iam de minhas mãos direto para as da enfermeira chefe, que cuidava pessoalmente da burocracia envolvida, sem intermediários outros que retardassem o processo. Quanto ao pedido indeferido, por inédito naquele que era um dos mais exclusivos hospitais do país, fiquei sem ter como dar destino certo. Assim que entreguei para a enfermeira o pedido deferido com minha rubrica em destaque, todos que me cercavam prontamente seguiram para suas imediatas tarefas, deixando-me ainda por um tempo estacado a meio do caminho, já agora com apenas uma ficha na mão.

O papel, mesmo impresso, ofendia-me com seu alvor branco e denunciava a olhos que já nem mais me viam a culpa que eu trazia no peito. Ele dava testemunha de meu erro. Denunciava um crime a que me vira obrigado cometer. Transido, fiz duas dobraduras no papel e, num gesto irresponsável, depositei-o no bolso da camisa sob o jaleco. Nos

instantes que se seguiram, cumpro, monotonamente, minhas funções. O paciente, cuja vida eu julgara justo ser salva, foi por mim entubado em sucessivos gestos mecânicos e monótonos. Pela primeira vez eu não tinha diante de mim um ser humano a ser salvo, mas apenas a abstração de um erro.

O paciente, um homem adulto, mas ainda jovem, assim como eu cultivava na frente os primeiros fios brancos de uma velhice que apenas se insinuava. No bolso da camisa, eu tinha a vida de um outro homem, vinte anos mais velho, mas não velho bastante para justificar a condenação que eu lhe impusera. Ainda que assim não fosse, quão velho precisaria ser alguém para se justificar o abrupto cerceio de sua vida? Haveria um momento a partir do qual se justificaria matar? Qual era a idade que se deveria atingir para não mais se prestar para viver? Meu pai era mais de vinte anos mais velho do que eu. Mesmo meu avô, ainda vivo, era mais de vinte anos mais velho que meu pai. Qual dos dois seria abreviável? Qual dos dois teria um fim tão próximo, tão logo ali, tão à esquina que justificasse uma antecipação?

Quantos anos mais poderia viver o morto que eu tinha no bolso? Vinte talvez? Apenas através de nossos sentidos é possível apreender o mundo. É em nós que tudo começa e tudo acaba. Antes do outro, o eu. Projetei em minha própria história esses vinte anos de uma vida expectativa. Vinte anos era concepção e nascimento, era ensaios fotográficos mensais de gravidez e de bebê, era mesversário e primeiro aninho, era alfabetização e primeira escola, primeira quadrilha, primeiro amor e primeiro beijo, era angústia e aprovação na faculdade de medicina. Vinte anos era uma vida. Meus últimos vinte anos, por exemplo, foram formatura e primeiro emprego, encontro e casamento, concepção e nascimento, ainda outra concepção e ainda outro nascimento, um novo começo e outros vinte anos, agora imaginados à frente, já não mais seriam meus, mas de minhas filhas e talvez de meus netos, e assim muitas outras primeiras vezes tornariam a ocorrer.

O desvario do qual estava tomado era dos mais perniciosos, eis que não estampado no rosto nem nos gestos. Aos que me rodeavam, eu era quem intubava, prescrevia e orientava subordinados. Intimamente, meu autocontrole era apenas pismo e ausência. O papel no meu bolso agonizava e morria. Na ausência própria de um trabalho ininterrupto, foi a chegada do plantonista seguinte que me lembrou do turno que findava. Antes de me livrar da indumentária dos equipamentos de

proteção, dirigi-me, afoito, ao setor de enfermaria para finalmente comunicar que indeferira um dos pedidos de internação e me certificar de que, por esforços e, mais necessariamente, por um milagre, fosse providenciado algum leito de intensivo disponível em outro hospital.

O ambiente hospitalar, por vezes intimidador para os pacientes, é o local de todos os dias da equipe médica. E como todo local de todos os dias de quem quer que seja, por mais inóspito que o ambiente pareça para quem está de fora, ainda é o local onde se desenvolvem vidas e histórias, onde se brinca e se comemora grandes e pequenas vitórias, onde se festeja nascimentos, casamentos e aniversários, onde pessoas comuns vivem vidas comuns. Mas, desde que a pandemia se acentuara, e a dor, a morte e o medo se insinuaram mesmo aos mais resilientes, a circunspeção cerrara cada rosto e, ao fim dos dias, dos turnos e dos plantões, o hospital devolvia à cidade uma massa acinzentada de corpos e espíritos abatidos pelo cansaço. Os rostos com os quais eu cruzava nos corredores que separavam o setor de intensivo das enfermarias rumavam pelos cantos, abatidos, marcados, sem ânimo para “tchau”, “até mais” e “te vejo amanhã”. Durante a pandemia, a felicidade se tornara árdua.

Desorientado, terminei de cruzar os corredores e aproximei-me de um dos balcões do setor de enfermarias e, enquanto era ignorado, não sei se intencionalmente ou apenas porque demasiado o trabalho, aproveitei-me do liso do mármore para recompor o amassado do papel que retirei do bolso da camisa. Quando finalmente um enfermeiro, em meio às suas muitas pressas, interrogou-me com um meneio de cabeça, exibi a ficha e perguntei onde deveria entregá-la.

- Quem é o senhor?

- Chefe do intensivo.

Certamente surpreso pelo inusitado daquela presença, o enfermeiro interrompeu suas preocupações, aproximou-se do balcão e recolheu a ficha para melhor examinar aquele inacreditável.

- Esse paciente está sendo preparado para transferência.

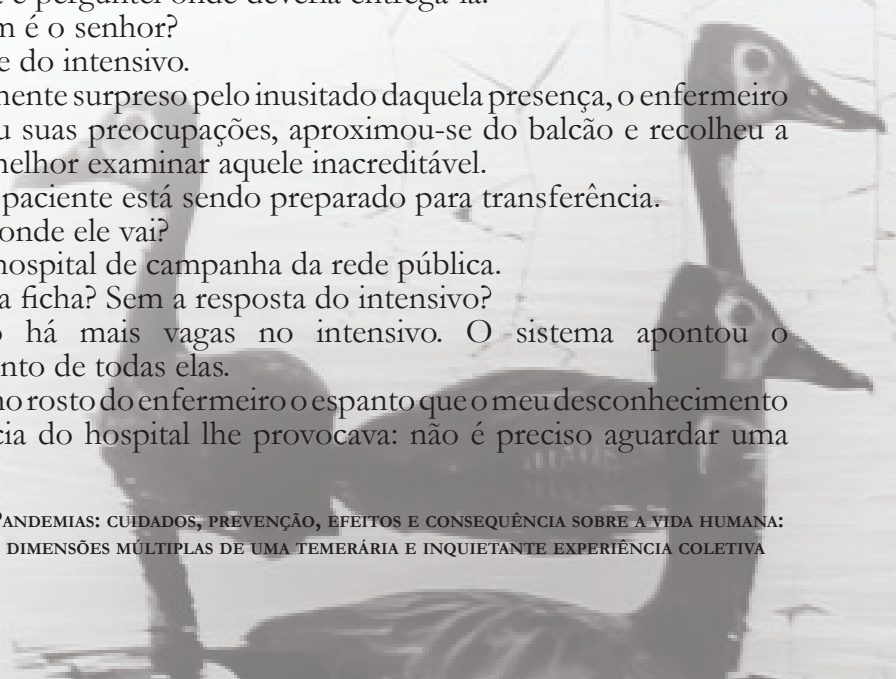
- Para onde ele vai?

- Um hospital de campanha da rede pública.

- Sem a ficha? Sem a resposta do intensivo?

- Não há mais vagas no intensivo. O sistema apontou o preenchimento de todas elas.

Eulia no rosto do enfermeiro o espanto que o meu desconhecimento da burocracia do hospital lhe provocava: não é preciso aguardar uma



resposta que, de qualquer maneira, seria negativa. Sem mais tempo a perder, girei o pescoço para os lados, num gesto inútil de busca pelo paciente em preparação para transferência. Adivinhando-me, o enfermeiro indicou:

- Enfermaria três.

Esticando os braços, indaguei:

- Posso ficar com isso?

Surpreso, porém indiferente, o enfermeiro deu de ombros e assentiu:

- Claro.

Peguei o papel e tornei a dobrar e escondê-lo no bolso. Enquanto cruzava os amplos espaços das enfermarias um e dois, imaginava e mesmo sentia os olhos do enfermeiro vigiando-me os passos. Sob o leito de número cinquenta e três, encontrei dois enfermeiros rodeando de preparativos um paciente, cuja pulseira, afixada ao pulso, revelava ser quem eu procurava.

- Vai acompanhar?

- Como é?

- Vai acompanhar o paciente?

Eu esquecera por completo a possibilidade de tal providência. Acionado o gatilho, recordei-me de, com efeito, já ter visto figurões da política, artistas e outros ricos serem acompanhados, em suas transferências ou retornos para casa, por seus médicos particulares. Mas aquela foi a primeira vez em que um paciente anônimo, de uma importância que era só minha, saiu do hospital acompanhado por um dos mais renomados e qualificados profissionais em atuação, chefe de um dos setores mais delicados e complexos da estrutura hospitalar. Mas, para os dois enfermeiros que me viram, ágil, desmontando equipamentos, desligando e religando tubos, e pendurando bolsas, eu era apenas o mais útil dos auxiliares. Nunca, com tal profusão e eficiência, haviam visto um paciente ser preparado e conduzido até a ambulância.

O paciente, homem de meia idade, mais próximo dos anos de meu pai do que dos meus, estava consciente, embora respirando com visível dificuldade. A intervalos regulares, quando o ar mais lhe faltava, abria os olhos e mirava em mim o seu desespero. Enquanto a ambulância deslizava por ruas e avenidas quase desertas, de uma população acuada pelo distanciamento compulsório, eu, tomado de impotência, vasculhava

a memória à procura da localização do hospital de campanha montado pelo município.

- Droga!
- O que é isso?
- Estão parados.

Dos fundos da ambulância, interrompi o diálogo entre o motorista e o enfermeiro:

- O que foi, o que está acontecendo, por que estamos reduzindo?
- Uma manifestação.

Soltei o cinto que me prendia a uma das laterais da ambulância e tentei espiar através do para-brisa:

- Não dá para contornar?
- Não mais: já há veículos atrás.
- Buzina. Mande-os sair.

- A sirene está ligada, doutor. Eles estão voltando para os carros, vão liberar a passagem.

- Contra o que essa gente está protestando?
- Contra o distanciamento social.

Revolta, frustração e incredulidade, uma profusão de sentimentos confusos irrompeu. Enquanto aquela gente protestava contra o que lhes protegia e poupava a saúde e a vida, meu paciente sufocava na traseira daquela ambulância. Comprimi-me entre a maca e a lateral da ambulância e, apoiando-me precariamente no quanto estivesse ao meu alcance, aproximei-me dos ombros do motorista e do enfermeiro para, através do para-brisa, ver uma fila aparentemente interminável de veículos de todas as cores, mas sempre salpicados, aqui e ali, pelas quatro cores da bandeira nacional, presentes em profusão, afixadas nos capôs e vidros laterais e traseiros dos veículos, ou cobrindo as mãos e os corpos dos manifestantes.

O governo determinara o distanciamento social, com fechamento da maior parte do comércio. Segundo as autoridades informaram, e segundo eu mesmo pude constatar no hospital, o distanciamento social era importante para reduzir a velocidade da propagação da doença e, com isso, ganhar tempo para preparar o sistema de saúde para receber o fluxo inusual de pacientes. A sobrecarga dos serviços hospitalares provocaria um aumento na mortalidade. Sem leitos, equipamentos e profissionais para atender a todos, muitas mortes evitáveis ocorreriam, daí a importância do distanciamento social. Se a contaminação da maioria era certa, era impreterível que não fosse simultânea.

- Sente-se, doutor! Não posso dirigir com o senhor solto aí atrás.

Contrariado, e sentindo-me ainda mais impotente, retornei ao meu assento e afivelei o cinto. No peito, o coração respondia, em ribombos descompassados, aos impropérios odiosos que eu proferia em pensamento contra tudo quanto havia lá fora no caminho da ambulância. Enquanto isso, a ambulância tornava a avançar, muito lentamente, entre os veículos que se punham para os lados, subindo calçadas, num movimento preguiçoso. Ao tornar a olhar para o paciente que, à altura de meus joelhos, respirava pesadamente, choquei-me com a constatação de que, para salvar uma única vida, aquela que eu tinha diante dos olhos, eu me imaginava capaz de descer da ambulância e praticar violências várias contra os defensores daquela causa suicida, que em breve se contaminariam nas aglomerações que voluntariamente promoviam, o que os levaria a aportar, agonizantes, em um sistema de saúde colapsado.

Entre solavancos, paradas e desvios, e depois de perdido um tempo que poderia vir a se tornar precioso, a ambulância voltou a se locomover em ritmo acelerado, até parar num parque tornado irreconhecível por uma profusão de lonas, barracas, tendas e demais equipamentos indispensáveis para a manutenção de um complexo hospital de campanha. Paramentado como estava, escondido sob uma profusão de equipamentos de proteção individual, obtive livre acesso às instalações, enquanto ajudava a direcionar a maca com o paciente.

- Não virão receber o paciente?

- Não há mais equipes disponíveis, doutor. Seguimos direto para os leitos vagos do pavilhão cinco, inaugurado ontem. Lá, uma equipe atenderá o paciente tão logo seja possível.

- Esse pavilhão cinco é intensivo?

- Cada pavilhão possui cem leitos de enfermaria e vinte de intensivo. Fomos orientados para acomodar os pacientes nos leitos de enfermaria. É só isso que estamos fazendo hoje, já é o sétimo chamado de transferência do nosso plantão.

- Mas esse paciente precisa de um leito de intensivo!

- Como disse, doutor, ele será avaliado prontamente, ou assim que possível.

- Mas ele já foi avaliado no hospital de origem!

- É o procedimento, doutor. Converse com equipe.

O condutor da ambulância e o enfermeiro limitaram-se a acomodar o paciente, depositar o prontuário em um suporte aos pés do leito e partiram atrás de outras vidas que também não podiam esperar.

Pouco depois, chegou uma equipe médica:

- Quem é o senhor?
- Médico do paciente.
- Quem deixou o senhor entrar?
- Ninguém.

E nisso se esgotaram as formalidades. Rapidamente, o paciente foi avaliado, intubado e encaminhado para um dos leitos de intensivo.

- Vai ficar apenas olhando ou vai ajudar?

Durante as próximas horas, sem que qualquer pessoa tivesse aferido minha identidade, vi-me coordenando uma equipe e atendendo pacientes que chegavam ininterruptamente. Apenas quando a madrugada já ia a meio, as sirenes de ambulâncias silenciaram um pouco, uma breve calmaria que antecederia a tempestade dos doentes matinais. Aproveitei esse vagar para visitar o único paciente naquela multidão que poderia chamar de meu.

- Como ele está?
- Não vai resistir, doutor. Já tenho ordens para desligar os aparelhos.

As cortinas que cercavam o leito foram cerradas. Era um gesto inútil, apenas simbólico, pois os pacientes ao redor, todos entubados, estavam no mais profundos dos comas induzidos. Se viam o que lhes acontecia ao redor, viam apenas através dos olhos dos membros da equipe médica encarregados de desligar os aparelhos. Um a um, os diversos aparelhos de suporte vital foram silenciados.

No bolso da camisa, resgatei, mais uma vez, a ficha do paciente. No embaçado e na tremura de uma morte que era minha, encontrei o telefone e o nome do contato indicados pelo próprio paciente quando de seu ingresso no hospital.

- Por favor, esperem. Vou ligar para a família.

Do outro lado da linha, ainda no segundo toque, a voz abrupta de uma mulher disse o alô. Surpreso com a brusquidão daquele atendimento, o qual, naquele adiantado de madrugada, supus que viria apenas após muitos toques, precisei de um segundo alô e ainda de um pigarro para conseguir dizer:

- Senhora Fernanda?
- Sim, é ela.

- Quem fala é o doutor Gabriel, do Hospital das Clínicas.

- O que aconteceu?

- Dona Fernanda, estou ligando para dar notícias do seu esposo.

- Pois não.

- Bem, dona Fernanda, no fim da tarde seu esposo sofreu uma significativa piora e precisou ser transferido para uma unidade de tratamento intensivo. Como não havia vaga no hospital, ele foi trazido para um hospital de campanha montado pelo município.

- Onde é isso?

- No Parque Municipal.

- Eu posso vê-lo?

- Não, infelizmente é proibido.

- Ah.

- Dona Fernanda, chegando aqui no hospital de campanha, seu esposo foi intubado e, durante o procedimento, sofreu uma parada cardiorrespiratória. Nós realizamos as manobras de ressuscitação e até conseguimos estabilizá-lo, mas depois ele não evoluiu bem. A senhora está me ouvindo?

- Hã-hã.

- Dona Fernanda, não há mais nada que possamos fazer por ele. Ele não vai se recuperar. A equipe médica se reuniu e decidiu que chegou a hora de desligar os aparelhos que o mantêm vivo. A senhora me entende?

Ela não tinha que me entender. Essa não era uma pergunta que devesse ser feita. Não haveria tempo hábil para que ela me entendesse. Tudo se contrapunha ao entendimento: o súbito adoecimento do esposo, a precipitada internação, a piora geométrica do estado de saúde e, agora, aquela decisão tomada em plena madrugada. Não era usual na rotina médica desligar aparelhos durante a noite, mas a heterodoxia se impunha pela necessidade de ceder o leito para outro paciente, cujo salvamento fosse clinicamente viável. Igualmente inusual, inédito até, era um membro da equipe médica realizar aquele tipo de chamada para tratar de assunto tão delicado. Minha pergunta, por inútil, ficou sem resposta.

- Fale com ele, dona Fernanda. Eu vou colocar o telefone no ouvido dele.

- Ele vai me ouvir?

- Ele está em coma induzido. Apenas fale. Vou colocar o telefone no ouvido dele.

Aguardei minutos que não contei antes de, com um aceno, sinalizar à enfermeira para que prosseguisse seu trabalho, desligando o respirador. Cinco minutos, foi o tempo que o paciente levou para falecer. Nesse tempo, além do telefone ao ouvido, o paciente contou com um outro gesto inédito: a enfermeira que desligara o respirador retirara, contra toda prudência, o par de luvas e segurara uma das mãos do paciente. Quando retornei à linha, ouvi a voz de Fernanda:

- ... nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal. Amém. Ave Maria...

Durante minha carreira, sempre me surpreendi com a presença de Deus em horas que deveriam ser de revolta ou abandono. Eu me injuriava perguntando onde estaria aquele Deus que fazia sofrer e deixava morrer. Mas a minha revolta contra esse Deus parecia não alcançar meus pacientes, suas famílias e amigos, ao contrário, era justamente nesse Deus que eu não compreendia e não podia aceitar que eles encontravam força e esperança para suportar as chagas que nós, médicos, já não podíamos curar. Onde nós falhávamos, Deus provia, mas o fazia de uma maneira estranha, com omissão e silêncio, enquanto nós, inconformados, traçávamos uma luta vã. Deus nos fazia concorrência. Seu seja-feita-a-sua-vontade impunha-nos derrotas.

A igreja me entregara um Deus sem forma, enquanto a ciência me relegara um Deus sem conteúdo. Abstraido em metáforas feitas de jardins, costelas e cobras, o Deus que a igreja me entregara não se encaixava na ciência que eu amava. Depois de algum tempo, afastei-me de uma religião cujos dogmas não encontrava meios de acreditar. Ainda assim, pegar o telefone para ouvir e saber quais foram as últimas palavras que o meu paciente recebera, ainda que sem ouvir, comoveu-me. Aquele Deus não era de todas horas, era das horas necessárias, e isso me assustou.

Interrompi as rezas de Fernanda, que, do contrário, teriam se repetido em uma alternância infinita de Pais-nossos e Ave-Marias, e anunciei-lhe a morte do marido:

- Dona Fernanda, ele faleceu.

Ao anúncio, seguiu-se um breve silêncio e depois veio a pergunta que eu não soube precisar se se tratava de um pedido de socorro ou de uma singela orientação sobre a burocracia do luto:

- O que eu faço?

Escolhendo o caminho que me pareceu mais fácil, respondi:

- A senhora precisa vir ao hospital de campanha para dar encaminhamento ao óbito.

Apesar do caos provocado pela escassez de recursos humanos e logísticos, alguns rituais da morte foram preservados, como a cuidadosa lavagem do corpo, que, a seguir, foi enrolado numa mortalha branca e envolto num saco plástico cinza. Todo o procedimento foi realizado com uso em profusão de álcool em gel, inclusive no exterior do plástico. Foi a primeira vez que acompanhei todo esse procedimento, pois, normalmente, nesse instante, como médico, eu já deveria ter deixado o leito e partido para o atendimento de outros pacientes. Por fim, o corpo foi entregue aos maqueiros e o leito foi higienizado e preparado para receber quem mais necessidade e utilidade encontrasse no leito.

Eu me lançara em uma ambulância, cruzara a cidade, trocara meu repouso, sono e descanso para estar em um hospital de campanha atendendo gratuitamente pacientes que não eram meus, e estivera presente naquela hora derradeira, realizara o gesto inédito de ligar a meio da madrugada para o familiar de um paciente e, por fim, comunicara o falecimento. Tudo o que eu fizera deveria me absolver das culpas que nutria. No entanto, a voz de Fernanda ainda não silenciara. Eu ainda podia ouvi-la clamando “o que eu faço?” - “o que eu faço?” era o que eu também me perguntava. Qual a coisa certa a se fazer quando alguém que nos importa morre?

O homem que eu acabara de ver morrer não era mais meu paciente, pois lhe faltava a qualidade essencial de ser uma vida que eu pudesse salvar. Ao meu redor, centenas de outras pessoas clamavam por cuidados para os quais eu estava plenamente capacitado. Era a eles que eu deveria amparar. Porém, não eram eles que eu ainda trazia no bolso da camisa, dobrado duas vezes, e dono de um nome, uma filiação, estado civil, idade e, até mesmo, endereço residencial. Nas últimas horas, eu tivera esse paciente no bolso e também ao alcance dos olhos e das mãos, mas, ainda assim, não lhe alcançara. Eu tinha os dados da ficha, mas não o conhecia bastante e não conseguia dele me desligar. Eu seguia aos pés de seu leito, mesmo quando seu corpo já fora levado.

Mas havia um limite para o tempo em que um médico poderia permanecer parado em meio a centenas de leitos repletos de pacientes reclamando cuidados. Sem poder me alongar mais no deguste da sensação de vazio deixada pelo leito desocupado, decidi meus próximos

passos. Enquanto o corpo era levado para o necrotério, atravessei os diversos pavilhões do hospital de campanha até me ver ao ar livre. Desfiz-me das luvas, da dupla camada de máscaras e do avental e entrei no primeiro táxi com que me deparei.

Eu não morava mais com minha esposa e filhas. Desde que a pandemia se agravara, eu havia me mudado para um quarto de hotel, o que evitava que eu, eventualmente contaminado, levasse a doença até minha família, bem como reduzia meu cansaço com deslocamentos entre o hospital e minha casa. Eu comparecia ao hotel apenas para dormir. Estar sozinho e recluso em apenas um cômodo era desalentador. Eu preferia, apesar de tudo, estar no hospital. Enquanto remediava no trabalho meu vazio e solidão, eu beneficiava os que precisavam de atendimento e aliviava a sobrecarga dos demais colegas. Mas eu não era o único a fazer isso, não havia mais no hospital quem conseguisse ir para casa e usufruir as horas de descanso a que teria direito, todos preferiam o trabalho. Dormir e descansar se tornara um fardo. Ao arrepio da legislação e da prudência, o hospital já não impunha limites máximos de jornada, não obedecíamos aos intervalos mínimos de repouso, fazíamos incontáveis e impagáveis horas extras. Estávamos todos no limite, mas ainda não divisávamos o fim daquele caos.

No hotel, apenas tomei banho e troquei de roupa, livrando-me do uniforme do hospital. Em pouco, estava novamente em um táxi, de retorno ao hospital de campanha, onde, sem o uniforme e demais paramentos médicos, não voltei a ter acesso aos pavilhões. Segui as indicações para o setor de processamento de óbitos e perguntei pelo nome indicado na ficha que seguia comigo:

- O corpo desse paciente já foi liberado.
- A família já esteve aqui?
- Provavelmente sim, pois apenas indigentes são liberados sem a presença de alguém da família.
- E para onde ele foi?

Desde que o número de mortos se avolumara, diversos cemitérios da cidade haviam perdido a capacidade logística de seguir com os sepultamentos. Com isso, todos os recursos do município foram concentrados em um único cemitério, para onde o funcionário do setor de processamento de óbitos me encaminhou.

Ao novamente desembarcar de um taxi, agora em frente ao cemitério, uma leve vertigem me lembrou das muitas horas sem

descansar e sem comer que eu acumulava. Apesar das limitações impostas pelas medidas sanitárias, vendedores ambulantes, furtivos, espalhavam-se pelo local. Entre as poucas opções oferecidas, comprei algumas barras de chocolate e uma garrafa de água. Vendo a multidão que se acumulava no entorno do portão do cemitério, eu me recriminava por estar também ali, sem motivo justificável, colaborando com a irresponsabilidade. O próprio lanche que acabara de comprar deveria ser higienizado e descontaminado, mas meu despreparo no momento, sem sabão ou álcool em gel, e a ânsia para comer romperam meus escrúpulos.

O cemitério tinha o portão principal praticamente fechado. Era apenas por uma greta que um funcionário controlava o acesso. Entre leves empurrões e alguns encontrões, aproximei-me do portão até conseguir ouvir o funcionário informar que apenas uma pessoa da família de cada falecido seria autorizada a entrar. A cada vez que a informação era repetida, os ânimos dos que estavam mais próximos do funcionário se exaltavam.

- Eu entendo! Sinto muito, mas são as ordens! Os senhores nem deveriam estar aqui. Afastem-se por favor. Deixem as pessoas passarem.

Para entrar no cemitério, eu deveria apresentar o original da declaração ou certidão de óbito, documento que eu não tinha e que, provavelmente, estaria com a viúva do meu paciente. Ao meu redor, acumulavam-se pais e mães, avôs e avós, filhos e filhas, netos e netas, esposos e esposas, companheiros e companheiras, e uma profusão de amigos e conhecidos das várias pessoas cujos corpos seriam enterrados ao longo do dia. Alguns gritavam, choravam, lamentavam e se descontrolavam. Outros, sorumbáticos, acumulavam-se pelos arredores e aguardavam o retorno e o relato do único familiar autorizado a entrar.

Não havia mais velórios. Os corpos eram acondicionados em envoltórios plásticos e depois em caixões lacrados. A última vez que familiares e amigos viam os pacientes era por ocasião da internação. Depois do diagnóstico, os pacientes tinham contato apenas uns com os outros e com a equipe do hospital. Com o tempo, o aumento constante do número de óbitos levou ao esgotamento dos serviços funerários, o que obrigou o município a assumir a produção de urnas funerárias e a organização dos enterros.

Considerarei abordar o funcionário que controlava o acesso ao cemitério e me apresentar como membro da equipe médica, mas o

ridículo da ideia logo me inibiu. Eu não gozava naquele local qualquer privilégio nem exercia qualquer autoridade. Entre os quatro muros do cemitério, qualquer dos coveiros era mais útil do que eu. Como médico, aprendera a, com gestos solenes, trazer à vida e poupar à morte, mas nada disso me servia para abrir os portões do cemitério.

Afastei-me e comecei a ladear os muros brancos do cemitério. A malícia de um plano já estava em mim, eu o mentalizava e procurava meios de vê-lo concretizado: o muro não deteria minha irracional obsessão. Quando me julguei distante bastante para não ser mais observado, vali-me dos préstimos de uma árvore para apoio de um pé e me debrucei sobre o topo do muro, arranhando os braços e o peito. Para passar as pernas sobre o muro, arranhei também os joelhos e as coxas. A última parte da aventura consistiu em saltar no chão do cemitério. Saí da peripécia com a roupa caída de branco e os tornozelos doendo do pouso desastrado. Em um dos bolsos laterais da calça, alguns dos chocolates que guardara haviam derretido e, comprimidos entre meu corpo e o topo do muro, romperam a embalagem. Eu sentia o caldo quente e melado vazando e escorrendo pelas pernas.

Limpei-me quanto pude e, depois, caminhei entre os túmulos até encontrar uma vereda que me levou de volta ao portão do cemitério, onde o mesmo funcionário limitava o acesso e fornecia orientações. Mesmo temendo ser reconhecido como alguém cujo acesso não fora autorizado, perguntei ao funcionário onde seria o sepultamento.

- O senhor deve aguardar na tenda montada no campo oeste.

A necessidade de observar normas estritas de segurança sanitária e oferecer algum conforto aos que aguardavam obrigara a administração a montar uma tenda, sob a qual foram instaladas cadeira brancas de plástico, espaçadas umas das outras em cerca de dois metros. Sentadas e separadas, numa maximização da solidão de cada um, o único familiar de cada morto aguardava até que o nome do falecido fosse anunciado por um funcionário do cemitério.

A distâncias cada vez maiores, um grupo de quatro coveiros trabalhava nos enterros. Os caixões com os corpos ficavam armazenados em um contêiner frigorífico e, um a um, eram retirados e conduzidos à borda da cova. Mesmo da distância em que eu estava, admirei-me da circunspeção, comedimento e solenidade com que cada coveiro conduzia o caixão, baixava-o à cova, aguardava uma última e solitária súplica do único familiar por ali postado, e só depois lançava as primeiras pás de terra.

O próximo enterro era, a intervalos infinitos, anunciado ao pé da tenda. O familiar respectivo caminhava sozinho até a beira da cova e assistia o lento aproximar do caixão. Os quatro coveiros depositavam a urna ao lado da cova e tomavam fôlego. Dois coveiros desciam no buraco e escoravam a urna até o fundo. Depois, cada coveiro à sua maneira se postava ao lado da cova, apoiados às suas pás e enxadas, e aguardavam em torno de cinco a dez minutos, que eram, para o familiar, de oração ou de pasmo. Apenas depois, e sempre de maneira delicada e respeitosa, os coveiros lançavam, macio e a poucas medidas, as primeiras pás de terra.

Soba a tenda, as mulheres eram maioria, o que tornava mais difícil minha busca por Fernanda. Enquanto a maioria permanecia inerte, de cabeça baixa ou com o olhar perdido nos sucessivos enterros que ocorriam à certa distância, eu perscrutava os rostos, tentando identificar Fernanda. Eu invadia a intimidade do luto alheio.

Quando finalmente o nome que eu aguardava foi anunciado, a mulher que se levantou não diferia das demais: tinha a face abstrata da dor. Em um gesto irrefletido, também me levantei, mas o a surpresa que causei nos que me rodeavam logo me lembrou de tornar a sentar. Algumas fileiras de cadeira à frente, Fernanda se levantou e caminhou lentamente até a borda da cova que fora designada para receber o corpo de seu marido. De longe, eu tentava o impossível de ler a face de Fernanda.

O enterro foi finalizado com a colocação de uma cruz branca de madeira e Fernanda regressou em direção à tenda, onde dobrou e seguiu pela vereda que a levaria de volta ao portão do cemitério. Levantei-me e segui-a distante alguns passos. Ainda por algum tempo, contive-me a interpela-la. Quando finalmente a voz me saiu, veio falha e trêmula.

- Fernanda?

Surpresa, ela olhou para trás antes ainda que as pernas lhe sobrestivessem os passos. Num gesto que as autoridades de saúde não recomendavam, estendi-lhe a mão.

- Prazer, eu sou o doutor Gabriel.

Fernanda não me retribuiu o gesto e, enquanto eu, constrangido, recolhia a mão, ela desculpou-se. Emendei-me:

- Imagina, não precisa se desculpar, falta de atenção a minha!

- Não é por mim. É pelos outros e pelo exemplo.

- Claro! Sei bem o que é isso.

Eu estava nervoso e ainda não sabia se fora identificado.

- Eu trabalho no Hospital das Clínicas, onde seu esposo estava internado. Fui eu que liguei para a senhora essa noite.

- Eu sei. Eu só... Só estou surpresa por encontrar o senhor aqui. Como sabia quem eu era?

- Não sabia. Estava na tenda e vi você se levantar quando chamaram o nome do seu marido. Eu só queria apresentar meus sentimentos. Falamos pelo telefone há pouco, mas... não lembro de ter apresentado meus sentimentos.

- Não apresentou.

- Desculpe-me.

- Imagina. Está tudo bem. Você veio aqui pra...

- ... pra isso? Não. Eu vim por um amigo.

- O senhor também perdeu alguém?

- Acho que todos perdemos.

- Sim. Meus sentimentos.

- Obrigado. Posso acompanhá-la?

- Claro.

Caminhamos lado a lado silenciosos: eu, constrangido; ela, parecendo imersa em suas dores.

Do lado de fora do cemitério, depois que vencemos a aglomeração de pessoas em frente ao portão, ela tornou a falar:

- Doutor, meu carro está para este lado. O do senhor está onde?

- Estou de táxi. Tem um ponto do outro lado.

- Você... quer uma carona?

- Não quero incomodá-la.

- Não é um incômodo.

- Se não for um incômodo, eu vou para o Hotel Plaza, próximo ao hospital. Você vai passar perto?

- Agora vou. Deixo o senhor lá.

Mais uma vez, caminhamos em silêncio, e apenas quando já estávamos dentro do carro em movimento voltamos a falar:

- Dona Fernanda, sobre seu esposo, nós fizemos tudo o que era possível. Essa doença... Ela é traiçoeira. Às vezes, tudo parece correr bem... Assistimos melhoras... Mas, de repente, tudo se complica. Quando o estado do seu esposo se agravou, os leitos de intensivo... A senhora entende?... Eles estavam todos ocupados. Às pressas, transferimos ele para o hospital de campanha, que contava com todos os recursos de

que ele precisava naquele momento. Eu, pessoalmente, acompanhei o transporte. Estive com ele na ambulância. No hospital de campanha, ele logo foi intubado, mas já estava com a oxigenação muito baixa. Ele sofreu uma parada cardiorrespiratória, foi reanimado, mas já estava fraco. Não se recuperou. Não havia mais o que fazer. Foi uma decisão unânime, de consenso, todos os médicos do pavilhão participaram.

- Ele sofreu? – foi tudo o que lhe interessou saber.

- Não! Para a intubação, ele foi induzido ao coma. Quando os aparelhos foram desligados, ele não sentia mais nada.

O esposo de Fernanda não só não presenciara a própria morte, como também não ouvira as últimas palavras que lhe foram ditas. Mas eu não precisava dizer isso, pois Fernanda sabia, ela sempre soubera. Do que se diz, nem sempre se diz para o outro. Dizemos para nos convencer ou nos confortar. Fernanda precisava dizer, eu precisava que Fernanda dissesse, então fizera a chamada, e isso fora tudo.

Fui deixado em frente ao hotel. Não tornei a me encontrar com Fernanda. Dela, ficou-me o número de telefone na lista de chamadas completadas do celular, a ligação realizada em uma das primeiras de muitas madrugadas infernais de uma pandemia que arrasou a cidade, o país e o mundo. Foi através desse número de telefone, que acabei por salvar nos meus contatos, que acompanhei a vida de Fernanda. Toda vez que ela fazia alterações em sua imagem de perfil nos diversos aplicativos de celular que possuía, eu tinha acesso.

A primeira vez que Fernanda alterou sua foto de perfil foi para colocar um fundo preto singelo em sinal de seu luto. Enquanto Fernanda assim manteve sua imagem de perfil, eu quase podia sentir sua dor. Mesmo depois, quando Fernanda finalmente removeu o fundo preto, a nova imagem ainda dava sinais da dimensão de seu luto: era uma foto dela com o esposo os filhos do casal.

Quando a pandemia finalmente arrefeceu seus rigores, foi com alívio que acompanhei a vida de Fernanda voltar à normalidade possível, com fotos de encontros com amigos, de confraternizações no trabalho, de festas em família e de viagens. No entanto, ainda levou muito tempo para que Fernanda conhecesse um outro alguém e colocasse no perfil uma foto de casal. Talvez eu continuasse acompanhando para sempre a vida de Fernanda através de suas atualizações, mas um dia a foto dela deu lugar a um estranho, indicando que a linha mudara de titular.

Ainda realizei um último esforço desesperado para saber da família. Da ficha que guardara, colhi o endereço e fiz campana de dentro

do carro do outro lado da rua, mas as pessoas que vi entrar e sair do imóvel não correspondiam aos rostos que acompanhara e memorizara ao longo dos anos. Como não era suficiente que Fernanda fosse feliz, mas também que ela me relegasse algum conforto, conjecturei um fim que fosse crível e consolador: os filhos haviam crescido e se mudado; sozinha, Fernanda começara outra vida, reencontrara o amor, casa-se novamente e se mudara.

O último vínculo que me restou com a família foi um túmulo numerado no setor oeste do cemitério municipal. Nunca retornei ao local, mas me conforta saber que para lá convergem as histórias de todos que perderam alguém nos meses daquela pandemia. Para lembrar de Fernanda, para lembrar de seus filhos ou para imaginar os seus netos, eu tenho todos os anos o dia de finados. Aquele túmulo é um ponto de encontro, uma interseção.

Não apenas a vida de Fernanda seguiu, mas também a de todos nós, para o bem ou para o mal. Mas, por algum tempo ainda, sobreviver não foi viver. A maior parte de nós permaneceu isolado em suas residências. Foi o que fizeram, por exemplo, minhas filhas e esposa. Para outros, não houve tal opção: restou-nos um comprometimento absoluto com a tragédia. Cada minuto do tempo que não nos era roubado pelo sono ou pelo cansaço, atendíamos e intubávamos pacientes, confortávamos as famílias, consolávamos uns aos outros, e fazíamos escolhas de vida e morte para as quais não fomos preparados.

Escolher se tornou rotina, mas não tornei a perseguir, de maneira desbaratada, um paciente e sua família, não por frieza, mas por impossibilidade. Morreu Maria, e contamos um morto. Morreu José, morreu João, morreu Ana, e passamos a contabilizar quatro mortos. Depois morreram mais sete pessoas, e lhes paramos de dar nomes. Quando contabilizamos quatrocentos e setenta e três mortos, não fazia mais nenhum sentido seguir contando. Deixamos de ser médicos e tornamo-nos burocratas da morte. Os pacientes chegavam, não recebiam atendimento adequado, carimbávamos o óbito e despachávamos para o serviço funerário. Mas de todos os que vi morrer nos dias, semanas e meses daquela pandemia, apenas um morto se tornou meu. Apenas um tinha um rosto, um nome, uma família e um endereço no cemitério.

Nunca me ficou muito claro o motivo por que persegui as últimas horas daquele paciente, ou seu cadáver, ou sua família. Talvez remorso. Talvez uma tentativa de ser perdoado, ou a necessidade de me justificar.

Talvez uma responsabilidade absoluta com um rosto anônimo. Ou talvez por não saber matar. Perseguir foi uma maneira estranha de chorar.

A pandemia não foi sobre aprender verdades universais, foi sobre ter sobrevivido e sobre ter lamentado algumas mortes e ouvido falar de milhares de outras. Quando tudo acabou, sobrou-nos o alívio de não precisar mais somar. Porque a morte sempre esteve, sempre estará, mas normalmente não é contada. Durante os meses de pandemia, praticamos uma matemática geométrica. Demo-nos conta de que é bom não saber dos que morrem.

Apreendi a me perdoar, desde que perdão signifique ter consciência de se estar obrigado a um ato odioso, mas ter que, apesar disso, seguir adiante, por ser esse o único caminho eticamente admissível. Contra a epidemia, eu podia apenas oferecer os cuidados necessários às pessoas possíveis.

Não digo que não adoeci por milagre, pois, se bem que nunca soubera precisar meu relacionamento com Deus, certamente o Deus a que aspirava não era do feitio de oferecer milagres a uns, e a outros deixar morrer em um branco gélido de hospital. Ainda assim, em alguns dos momentos mais difíceis, flagrei-me, pela voz de Fernanda, em uma reza incompleta: "... nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal. Amém. Ave Maria..."

Não tive o consolo de um trauma agonizante para o qual eu pudesse apontar e, assim, expiar minhas culpas. Na memória, ficou-me apenas as ações de um dia absurdo, no qual amei, mais do que tudo, uma vida anônima.

Dos que partiram durante a pandemia, ficou uma saudade que não encontrava meios. Em gatilhos de não saber chegar, às vezes ouvíamos e cheirávamos rostos familiares. Voz que chama ao portão, vagar de passos pela casa, cheiro disperso no ar. Interrompíamos-nos, íamos ver, era a saudade.

Havia também, para mim, uma certa maneira de olhar, uma angústia de ar escasso. A pandemia e suas máscaras resumiram rostos a olhos, pares de olhos que me gritavam angústias em leitos de hospital. E não era preciso que tais angústias me fossem gritadas por pacientes com a nova gripe, qualquer olhar lançado por mascarados me fazia voltar à ambulância que atravessou a cidade com o primeiro paciente

a que neguei um respirador. Depois desse paciente, vieram outros a que também me vi obrigado a negar um leito, uma profusão de outros, tantos outros a ponto de tornar-se impeditiva qualquer hesitação ou, mesmo, reflexão.

Finalmente, a pandemia passou. Enquanto a catástrofe ocorria, muito se especulou sobre como seria a vida depois de tudo. Sairíamos melhores ou piores? Venceríamos as dificuldades que antecediam a própria pandemia - como a desigualdade social, as deficiências dos serviços públicos, a malversação dos recursos dos contribuintes - ou tudo voltaria a ser como antes? Claro que algumas mudanças se consolidaram, como a alteração de alguns protocolos sanitários. Mas, a bem da verdade, depois de tudo, restou-nos o grande alívio de ainda estar vivos. E esse alívio se converteu numa enorme vontade de esquecer. Ao final, compartilhávamos a constrangedora miséria de ainda estar vivos e de querermos viver. A pandemia foi a tristeza que entremeou dois carnavais. Foi dela que nos ocupamos de março a janeiro. Antes dela, porque ainda não a tínhamos, e depois dela, porque ela havia passado, fizemos festa, de felicidade, de gozo, de alívio, exorcizamos nossas culpas e remorsos, maltratamos nossa saudade.



VÍRUS

Rafael Chagas Gonçalves, Ananindeua-PA

Vou te contar uma história e não vai ser do tipo que gostarias de escutar. Não haverá mocinhos, bandidos, nem a luta do príncipe pela donzela amada em longas batalhas que permearam as fábulas de tua doce infância, te condicionando a um felizes para sempre que jamais acontecerá, pois da eternidade que te fizeram sonhar, não conhecerás mais do que compreende tua rasa finitude.

Te contarei a minha história, pelo menos a parte mais importante dela, sobre como sou implacável quando quero ser, e de quão fundo posso te empurrar no vazio de tua alma, em cujo terreno, antes fértil, as ramas que definharão teu destino se multiplicarão, e tudo graças a mim, teu algoz, a te devorar, a te fazer perder a fala ante a dor, sem dar conta sequer de gritar, menos pedir auxílio. Não terás força para esbravejar, nem vociferar. Será lento. E doloroso, asseguro.

Para começar, meu nome. Não, melhor não. Farei o inverso. Começarei do fim, do teu fim. Assim é mais a cara do meu existir.

Narrarei a partir do momento em que suplicas salvação, contorcendo-se em agonia, naquele estágio em que, após ser achacado pela dispneia, uma sonolência diferente se agarra em tuas pálpebras e se converte em demência que se entranha em tuas veias, exterminando toda a proteína que deveria circular em ti e te manter de pé. Deveria.

Neste momento derradeiro, terás ciência de mim e reconhecerás a minha função dentro de ti. E mesmo a contragosto (teu, é relevante destacar), seguiremos juntos, lado a lado, em compasso lento e desritmado, assim como o teu pulsar, até que ele cesse definitivamente e passes a ser cuidado por outras mãos, por frias mãos.

Enquanto cada tentativa tua de umedecer os lábios ressecados se torna vã e tentas, desesperado, fixar tuas retinas neste mundo que estás prestes a abandonar, um gosto ferruginoso toma conta da tua boca, envolvendo tua língua com saliva travosa, a ultrapassar tua garganta a ponto de espalhar-se por todo o teu corpo, reduzindo teus movimentos a simples espasmos, tornando ainda mais involuntário o tremor de tua carne.

Não, não te atrevas a resistir minha dominância, será pior. É inútil. Te abandonarei somente quando estiver por satisfeito. É assim que é. Antes disso, seguirei escavando, moldando teu corpo oco, sem viço, e quando eu, enfim, me tomar por completo, não existirei mais dentro de ti, a baratinar teu sossego e a manobrar teu desejo. Deixarás de ser o meu provimento e, por sua vez, minha missão apenas mudará a orbe, passando a enveredar por outros caminhos, por vias respiratórias vicinais, outros contágios em qualquer virosfera que me atenha e console.

Não obstante, terás clareza em teu desencarnar, não viajarás de bolsos vazios. Levarás contigo a certeza de que altruísmo e empatia não existem em um mundo em decomposição como o meu; que meu trabalho é feito em ganância e meu dever, é seguir contigo por ruas de corte sombrio, tropeando teus passos até a tua última morada, distante daqueles que, um dia, disseram te amar.

A Morte certa vez dissera que meu agir é de ‘formiguinha’: paciente e eficaz. Ela gostava disso. E apreciava também dar conselhos a seus fiéis obreiros. Dizia ela que os seres de carne nos servem para nada além de alimento. Certíssima, nossa mentora. E eu, como bom vírus que sou, me empenhei para ser cada vez mais temido, abjeto, de evolução letal; verme de apetite insaciável, inacabável, devorando sem hesitar, extirpando o resquício de existência do teu ser.

Entretanto, se voltarmos um pouco mais no tempo, quando ainda eras centelha de luz e crias que eu nunca adentraria em tua imune fortaleza corpórea, perceberás que, se hoje estás no limiar de tua passagem, é porque tenho a avidez de milhões de bocas, um fastio mórbido que só se expande; e de hospedador em hospedador, homínideo ou não,

haverá outro amontoado de carne tão hospitaleiro quanto o anterior, no qual injetarei a sanha que me manterá vivente; e predicativos a parte, verás que não sou um simples parasita a sugar, mas microscopicamente vil em minha estadia.

Como todos iguais a ti, foste tolo em pensar que com tua inútil medicina irias te livrar de mim, ledo engano! Agora que estás como eu quero, como os incontáveis cadáveres que saboreei através da história, tentas recomeçar, tentas fazer o que perdeste a chance há muito, muito tempo. Parece mesmo que não se cansam de me subestimar. Pagarão caro pela petulância, vão ver!

Mas antes disso, um detalhe. Não percebeste que ao te contar esta história toda, fui preparando minha despedida? Pois é, é que vamos

conversando e acabamos por perder o compasso de nossa prosa. E viste? Nem chegaste a reclamar minha presença. Terias já desencarnado? Achei que fosses mais aguerrido.

Ao chegarmos no desfecho deste breve relato, te oferto minhas condolências.

Por que não? Sim, minhas condolências. Eu, em meu levante bárbaro, tão absorto em minha obsessão de escurecer estios matutinos e tornar noites insones ainda mais turvas, digo-te: meus pêsames. Afinal, pelo histórico de pústulas e pestes hemorrágicas pelos quais tantos outros iguais a ti passaram, seria o mínimo que eu poderia oferecer, mas...não, é óbvio que não! Principalmente a uma carcaça ambulante como a tua, não, não tenho a menor intenção de te consolar.

Mas diga-me que por um momento acreditou? Pensou que teria de mim uma réstia de complacência, não pensou? Viu, a morte é que sempre esteve certa, vocês de carne servem apenas para alimento, de resto, nada mais atraente.

Ah, isso, esqueci de falar, a ironia é outro atributo que faz parte de meus brios de vírus. Acho que já percebeste, não é?

SURÍV

Regiane Cristina Lopes da Silva, Belford Roxo-RJ

Um antigo ser vivo chamado Surív recebeu a missão de percorrer a Terra e levar a cura ao planeta. No entanto, ele não poderia curar sem antes vivenciar algumas pandemias que acometiam os homens grandes, médios e pequenos para ter a certeza que a cura era necessária.

Certo que seria uma missão rápida e fácil, o Surív preferiu partir para a incumbência apenas com uma caixinha onde os emissários colocaram o frasco com a cura. Ele não poderia tocar ou ver o objeto até o momento em que decidisse despejá-la na humanidade.

Os enviados do Surív concederam a ele o dom de transformar-se em ser humano, de acordo com o continente visitado. O privilégio de falar qualquer língua, dependendo do interlocutor. O livre arbítrio de escolher entre ser pobre ou rico, conforme a necessidade. Contudo, ele recebeu a imperfeição de sentir empatia.

Olhando dos altos céus, o Surív pegou a caixinha lacrada, guardou dentro do coração e pulou.

- Bum!

Um enorme estrondo foi ouvido pelos humanos, mas ninguém identificou a origem do tenebroso alarido.

- Escondam-se! Que barulho é esse? Alarmavam os noticiários.

Depois de tempos, os cientistas não explicaram, mas na internet as fake news diziam:

- Não foi nada. Saiam das suas casas. Voltem à normalidade!

E assim aconteceu. Em poucos dias, cada um voltou para seus afazeres.

O Surív descansou poucos dias nas profundezas das águas e optou iniciar a missão por terras remotas.

Chegando a uma simples cidade, foi bem recepcionado pelos moradores e convidado para entrar em uma das moradias para se alimentar. O aspecto dele era semelhante aos habitantes daquela cidade. Aparentava ser carente e necessitado.

O Surív ficou naquela localidade alguns dias. Sentiu pela primeira vez na vida a dor da fome, do cansaço, do desprezo. Comeu bolinhas

de barro e bebeu água suja. O único alimento disponível e permitido aos moradores.

Vestiu-se com trapos. Andava descalço. Foi acorrentado pelos donos da cidade e obrigado a trabalhar de dia e de noite. Dormia de madrugada em tábuas velhas no campo. Foi humilhado. Não recebia salário. O pouco tempo que conseguiu conversar com seus semelhantes, descobriu que eles foram retirados de sua nação para labutar gratuitamente em propriedades alheias. Eram tratados como objetos. Morriam crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos. Os senhores deles precisavam enriquecer, mas pagar salário era pecado. O louvado era trabalharem de graça para serem perdoados pelo pecado alheio.

No último dia naquela cidade, o Surív mudou de aparência. Foi em um matagal. Transformou-se. Retornou parecendo um proprietário da cidade.

Foi odiado pelos escravos, mas pelos donos da cidade, amado, bem tratado, abraçado. Serviram-lhe um banquete. Dormiu no melhor quarto. Antes da meia noite, o Surív desapareceu.

Odiou aqueles últimos homens.

Pensando que aquela pandemia assolava apenas uma localidade, o Surív correu pelo mundo e percebeu. Ela contaminava todo o planeta.

Ele chorou. Como os homens não conseguiam viver com respeito uns com os outros? Amar seus semelhantes?

Em algumas localidades o Surív testemunhou sujeitos miseráveis trabalhando em fábricas para ganharem em troca pães mofados. Sem direitos, mas com empregos zombavam os opressores. Domésticas humilhadas. Cuspidas, escarradas. Criavam com zelo filhos de outros enquanto os próprios expiravam. Patrões cercavam pequenos, depositando em suas amargas existências veneno.

Esses sujeitos agiam assim para ganharem, ao fim da vida, uma enorme caixa vazia para depositar os próprios esqueletos. Não levavam nada que conquistaram com o sangue e suor alheio.

Além disso, a maldade também era direcionada a outros seres. Animais para carga pesadas. Chicoteados. Utilizados em circo para espetáculos. Em zoológico para entretenimento. Em touradas para plateias animadas sorrirem do sofrimento. Tirados do habitat natural para ficarem confinados até a morte em jaulas, gaiolas, aquários. Que graça tem ver a vida presa? É bom ficar em confinamento?

A liberdade e a felicidade eram alto preço. Enchia o bolso de poucos e desgraçava a vivência de muitos.

Consternado com aquela situação, o Surív foi para outra região, mas ela estava em guerra.

Chegando ao local, ele não sabia que lado escolher. Ambos diziam que estavam certos. Defendiam causas nobres. Uns matavam e outros torturavam. Uns devastavam, outros expulsavam. Famílias destruídas. Almas arruinadas. Casas incendiadas. Homens acorrentados para serem mortos em propriedades estrangeiras. Lutavam por castelos que em breve seriam ruínas desdenhadas. Mulheres estupradas. Bebês devorados. Sem leite ou receios.

O Surív percebeu que enquanto uns morriam em campos de batalha, outros brindavam, em câmaras secretas e bem guardadas, o número de mortes do lado inimigo. Protegiam os próprios umbigos.

Não ligavam para os soldados aniquilados em prol da pátria. Que pátria? Quão bom seria se não houvesse divisas.

Aqueles homens só queriam conquistar terras, medalhas. Pais chorando porque nunca mais veriam seus descendentes. Esposas com os semblantes abatidos, enterrando corpos, entre tantos, o dos próprios maridos.

O Surív ficou alguns dias naquela região como uma estátua porque o coração dele não pendia para nenhum dos lados. No último dia foi alvejado por balas que partiram da arma da desgraça.

Ele chorou. Decidiu partir. Lutas por nada. Por pedras, tesouros. Em troca, vidas, almas. Status que enfeitam os infernos. Nenhum abrilhanta o celeste. Onde seriam colocados troféus com preço maldito? Moedas que só serviam ao Caronte.

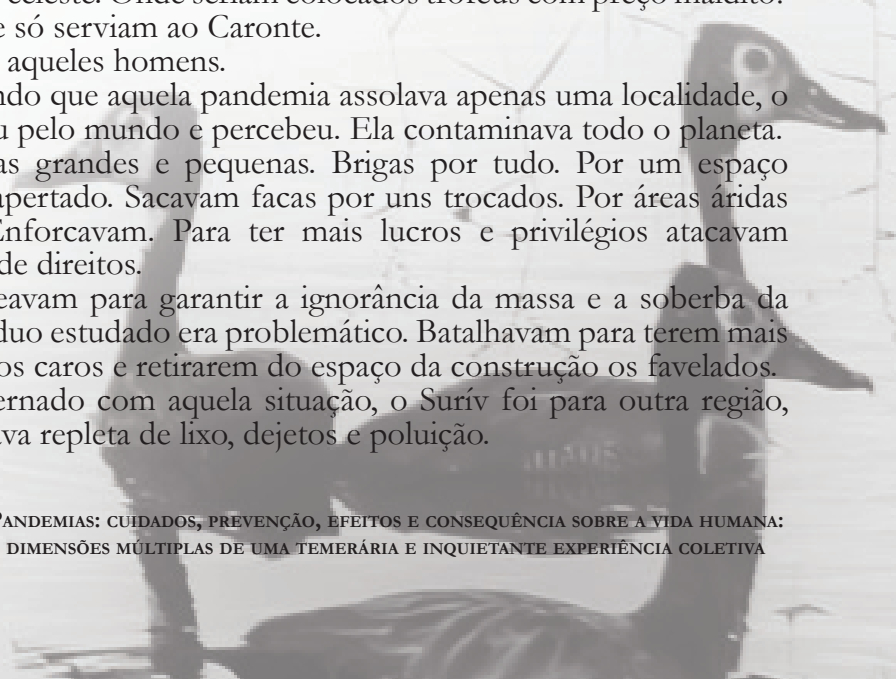
Odiou aqueles homens.

Pensando que aquela pandemia assolava apenas uma localidade, o Surív correu pelo mundo e percebeu. Ela contaminava todo o planeta.

Guerras grandes e pequenas. Brigas por tudo. Por um espaço no ônibus apertado. Sacavam facas por uns trocados. Por áreas áridas atiravam. Enforcavam. Para ter mais lucros e privilégios atacavam defensores de direitos.

Guerreavam para garantir a ignorância da massa e a soberba da elite. Indivíduo estudado era problemático. Batalhavam para terem mais apartamentos caros e retirarem do espaço da construção os favelados.

Consternado com aquela situação, o Surív foi para outra região, mas ela estava repleta de lixo, dejetos e poluição.



Homens jogavam lixos em mares e ares. Queimavam matas. Exterminavam fauna e flora. Consumiam produtos descartáveis que se entulhavam nas ruas. Culpavam os ratos.

Doenças se alastravam. Chovia ácido. Fumaça por todos os lados. Florestas planificadas para criar gado. Avicultura. Pecuária. Bovina, suína, caprina, equina, asinina, assassinas. Frigoríficos. Matadouros.

Odiou aqueles homens.

Pensando que aquela pandemia assolava apenas uma localidade, o Surív correu pelo mundo e percebeu. Ela contaminava todo o planeta.

Homens gigantes, ricos, meio ricos, pobres e miseráveis destruíam com suas atitudes a Terra e, por isso, morriam por falta de água potável, de ar puro, de comida saudável. Agrotóxicos. Por mudanças climáticas. Ninguém assumia responsabilidades.

Consternado com aquela situação, o Surív foi para outra região, mas ela estava enferma com uma miscelânea de pandemias.

Homens fétidos usurpando dinheiro destinado à saúde da população. Corrupção. Ninguém sabia quem era o verdadeiro ladrão. Drogas nas ruas, em iates, em malas de viagens. Helicópteros. Balas servidas em bandejas de latas nas comunidades. Judas com as 30 moedas de prata. Xenofobia. Pedofilia. Zoofilia. Feminicídio. Racismo. Egoísmos.

Filhos enganando mães. Mães afogando filhos. Pais matando a própria família. Cães chutados. Gatos esfolados. Carroças pesadas. Pauladas. Espingardas. Pessoas atropeladas por imprudentes. Bandidos impunes. Vítimas trancafiadas. Lágrimas apagadas. Seres desamparados.

Chefes assediadores. Trabalhadores com dores. Hospitais lotados de enfermos. Pouquíssimos enfermeiros. Políticos nadando no dinheiro. O povo sem direitos.

Mansões abandonadas, indigentes nas praças. Ceias fartas, farinhas escassas. Educação pra poucos. Ignorância aos outros.

- NÃO! NÃO! NÃO! Gritou o Surív

- Que venha a cura! Não aguento mais! Esbravejou.

Ele tirou do coração a caixa lacrada. Abriu. Pegou o frasco. Subiu aos altos céus. Destampou o frasco, mas para surpresa dele, não conseguiu ver nada dentro do recipiente.

- Não entendo. Onde está a cura? Será que perdi durante a jornada? Poucos segundos se passaram, o vírus foi liberado.

FURTA-COR

Leonardo Silva Messias, São Paulo-SP

Sentados no sofá, os roupões rotos e desbotados, víamos o anúncio do fim de estado de calamidade pública e a restauração do livre-trânsito nas vias e avenidas. Não esboçamos mais do que sorrisos fracos e yuppies sem convicção. Talvez não soubéssemos mais como fazê-los. Se ele estivesse aqui, talvez nos acompanhasse rumo a tal caminho que também lhe fosse estranho. Talvez nos tomasse pela mão, como fazia sempre. Eu conjecturei sozinho as consequências de sua ausência e me contentei com minhas suspeitas. Meu pai não estava mais aqui. Se minha mãe e irmão pensaram o mesmo, não disseram nada. O que houve foi o silêncio. Perdoamo-nos pela falta de opções.

Dei um beijo no rosto de cada um e deixei meus irmãos a ver seus desenhos infantis e minha mãe a lhes fazer companhia. Depois que ele se foi, ela tirava uns instantes por dia para se desgrçar em paz. Chamava a isso uma meditação ao avesso. Ou talvez eu tenha dado esse nome à sua técnica. Nos falávamos pouco desde aquilo que sobre o qual não falávamos nunca. Justamente como se nossas vozes se tivessem gasto pelo desuso. Eu a admirava por jamais ter se sentido obrigada a se desculpar por demonstrar reações humanas e desagradáveis ao que não compreendia. E a amava mais ou menos da forma que amava a mim mesmo.

Quis parar de pensar nessas coisas mórbidas. Saí para fumar um cigarro e me arruinar sem companhia. Então quer dizer que era seguro sair para a rua? Estava curioso para ver quem testaria a hipótese. O governo nacional havia cometido muitos erros, muitos absurdos, até que o descaso virou norma e a piada tomou o lugar do pronunciamento oficial. Nós desconfiávamos de notas e anúncios que minimizassem o impacto do que havíamos vivido.

Uma pena, pensei, eu não conseguia tirar a devastação da cabeça. Olhei as plantas nos vasos de barro e a calma com que elas conversavam entre si me fez odiá-las. O quintal permanecia limpo das inúmeras lavagens que fazíamos por semana durante a pandemia.

A cachorrinha em sua casa testemunhava o espetáculo da humanidade e me perguntei se ela nos via colapsar em tempo real. O quer que eu faça, hein? Eu sou só um peão! Um nada! Um... era o que queria dizer-lhe, mas ela só abanava o rabinho em expectativa.

Peguei a coleira para darmos uma volta. Talvez ela quisesse ver o que restara do mundo e dos conhecidos. De seus cheiros e sons. Ver se havia vida possível. Meu pai fazia essas caminhadas junto a nós. Senti um aperto do coração. E enquanto colocava em si a coleira e a guia, ela saltitava em rodopios de alegria. Eu me convencia de que era ela quem queria sair um pouco. Ela. Lutei para não enxergar em sua empolgação recente demais uma traição declarada.

Na rua a quentura do sol me machucou a pele. E a beleza da natureza mais uma vez me emudeceu pelas razões erradas. Havia perdido a capacidade de perdoar. Lembrei-me da última vez que havia passado por aqueles caminhos de pedras. Fora com meu pai, muitos meses antes, enquanto íamos comprar pão. A crise estava no início e eu mal tinha noção de que jamais iria compreender o que isso significaria. O que queria dizer pandemia ou padecimento. Não saberei nunca. Existe um consenso, do qual eu partilho, de que por um bom tempo ninguém poderá ensinar coisa alguma a alguém. O que aconteceu não fora um ensinamento, fora.

Mas meu pai não era assim pessimista. Ele me corrigia dizendo que pessimismo e otimismo faziam parte da mesma moeda do realismo. Eu não entendia nada. Na última vez que estivemos ali ele me disse algo enquanto caminhávamos sob o sussurro dos jataís. Sabe, ainda vai haver duas ou três viradas de mesa na sua vida. Todo mundo tem uma delas enquanto está aqui. Eu não sei jogar xadrez. Virada de mesa não acontece só no xadrez. Acontece mais no pôquer. E não tem problema, um dia desses eu te ensino. Explica de novo que eu não entendi, então. Tá vendo esse céu? Um dia o mundo vai deixar de ser monótono e vai se abrir em um milhão de tonalidades diferentes. É como ter um filho. Ter um filho faz isso com a gente. Quando você veio ao mundo tua mãe e eu nos vimos perdidos nessa confusão. Mas foi bom. Tá me acompanhando? Acho que sim. Então é isso, uma hora tua vida vai mudar e você pode ver as coisas acinzentadas, cromática, esfumaçadas, multicoloridas... pode ficar até aquela pedra ali. Como que é o nome do efeito dela mesmo? Furta-cor. Isso aí. Menino esperto do pai.

Nossa conversa não acabou, acabamos mudando de assunto. Ele deve ter visto como fiquei com medo. Mas ele tinha razão. Uma virada

de mesa havia chegado. Respirei fundo. O afeto me doía de novo e à memória de alguém querido se somava dor. É que estava muito cedo para eu me sentir bem. Pensei no lar para o qual eu voltaria em alguns instantes e em como me fechava para minha mãe e irmãos. O terror em parecer amável após um acontecimento tão. Eu haveria de cuidar disso. Eles não tinham culpa. Mais espertos do que eu, certamente já sabiam da minha necessidade de reflexão. Era amado por completo, mas saberia eu amar de volta? Um carinho passou pelo meu corpo quando senti esperança. Suportei firme.



VIZINHANÇA

Lorena Grisi, Salvador-BA

Ela vê no mapa que a normalidade voltará assim que Saturno e Júpiter se alinharem na mesma casa e respira, se recosta na cadeira e bebe chá. Dormiu às onze, acordou às seis, fez ioga, deu comida aos gatos, como sempre foi: dentro de casa é dentro de casa e, por enquanto, os planetas não fazem a menor diferença. Ontem foi domingo, hoje também é. Domingo é o dia preferido dela: o dia de ficar em casa, o dia em que todas as horas servem ao mesmo propósito: organizar a cabeça, a vida e a bagunça de muitas gavetas.

Ele dormiu às quatro, acordou ao meio-dia, respondeu mensagens com atraso, trocou os horários de todas as refeições. Há duas semanas não sabe o que é um almoço decente, diz que não faz a barba porque não tem barbeiro aberto na cidade. Domingo é péssimo, domingo não tem o que fazer, domingo só não é pior do que a noite do domingo e a madrugada de segunda, mas as segundas acabaram, pelo menos. Ontem foi domingo, hoje também é.

Ela lê um livro e faz chamada de vídeo com as amigas, com as avós, com as sobrinhas. Ele maratona séries deitado no sofá e confere no relógio da parede se a velocidade do ponteiro é só aquela mesma. Ela queria limpar os armários, separar umas roupas para doação, não deu tempo. Ele queria outro relógio e uma série com poucos episódios e poucas temporadas. Talvez uma minissérie, talvez uma série fracassada que acabou sendo suspensa pelo canal de TV.

São vizinhos. Ele mora no prédio há três anos, ela veio um ano depois. Nunca trocaram mais que as cinco palavras de quem se vê pela manhã à espera do elevador. Ela não saberia dizer muito bem a cor dos olhos dele. Ele sabe que ela tem três gatos e ouve músicas estranhas, gosto péssimo, de onde tira? Não entende nem em que língua aqueles músicos estão cantando e qual o gênero musical. Ela já quis ser musicista, mas desistiu quando tentou violino e descobriu que todo dia teria de estudar as escalas, a vida inteira. Achou que seria mais feliz ouvindo músicas tocadas por terceiros.

Ele não sabe o nome dela. Ela viu o dele numa correspondência na portaria, mas não soube pronunciar.

Isolados em casa, ele, ela, todo um edifício, toda uma cidade, todas as cidades. Esse é o segundo domingo de confinamento. Ele não aguenta mais. Ela medita e pensa que o universo tem seu propósito. Bem no final do episódio da série dele, bem no meio da chamada de vídeo dela, ruídos vindos de fora. Gritaria, trocam de cômodo: ela sai do quarto e vai para o escritório, ele sai do sofá e vai para o quarto. Ambos pensam em como são restritos seus pontos de fuga.

Os sons da rua se intensificam, melhor fechar as janelas da casa toda, ele imagina; melhor espiar da varanda se é farrá contrariando o isolamento ou se é gente gritando ladrão como costuma acontecer em todas as grandes cidades, supõe ela. Ele vem fechar a porta da varanda, que é ao lado da varanda dela e é ali que... o tempo dela foi mais rápido e o passo também: ela já está a postos, visivelmente entusiasmada. A vista dos prédios do bairro deu um alento à noite de clausura dela. As varandas conjugadas e a vivacidade dela deram sentido ao domingo dele. Ele entra em casa e volta. Traz panela e escumadeira. Ela tem uma frigideira e uma colher de pau. Entram no mesmo ritmo dos vizinhos, gritam palavras de ordem. Dura o tempo de uma música, hoje está mais vigoroso o panelaço, constatam. A colher de pau dela lançada na frigideira é um som mais surdo e permite que a escumadeira dele brilhe. Dentre todo o repertório já ouvido do apartamento dela, esse batuque foi música que ela mesma tocou e ele até entendeu.



ABRACE-ME COM PARCIMÔNIA

Mateus Santos Brandão, Aracaju-SE

Esse é o quinto ou sexto copo d'água que tento beber, mas – pela graça divina – sempre algum plantão jornalístico na televisão me tira o sentido e acabo esquecendo o abençoado copo em algum canto dessa casa ungida por Deus (olhou para o céu pelo vidro da janela), nem consigo acreditar que esse inferno passou. Por falar na entidade/coisas místicas, preciso deixar bem claro, não tenho mais saco para a Esmerilda Aparecida. Ah, não que ela seja uma coisa boa, longe disso! Cabe a ela a parte do inferno, que fique claro. A desgraçada me perturba desde o primeiro dia dessa penitência – batendo com punho fechado na mesa. Tenho completo horror dela e do isolamento, na verdade isso são duas pestes juntas. O que muda é que ficar isolada foi importante pra eu tá viva (respirou pausadamente) e conseqüentemente pra Cida também, mas ali Deus já-já tem que levar.

Honestamente, não suporto mais essa infeliz enchendo a memória do meu celular com imagens do Agnaldo. A Satanás faz de propósito; nunca escondi meu amor pelo Roberto e Ronnie. Meu menino mais velho só é Erasmo porque o lazarento do pai dele morria de ciúmes de Carlinhos. Aquele boitatá me tesou a gravidez toda, registrou o menino com o nome que eu não queria e ainda teve a ousadia de ter um caso com a Vanderléia que morava na rua da frente. Superei, superei. Esqueci? Não tenho Alzheimer!

Seu celular vibrou, ela olhou sem pretensão e continuou sua fala.

E a enjoada tem o propósito de ser onipresente em minha vida, afinal quando não é me infernizando no “whatsZâny”, pode ter certeza que Esmerilda vem com umas ideias de energia positiva, palavras têm poder, fora as fakes que qualquer dia desses imprimo uma a uma e esfrego na cara dela. Ah, se eu tivesse o Cálcio de antes, ela ia sentir a força das minhas falanges e juntas bem no meio da fuça. Pior que eu estava entrando nessa mania; abençoado pra cá, luz pra lá, paz não sei das quantas! Caminhou até a porta do apartamento, abriu e falou em direção ao lar vizinho: – Banana pro seu universo e palavras

positivas! E suas correntes de mentiras também! Isso já passou, Deus é pai (Benzendo-se). Nunca vi, adora falar das energias positivas e coisas boas da vida. Contudo, só falta erguer um santuário para idolatrar, ainda mais, gente sem escrúpulos que distorcem ciência, história, sexualidade alheia e a vida.

Quanto minha vida, deixando aquela peste de lado. Estou há duzentos dias sem ver minha família, sem abraçar meu genro que inclusive amo como se fosse meu filho, estou completamente desinformada quanto a minha filha grávida. É judiação demais para uma vó de primeira viagem não acompanhar de pertinho a evolução da gestação de seu neto. Esse era meu momento, no grupo das meninas do Colégio Padre Antônio Messias todas já são avós e eu aqui esperando minha chance para compartilhar na rede minha felicidade. Tudo bem, as coisas saíram por completo do controle, o que importa que estamos vivos. E tudo isso passou como um pesadelo, mas já acordamos.

O telefone acende-se com a notificação. Por falar em quem não se foi ainda, a outra mandou mensagem, não suporto essa mulher. Já aos meus familiares, não senti falta de todos, teve uns que só faltaram me chamar de doida, precipitada, partidária. Como se vidas tivessem partido à beira da morte, ora! Bons são eles; esses típicos “cidadãos de bem”. Quero distância até que a lobotomia a que eles se submeteram acabe de vez. Minha caçula manda fotos/mensagens todos os dias! Porém, não é mesma coisa. Bebeu água, atentando-se. Por falar em água, chamadas do Jornal da Noite e as perturbações da velha do lado meu sistema imune agora tá blindado, ou, Nossa Senhora, de tanto eu falar que não ia me importar com mais nada nessa vida, resolveu agir em mim e virei uma pessoa aluada.

Os meninos toda hora perguntam se bebi água (sentou-se), se tenho comido (levantou-se), qual minha rotina, se tenho usado máscara, lavado as mãos (sentou-se). Até parece que virei criança. Pro Erasmo eu tenho a resposta na ponta da língua; deve pensar que sou ele que vive coçando aqueles ovos e depois não se lava direito. Quanto aos questionamentos, me sinto cuidada, admito; amo muito esse zelo e denego gigantesco. Só não demonstro pra não dar ousadia! Até porque têm momentos que praticamente me sufocam. Minha gente, sessenta e oito anos nas costas e recebendo pitaco de menino de trinta – esticou sua pele do rosto – mal eles sabem com quem estão trabalhando, neta de cangaceira.

Eu, esperta como sou, me organizei no primeiro dia que vi o circo pegar fogo. Meu santo é forte, o negócio tava ainda na China e eu já fui logo tratando de guardar minhas plantas, cancelar minhas viagens, cortar qualquer visita inesperada e até mesmo as esperadas. Sabia desde sempre da necessidade de ficar em casa, isto não iria me matar. Quarentena por quarentena boa parte dos idosos já vivem. Perdi as contas de quantas vezes me vi sozinha nesse apartamento, no fundo foi bom, no fim das contas estou viva, de pé e com a resposta na ponta da língua para quem vier com lorota. Foi válido ficar comigo mesma. Tomo minha cervejinha, como meu torresmo e o máximo de dor de cabeça que tenho são os puxões de orelha de meu médico.

Levantou-se, demonstrando impaciência, olhou para o velho cuco, passou as mãos nos cabelos, aproximou o colarinho do vestido para verificar se ainda estava cheirosa e sentou-se novamente. Quando eles chegarem nem vou ter muito liticutixo, zero chamego. Vou falar que ainda estou em isolamento e preciso de distância. Na verdade, vou me fazer de durona mesmo, sei que durará apenas cinco segundo, mas já serve pra aguçar a vontade de matar a saudade do abraço. Meu Deus, nunca pensei que fosse ficar tanto tempo sem abraçar alguém. Justamente meu ponto fraco, a coisa que mais gosto de fazer.

Resultado! Tenho sentido uma misturada de coisas, parece que meu peito vai sair pela boca, se é que já não saiu. Jesus amado, cento e noventa dias em pleno isolamento não foi fácil. Honestamente, não foi saudável, reconheço. Nunca passei por isso, amo meu genro, meus filhos, minha nora. E tê-los perto e ao mesmo tempo não tocar machucou demais. Não vou chorar, não vou chorar!!! Engole essas lágrimas “véia” doida. Riu! Idoso é tudo melancólico, mas parece que idoso canceriano vem com lágrima até no brioco mais fundo do olho. Ah, tudo me deixa emotiva, esse momento, essa angústia, minhas caminhadas comprometidas, o tanto de gente que adoeceu, outro tanto que acabou morrendo. Tá vendo Nossa Senhora (Olhando para o pequeno oratório), e eu achando que estava sem coração.

... Levou sua mão ao peito, olhou-se no pequeno espelho e pensou: “Toda arrumada, hein...” Em seguida encostou-se no armário, apertou a outra mão e respirou fundo enquanto disse: –Agora deu a gota, além de velha dei pra falar sozinha. E isso é maravilhoso, estou apaixonada em me ouvir. Talvez, nunca fiquei apenas priorizando a minha própria voz. Que barato, acho que nunca foquei apenas em mim, parece atitude

egoísta, mas foi simplesmente reflexo para sobreviver. E estou bem por isso! Ergueu a cabeça e balançou seu corpo redondinho levemente como se quisesse dançar. Em boa amplitude sussurrou: – Coloquei uma roupa leve, pintei sozinha meus cabelos, estou cheirosa e pareço criança na hora no intervalo da escola. Sentiu-se revigorada, prosseguindo. – Quero fazer todas as coisas que deixei em standby. Preciso escrever outra lista de obrigações e desejo. Estou viva, Jesus! Parecia não acreditar.

Foi até a cozinha, desligou o forno, a mesa já estava em partes arrumada e pensou: “Hoje é um novo momento em minha história e na de muitos também”. Simplesmente, antes mesmo de emendar qualquer outro pensamento começou a ouvir vozes vindas de fora do imóvel. Algo especial lhe tocava. Era como se tais sons fossem diretamente na alma dela, talvez tenha sido sentimento divino, flashes repletos de ecos. Talvez sua pressão tenha caído, sem muito entender foi no mais rápido dos seus passos lentos para o sofá, temeu cair ali antes de chegar lá.

– Inacreditável, o Inferno de Dante passou... No fundo ela sabia o que estava se concretizando, apenas deixou rolar, decodificou com clareza e na maior calma pegou a chave na mesa de centro e sorriu em consequência do som da campainha e de bocas gritando:

– Mãe!



Já dentro de casa e cercada por todos, ela externamente permaneceu numa normalidade aprendida com o distanciamento. Talvez estivesse um tico blazer. Internamente; risos, fogos,

amor e muita coisa que não tinha a menor pretensão de decodificar. Cada um teve tempo para contar sua versão da história e antes de todos iniciarem o almoço que sequer estava completamente finalizado ela acabou se dando conta:

– Minha gente, esqueci da Cidinha! Levou a mão a testa em decorrência do esquecimento. Faço questão dela conosco, afinal ela é quase da família.

– Mãe, não é por nada não, só que acho que vi Dona Esmerilda numa ambulância aí embaixo. Gritou do banheiro.

– Sangue de Jesus! O vírus matou a Esmerilda! Instantaneamente teve um mal-estar e seguiu pro sofá.

Todos, menos o genro que permaneceu na cozinha, correram para socorrê-la.

– Fica despreocupada, sogrinha. Era uma ambulância veterinária. Deve ter sido algo com aquele cágado centenário dela. Falou sorrindo enquanto beliscava algo na panela. – Acredito que levaram Dona Esmerilda junta, pois pensaram que o animal a ser tratado era gado.

– Vocês não prestam... Jogou levemente a almofada em direção aos parentes e completou. Tenho Esmer... como alguém da família, não sei o que seria de mim sem ela. Parceira de quarentena, me enjoa, enjoa até demais. Contudo, aguentamos muita coisa juntas desde a Jovem Guarda. Oh, (mostrou o celular) não dormimos sem trocar um fiel boa noite. Não minto, dou a César o que é de César, temos nossas diferenças políticas, musicais, culinárias e etc. Só que sinto muito feliz e exausta por ter conscientizado aquela cabeça dura quanto a necessidade de ficar isolada, usar máscaras, lavar as mãos, não compartilhar notícias sem antes olhar as fontes e se tais referências são confiáveis e mais importante (completou ironicamente); não ficar o tempo todo com a mãos nas partes, né Erasmo? Todos riram. Nestante, ela tinha me mandado até foto da gente menina com o Agnaldo, odiei devo admitir, mas quem sabe um dia ela aprende; meu xodó desde aquele tempo é o Roberto.

LUZES ARTIFICIAIS

Kênia Marangão, Garça-SP

O tempo se arrasta.

Olho para o relógio e depois para o teto. Vejo no lustre um monte de insetos mortos presos entre a lâmpada e o vidro fosco. Li uma vez que eles se orientam pela lua (ou pelas estrelas?) para voltarem para casa à noite. Com as luzes artificiais, eles ficam desorientados e voam em espirais até colidirem com a lâmpada. São executados pela tecnologia que os ignora e da qual são incapazes de se defender... Eles só queriam voltar para casa.

Como é possível que cinco minutos demorem tanto a passar?!

Passados os cinco minutos, o termômetro apita - trinta e oito graus e meio!

Sinto um cansaço há mais de quatro dias e a febre tem demorado cada vez mais para passar. Esta noite, quase sufoquei apertando o travesseiro no rosto para que ninguém me ouvisse tossir. Já não tenho dúvidas que “ele” chegou e me pegou...

Preciso de um antitérmico.

É difícil levantar da cama. Minha cabeça dói. Tudo dói e meu corpo não quer enfrentar as escadas Moro em um sobrado, meu quarto é na parte de cima da casa e a cozinha no térreo. Tenho que descer para pegar água e os comprimidos....

Com um esforço imenso, vou, passo a passo, até a escada e observo. Não quero encontrar com minha mãe.

Ela veio morar comigo há quase dois anos. Um dia me contou que já não se sentia confiante para dirigir nem para sair de casa sozinha. Sou filha única, ela é viúva e foi assim que depois de muitos anos voltamos a morar juntas. Embora houvesse um quarto disponível, ela não tem segurança para subir e descer escadas. Então fizemos uma pequena reforma adaptando a sala de visitas e transformando-a em uma suíte grande e arejada e que fica perto da cozinha.

Ela não pode saber que estou doente! Está apavorada desde as primeiras notícias sobre o coronavírus. Vai surtar se souber!

Olho a porta da cozinha do topo da escada. Rezo para que meus dois cachorros estejam dormindo no sofá da minha mãe (sim, eles fazem isso!) e desço o mais rápido possível. Tomo um comprimido e falo alto já subindo as escadas:

- Mãe, não dormi bem essa noite! Vou deitar, tá? Por favor, não me espere para o almoço.

Ser descendente de italianos tem lá suas vantagens. Conversar quase aos gritos é perfeitamente normal.

- Tá bom! Você está bem? – ela grita lá da suíte.

- Tô sim! Só estou bêbada de sono! – grito já da porta do meu quarto.

Quando falo a última palavra, fecho a porta atrás de mim. Realmente preciso dormir, mas não consigo parar de pensar. Ainda não processei os acontecimentos dos últimos meses.

As primeiras notícias são de dezembro de 2019. Uma doença exótica, causada por um vírus desconhecido, havia surgido na China. Embora tenha ocasionado comoção, eram fatos que aconteceram lá longe... Bem longe!

Não me preocupei. Pouca gente se preocupou. Todavia, a doença foi se espalhando rápido e se transformou na pandemia que assola o planeta.

Dois meses depois daquele dezembro, no meio da tarde de uma segunda-feira, fomos chamados para ouvir um pronunciamento do presidente da companhia. Todos estavam na expectativa. Eu imaginava que fossem estabelecidos de novos protocolos de atendimento aos clientes, que fossem suspensas algumas campanhas... Enfim, imaginava mudanças leves e suaves. Fui surpreendida com um esquema de plantão e revezamento de funcionários. A recomendação era o isolamento social para evitar a propagação do vírus.

Rapidamente foi feita uma escala. Eu não trabalharia nos próximos dias.

Tive a sensação de viajar no tempo e voltar para a 5ª série. Foi como se me dissessem que as aulas seriam suspensas. Naquele tempo, não estar na escola no horário habitual fazia o céu ficar mais azul, o vento mais fresco e o dia se tornava desproporcionalmente lindo. A liberdade e o imprevisível transformavam o comum em algo agradavelmente raro e especial.

Mas agora não era assim. Não.

Eu não iria trabalhar nos próximos dias e então teria tempo livre para fazer coisas que gosto ou que preciso. Todavia, não consegui ficar feliz. O momento era raro, especial, porém anunciava que a tempestade estava se aproximando.

Nos primeiros três dias não consegui me afastar da TV. Assistia a todos os noticiários, lia todas as reportagens, procurando entender a situação. Muita informação com pouca compreensão do problema e da nova realidade que nos atropelaria.

No quarto dia, fui avisada que não deveria voltar ao trabalho. O revezamento foi suspenso e o estabelecimento ficaria fechado pelas próximas semanas.

Sou mais ansiosa e insensata do que a maioria das pessoas? Talvez... Só sei que não consegui fazer nada do que gosto e nem do que preciso.

Acabei me envolvendo em uma péssima dinâmica. Entrava no Facebook e ficava vendo os posts até me deparar com alguma notícia esquisita. Aí eu saía do Face para conferir a veracidade da informação. Uma pesquisa leva a outra e mais outra... Se encontrava respaldo, voltava para compartilhá-la, mas às vezes me perdia entre anúncios e bobagens.

Ia ao Instagram. conferir stories, deixar comentários, ver vídeos e seguia para o YouTube. Depois do YouTube para o WhatsApp, do Whats para a TV e, quando não aguentava mais ver as notícias... Voltava para o Facebook!

Foi um inferno! Sabe quando a gente joga inseticida em uma barata e ela fica correndo enlouquecida de um lado para o outro? Essa era eu: uma barata-tonta digital.

Precisei de semanas para me dar conta desse círculo vicioso movido por ansiedade e ociosidade e outras semanas para sair dessa trilha insana.

Acho que o remédio fez efeito... Dormi? Não sei por quanto tempo apaguei, só sei que ainda me sinto cansada.

Sonhei que estava em um navio (daqueles de cruzeiro) embora ele apenas transportasse pessoas de uma margem a outra de um rio muito largo. Era um sonho importante, daqueles em que as imagens são nítidas e as sensações continuam pelo corpo.

Meu marido entra no quarto e eu puxo o lençol até o nariz.

- Não chegue perto de mim!

- Hã? O que foi? – e já arremata com a frase clássica: – O que foi que eu fiz?

- Desta vez, nada!
Que bom que, mesmo nessas situações, ainda nos sobra humor.
- Dri, preste atenção. Estou com o Covid-19!
- Ah, Carla... Você é muito impressionada! Anda vendo muita TV!
- Eu estou falando sério! Tive febre alta, meu corpo dói e estou com dor no peito de tanto tossir! Sorte sua que você roncou essa noite e eu te mandei dormir no outro quarto.
- Deixa eu ver se você está com febre.
Ele dá um passo em minha direção e eu não contenho o grito.
- NÃO! Não chegue perto de mim! Lá no guarda roupa, tem uma caixa colorida em que eu coloquei as máscaras de proteção que fiz. Pegue uma pra você e outra pra mim.
- Em que lugar do guarda-roupa? Não estou achando...
Típico!
- Na primeira prateleira à esquerda – e continuo - Não chegue perto! Jogue a máscara pra mim daí da porta do closet.
Usando máscaras, conversamos um pouco mais.
- Não fique preocupado. Além dos sintomas que eu te disse, estou bem. O que me preocupa agora é minha mãe. O que você vai inventar pra dizer pra ela?
- Como assim ‘eu’ inventar?
- Ué? Eu não vou descer para conversar com ela! Não vou espalhar o vírus! E se você contar que eu “acho que estou” com coronavírus, ela vai surtar e morrer do coração - não do vírus! Assim, a única saída é inventar uma bela história, Adriano.
- Eita... Quando deixo de ser o Dri e viro Adriano é porque a coisa está feia.
- Obrigada, meu amor. Agora veja se precisa de alguma coisa aqui do quarto, retire suas roupas, escova de dente, xampu... E saia daqui. Rápido!
- Obedeço às suas ordens, querida!
- Lindo... Mas não enrole e saia logo daqui!
- Tô indo! Se precisar, me chama pelo celular, tá?
- Obrigada! Eu te amo, viu?
- Eu também!
Adriano é um homem bom e inteligente. Tem horas que não há o que se discutir, é só aceitar os fatos e fazer o que tem que ser feito. Se bem que eu queria colo, carinho, colocar minha cabeça no ombro dele e ouvir que tudo vai dar certo, que vai passar e que tudo vai ficar bem...

Estou tão cansada...

Sentada no convés do navio sinto o balanço das águas e o vento fresco no meu rosto. O Capitão que conduz o barco vem falar comigo e não me surpreendo ao ver que ele é um velho amigo que morreu há muito tempo.

Vamos até a cabine de comando e ele vai me contando sobre o trabalho. Confessa que aquele não era a profissão que ele queria, mas o faz da melhor maneira possível e tem orgulho disso.

A gente se despede e sigo caminhando pelos corredores do navio, até que uma pessoa (que não conheço) me entrega uma caixa dizendo que aquela era a minha herança. Abro a caixa e vejo joias antigas, prata, ouro... Quando desvio o olhar do tesouro, a pessoa não está mais lá.

Eu não tenho herança a receber! A caixa não é minha! Não posso ficar com ela.

Vou andando pelo navio para achar a quem pertence aquela herança. Pergunto às pessoas que encontro, mas elas me avisam que muitos já fizeram a grande travessia. Dizem que não vou encontrá-los tão cedo.

Os sonhos nos dão certezas de que a realidade é incapaz. Olho a caixa e sei que será meu dever cuidar dela até o dia em que eu a possa devolvê-la para quem de direito. Será minha missão.

Acordo sem saber onde estou. Já é de manhã.

Antes de tentar levantar da cama, vejo as mensagens no celular. Adriano me conta que inventou uma história ótima para contar para minha mãe, que vou adorar e que nem mesmo a desconfiança básica e geral que ela tem vai minar a narrativa. O resto é bobagem.

Vou conferir as notícias. Por precaução, para não entrar no circuito barata-tonta, vou escolher um bom artigo para ler - e ler concentradamente até o final!

Preciso me esforçar. Desde o começo do isolamento social, comecei um monte de coisas e terminei pouquíssimas. Fui capaz de arrumar só metade de uma gaveta. Fui incapaz de ler sequer um livro até agora.

Voltei a um artigo do Yuval Harari*, que, quando saiu, mal passei os olhos. Harari é historiador, escritor, filósofo, professor e um dos grandes pensadores da atualidade... É “o cara”!

Ele diz que o mundo já mudou. Que, com a tecnologia atual, é possível vigiar as pessoas ou empoderá-las com boas informações

para que salvem suas vidas. Avisa que, ao coletarem dados biométricos em massa, empresas e governos vão saber mais de nós que do que nós mesmos e poderão assim prever boa parte de nossos gostos e sentimentos. Serão capazes de nos “manipular” emocionalmente seja para vender produtos ou para “vender” políticos.

O historiador fala que irresponsáveis difundem há anos a desconfiança na ciência, nas autoridades públicas e na mídia e que esse momento pode ser propício a rotas que cheguem ao autoritarismo. O argumento é simples, se você não pode confiar na mídia ou na ciência para fazer a coisa certa, tem que confiar em algum líder a apontar o caminho.

Ele recomenda que confiemos nos especialistas e em dados científicos em vez de dar ouvidos a teorias de conspiração ou a agentes que servem a si mesmos.

Será que conseguiremos fazer as escolhas certas? Será que conseguiremos manter nossas liberdades e proteger nossa saúde?

Arrepios percorrem meu corpo todo. Será medo ou febre? O medo não é bom sentimento, mas negá-lo é uma tolice.

Não tenho vergonha de confessar: tenho medo! Medo da situação em que estamos e da que virá. Medo de sofrer e de que as pessoas que amo sofram. Tenho medo de morrer.

Sei que a morte não é o fim e que há algo que transcende a vida que conhecemos e que segue.

A morte vai acontecer em algum momento para todos nós, todavia, além de roubar a vida, o coronavírus está roubando a dignidade da morte.

Em um país da América Latina, o sistema já entrou em colapso. Não há caixões suficientes, nem necrotérios. Vi imagens em que cadáveres estavam sendo jogados nas ruas.

Ainda quero realizar um monte de coisas! Quero cuidar da minha mãe, do meu marido, dos meus cachorros. Tenho tanto a aprender... Quero um dia agir com verdadeira lucidez, sabedoria, compaixão... Quero descobrir a felicidade e as causas da felicidade... Quero...

São desejos ambiciosos demais?

Devo estar sendo incoerente. Meus pensamentos contradizem meus sentimentos.

Ainda no início da pandemia, fiquei triste. Vejo agora o quanto o motivo é fútil, apesar disso (e mesmo assim!), ainda me aborreço!

Estávamos com viagem marcada para o Peru. Iríamos conhecer Machu Picchu! Era um plano que fazia desde a adolescência.

Cancelamos a viagem e o sonho continuará sendo sonho.

Nessa hora, é egoísmo puro pensar nisso, não é? É bobagem! Eu sei...

Tenho sorte de ter uma boa casa com água e energia elétrica, de ter o que comer, o que vestir, uma família e um emprego para o qual (imagino!) poder voltar... Todavia isso não deveria ser sorte. Uma vida digna deveria ser regra.

Tenho sono. Estou confusa e meio zozna...

Chego ao final da travessia. O navio para em um píer desproporcionalmente pequeno para o tamanho da embarcação. Desço as escadas resoluta, segurando firmemente a caixa, apesar de não ter ideia de aonde ir. Após o desembarque, desconhecidos seguem seus caminhos e fico ali sozinha.

Vou andando devagar e distraída enquanto observo. Não há construções, somente uma passagem entre as árvores baixas que fecham o final de uma praia de areias finas. Olho para o horizonte e para o céu azul daquele final de tarde, todavia, no meio do deck do píer há um rolo de cordas grossas esparramadas pelo chão, que impede a passagem.

Tropeço e caio estatelada.

A caixa, que eu carregava com tanto cuidado, cai e se abre. Não há mais joias dentro dela e o pássaro que ela guardava se liberta e imediatamente se lança em voo.

Olho para a caixa aberta no chão e um desespero imenso toma conta de mim. Minha missão era cuidar dela e de seu conteúdo. Eu a quebrei e deixei o pássaro escapar!

Sem que eu percebesse, uma mulher de cabelos brancos e compridos tinha se aproximado de mim e colocado a mão em meu ombro:

- Não chore, Carla! Não fique olhando para baixo. Olhe para cima!

No turquesa do céu de fim de tarde, há um bando de pássaros voando juntos. Eles formam uma enorme nuvem viva que dança no espaço azul já anil iluminado pelos últimos raios do sol. Eles são juntos, forma, movimento, liberdade, pertencimento, beleza. São um espetáculo no entardecer.

- É lindo! Muito lindo... Mas eu perdi o pássaro! Era minha responsabilidade cuidar da caixa e entregar a herança. Falhei! Estraguei tudo!

- Jura que consegue ver algo “estragado” nisso?

A luz da manhã entra pelas frestas da janela. A imagem da nuvem de pássaros em movimento ainda está em minha cabeça. Estava sonhando dormindo ou sonhando acordada?

Minha cabeça dói. Preciso de um remédio.

Levanto da cama e vejo na mesinha de cabeceira vários copos de água vazios e a cartela de comprimidos para a febre. Não costumo deixar as coisas ali.

Procuro o celular para ver as horas e as mensagens. Desligado! Deixei esgotar a bateria? Onde está o recarregador?

Resolvo tomar um banho e só então observo que estou usando um pijama muito antigo, daqueles que ficam no fundo da gaveta e a que gente nem entende por que ainda guarda. Estranho, não tenho memória alguma de tê-lo colocado.

Meu estômago está vazio - devo comer alguma coisa. Pego uma máscara, abro a porta do quarto sem fazer barulho e olho do alto da escada. Não vejo minha mãe, então desço devagar.

Ué? Nenhum cachorro vem me falar bom dia!? Cadê meus cuties?

Embora a cozinha esteja limpa e arrumada, há cinco pratos fundos, com restos de sopa, na pia. Quem fez sopa? Só eu gosto de sopa nessa casa e não me lembro de ter tomado sopa!

Vou até o quintal e confirmo - os cachorros não estão em casa!

Vasculho o quarto da minha mãe como se estivesse brincando de esconde-esconde. Ela também não está!

- Dri? Dri, cadê você? Responde, Adriano!!

Silêncio.

Muito silêncio!

Ouçó passarinhos cantando e o latido de um cachorro ao longe. Nenhum barulho de carro. Nenhuma voz de gente.

Agora estou assustada! Realmente assustada! Que diacho está acontecendo aqui?

Minhas pernas estão moles, apesar disso subo as escadas o mais rápido que consigo.

Olho em todas as tomadas do quarto a procura do recarregador do meu celular. Sumiu?! Não vou conseguir ligar para saber o que está acontecendo!

Quase entrando em desespero, ajeito a máscara, ponho calça e chinelos. Dane-se o isolamento social! Preciso sair para saber o que está havendo!

A rua está completamente deserta!

Vou até a casa de uma vizinha, toco a campainha, chamo, bato palmas, grito. Nenhum sinal de vida.

Saio andando a esmo e gritando.

- Tem alguém por aqui? Por favor, se alguém estiver me ouvindo, responda! Não precisa nem sair de casa, somente me diga um oi.

Nada. Ninguém responde.

Noto minhas pernas bambas e sinto falta de ar. É o Covid-19 ou o desespero que se apoderou de mim e resolveu mostrar seu poder?

Sento na sarjeta, tiro a máscara para poder respirar mais facilmente, porém, antes e completar três respirações, pressinto algo e me viro rapidamente.

A quinze centímetros do meu nariz, está o nariz de uma menininha de uns cinco anos que me olha com curiosidade.

Jogo meu corpo para o lado e puxo minha máscara para cobrir a boca e o nariz.

Como aquela criança, de repente, surgiu do nada?

- Tia, você tem chocolate? Estou com fome de chocolate.

Perplexa, fico olhando a menina antes de conseguir responder - meu raciocínio está lento.

A menina de enormes olhos verdes e cabelos despenteados carrega um ursinho velho sem uma orelha e me olha com impaciência.

- Tia? Você entendeu o que eu te perguntei?

- Sim, entendi. Eu... Acho que eu tenho... Tenho. Tenho sim! Lá em casa. Vem comigo que eu te dou o chocolate.

- Minha mãe me disse para eu não ir na casa de estranhos.

- É... Sua mãe está certa. Está certíssima! Hummm... O chocolate está lá na minha casa, que é bem pertinho aqui. Será que ela deixa você andar dois quarteirões? Só até aquele muro verde lá?

- Isso ela deixa.

- Então está combinado! Você vem comigo até ali e depois me espera entrar e pegar o chocolate, tá certo?

- Tá!

- Qual é o seu nome?

- Gigi.

- Gigi é seu apelido. Qual é o seu nome de verdade?

Silêncio.

- Seu nome é...? É Gisele? Ou é Giovanna? É Gina ou será que é Gioconda?

- Você não entendeu? Eu sou a Gigi!

- Aaaahhhhh... Tá bom! Agora entendi – e continuo – Gigi, meu nome é Carla. E como é o nome da sua mãe? Onde você mora?

- Minha mãe chama Ana. Eu moro lá embaixo – e aponta para uma direção incerta.

Caramba! Como se consegue que uma criança de cinco anos dê alguma informação relevante?

- Gigi, por acaso você está doente? Você pegou aquele vírus novo que eles falam na televisão?

- Eu não fiquei doente.

- Quem bom! E sua mãe? Ela está doente?

- Ela estava, mas já sarou.

- Ela te deixa sair sozinha?

- É que eu queria chocolate e não tem loja aberta. Então ela me perguntou onde eu achava que ia encontrar chocolate. Aí eu vim procurar.

Tá explicado!

- Chegamos. Essa é minha casa, eu vou entrar e já te trago o chocolate, tá? Espere aqui.

Entro, pego duas barras de chocolate da despensa - uma para mim e outra para ela - e volto para encontrar a minha nova amiga. Enquanto Gigi come o doce, aproveito para continuar a conversa.

- Você sabe o que aconteceu com as pessoas? Tem alguém faltando na sua casa?

- Tá faltando o meu irmão, o Dudu. Eles separaram as pessoas que estavam doentes. Ele falava que não ia pegar! Falava que era gostosão e que ia conseguir driblar a doença. Mas os vírus e os vermes devem gostar mais de quem é gostoso, né?

Faço esforço para segurar o riso – não quero encabular a menina.

- Pois é... Esse vírus pega mesmo...

- Eles não são bobos, né?

- Você sabe como as pessoas foram separadas, Gigi? Elas foram pra onde?

- Ah,.. isso eu não sei! Agora eu vou embora. Minha mãe não gosta que eu fale com estranhos. Tchau!

- Hã?!

A menina vira as costas e sai correndo chacoalhando os cabelos despenteados e encaracolados e sem olhar para trás.

Levanto rápido para tentar acompanhá-la, porém sinto uma vertigem e me seguro no muro para não esborrachar no chão.

Sento na calçada esperando a tontura passar. Não entendo o que está acontecendo.

Ouçó o barulho de um carro que parece não estar muito longe.

Dessa vez, levanto bem devagar para não cair. Minha vontade é sair correndo em direção ao som - em frente ao volante tem que ter um adulto capaz de me dar alguma explicação!

O ruído metálico de um velho Fiat 147 invade meus ouvidos antes que eu possa vê-lo. O carro branco com logotipo da prefeitura surge, faz a curva e estaciona assim que me vê.

- Bom dia, Carla! Que bom te ver aqui!

- Bom dia... Eu conheço você?

A motorista ri e me lança um olhar malicioso.

- Somos íntimas, minha querida!

A mulher grande, de bochechas rosadas e jaleco branco, estaciona o carro e se “apresenta”.

- Meu nome é Bertha. Sei que você não se lembra, porém nos conhecemos há um tempo. Fui eu que cuidei de você nas últimas duas semanas, te ajudei a se alimentar e, algumas vezes, a tomar banho e a se vestir.

O riso solto da mulher ecoa pela rua vazia.

- Sua cara de assustada é ótima! Mas não se preocupe! Vamos entrar que eu te explico tudo.

Bertha, mostrando que já conhece a casa, vai direto para a varanda, se senta e faz sinal para que eu a acompanhe.

Eu simplesmente obedeco.

- Você deve estar muito confusa, já vou te contar tudo o que aconteceu. Antes de mais nada, preciso medir sua temperatura. Coloque esse termômetro na axila. O que você quer saber primeiro?

- Onde estão meu marido e minha mãe? E meus cachorros?!

- Em um centro de isolamento nas proximidades. Existem vários centros, alguns para pessoas saudáveis e outros para pessoas doentes. No seu bairro, havia mais doentes do que são, e para não ter que desinfetar tudo de uma vez só, afastamos os são.

- Ufa! Como é bom saber que eles bem!

- O que mais você quer saber?

- Por que não me lembro de você? Por que está cuidando de mim? Eu fiquei desacordada? O que aconteceu comigo? Quero saber de tudo!

- Não tenho muito tempo, preciso cuidar de outros casos como o seu, mas vamos lá. Enquanto falo, vou medindo sua pressão arterial e verificando seus sinais vitais.

- Eu sou médica, pesquisadora e fiz um treinamento específico para atuar também como enfermeira nos casos do Covid-19 - no momento, não há profissionais de saúde suficientes para cuidar de todos e precisamos fazer tudo. Pesquiso a medicina dos povos indígenas há dez anos.

- Hã?! O que medicina indígena tem a ver com a Covid-19?

Com cara de poucos amigos e com a autoridade de um General, Bertha responde seca.

- Por enquanto, apenas escute. No final você pergunta.

Quando houve o primeiro caso de Coronavírus em um indígena, um homem de cinquenta e oito anos que apresentava cardiopatia, o curandeiro da tribo não permitiu que o doente fosse levado ao hospital. Colocou o homem sozinho em uma cabana e o tratou com ervas e substâncias tradicionais da floresta.

A equipe do posto de saúde que o atendeu não teve permissão para intervir e se limitou a monitorar o caso à distância. Duas semanas depois, eles constataram que o homem havia se livrado de todos os sintomas - estava curado.

A equipe local de saúde informou o ocorrido ao meu grupo de pesquisa e fomos lá conhecer o tratamento. As substâncias usadas não são tóxicas e são razoavelmente simples de manipular e de conseguir. Os únicos efeitos colaterais constatados foram sonhos lúcidos e uma espécie de amnésia parcial transitória.

Aplicamos o mesmo tratamento em outros cinco de pacientes e como eram indivíduos não-indígenas, fizemos uma ligeira adaptação do modo de administrar as substâncias, misturamos a uma sopa comum de frango com legumes. Foram cinco casos de sucesso.

Assim, quando o número de infectados disparou nos pequenos e médios municípios, encontramos um bom espaço para a pesquisa. Muitas cidades se voluntariaram para participar do estudo. Escolhemos esta pela grande concentração de casos em uma mesma área.

Duzentas pessoas participaram da pesquisa. Agora já posso dizer que você e outras noventa e nove foram tratadas com o composto indígena, diluído em sopa, ministrado durante duas semanas. As outras cem são do grupo de controle. Todos assinaram um termo de concordância, você inclusive, com seu marido como testemunha.

Entre hoje e os próximos três dias, é provável que todos tenham alta do tratamento. Deixei um folheto explicativo na sua mesa de cabeceira junto com um formulário que você deve responder tão logo sua memória permita.

- Carla, sua temperatura é de 36,5°, a pressão está 12 por 8 com 70 batimentos cardíacos por minuto, seus reflexos estão normais. Agora sobre aqui e tente levantar todas as bolas.

Ela me estende um aparelho com três tubos e três bolinhas azuis. Levanto todas com facilidade.

- Perfeito! Você está ótima!

- Tenho tantas dúvidas que nem sei por onde começo!

- Carla, não sei se você me entendeu, querida. Tenho pouco tempo! Preciso visitar, ainda hoje, pelo menos mais quinze casas. Repito! Leia o folheto explicativo que lhe deixei.

Ela olha minha cara de desalento e faz uma concessão.

- Tá bom... Tem direito a mais uma pergunta. O resto fica para outro dia.

- Ok! Por quanto tempo eu apaguei? Ou, melhor, não me lembro desde quando?

- Você não apagou! Só ainda não se lembra do que aconteceu. Você está em tratamento há treze dias e normalmente as pessoas têm dificuldades para recordar das últimas três ou quatro semanas. Fique tranquila que suas memórias retornarão em alguns dias.

- Mais uma coisa.

- Eu avisei que preciso ir embora! Venha comigo e fale antes que eu chegue ao portão.

- Onde está o recarregador do meu celular?

Bertha dá uma mais risada sonora e bem humorada.

- Eu devia ter imaginado! Está embaixo do colchão da sua cama. Escondi porque, no seu estado, não ajudava em nada saber o que estava acontecendo no mundo.

Ela sai, fecha o portão atrás de si, respira fundo e dá as ordens finais.

- Últimas recomendações: NÃO SAIA DE CASA! De hoje até amanhã repouse, tome bastante líquido e tome a sopa. Amanhã pela manhã passo aqui para ver como você está e...

Com o olhar baixo e triste pela primeira vez, ela aconselha:

- Depois que recarregar o celular, vá vendo as notícias aos poucos. O mundo mudou, minha querida. Mudou muito.

Abro o portão e sigo Bertha até ela entrar no carro.

- O que aconteceu? O que mudou? Por favor, fale, Doutora!

A pesquisadora dá a partida no carro e quando abre a janela, posso ver seus olhos marejados.

- Volte pra casa! AGORA!

Depois de algumas colheradas, a sopa esfria no prato. A leitura das últimas notícias ora me tira a fome, ora me embrulha o estômago. Bem que a Dra. Bertha avisou!

Ligo a TV, o notebook e vou alternando os meios em busca de informações confiáveis. Leio com atenção, porém não consigo entender o que se passa!

Da mesma forma como um quebra-cabeças, em que é necessário observar bem cada peça para colocá-la em seu devido lugar, as informações que temos precisam ser analisadas em sua abrangência e profundidade para enxergarmos o cenário atual. Nem sei quanto tempo será preciso para que alguém consiga tal feito.

Em muitas nações, presidentes caíram, governos mudaram radicalmente suas políticas. Convulsões sociais aconteceram.

No momento em que escrevo, ao menos um terço da população mundial foi infectada pelo vírus. O índice de mortalidade chegou a 30 por cento quando a doença chegou aos países mais pobres e extrapolou a capacidade de atendimento dos hospitais. Vários países estão enfrentando a segunda onda da doença.

Como se presumia, os sistemas de saúde foram insuficientes e ineficientes para lidar com a pandemia e, portanto, os países precisaram reinventar todo o aparelhamento destinado à saúde. Como o contágio ignora divisões de classes sociais ou econômicas, estabeleceu-se o atendimento universal a praticamente todos os habitantes do planeta e isso foi feito mesmo com imensas perdas sofridas pela economia.

Para minimizar prejuízos, fundações e fundos de apoio econômico foram criados por grandes corporações. A crise econômica é, sem dúvida, a maior de todos os tempos e, apesar disso (ou por isso!) atitudes efetivas no combate da desigualdade foram tomadas.

Em que pesem as inúmeras pesquisas realizadas e o interesse mundial em sanar a doença, até o momento não foi desenvolvida uma vacina contra o vírus, nem um tratamento comprovadamente eficaz.

Em resumo, o coronavírus catalisou mudanças que, em condições normais, levariam décadas (ou séculos!) para se concretizar.

Estou atordoada! São as notícias! Pensando melhor, também pode ser o composto medicamentoso da sopa fazendo efeito.

Pego o tal folheto explicativo que a Dra. Bertha mencionou e que está na cabeceira da minha cama.

Em letras pequenas e diagramação improvisada, vejo que, entre as várias ervas do remédio produzido pela tribo dos Inhanbi-nambês, algumas fazem parte da composição da Ayahuasca e que entre outros efeitos colaterais, são comuns a perda momentânea da memória recente, as alterações de consciência, as visões isoladas ou encadeadas em longas narrativas.

Meus sonhos?!

No final do folheto, em negrito, há uma observação: “O xamã da tribo Inhanbi-nambê, que possibilitou esse tratamento, pede que os beneficiados pelo tratamento anotem seus sonhos ou visões. Ele acredita que possam trazer à luz algum conhecimento útil - inclusive para a resolução de problemas causados pela pandemia. Recomendamos o uso verso da folha do formulário para tais anotações.”.

Haveria alguma informação no inconsciente (ou no inconsciente coletivo) capaz de solucionar os problemas gerados pela pandemia?

Acredito no conhecimento milenar dos povos ancestrais, das tribos indígenas, e sei também que somos mais capazes de entender as circunstâncias do que imaginamos. Talvez, o que nos falte seja o acesso a esse repositório da sabedoria humana.

Os sonhos giram com rapidez em lembranças e meu pensamento procura por conexões e significados.

O navio seria uma referência ao barco de Caronte, o barco mitológico que faz a travessia do rio que separa vivos e mortos?

E a caixa das jóias, a riqueza que se transforma em pássaro? Como interpretar?

Procurando pela internet, achei na mitologia árabe o pássaro Hoopoe que, segundo a lenda, possuiria poderes de cura e premonição. Seria isso?

Tenho que pensar, pesquisar...

Estou esgotada. Preciso dormir.

Estou novamente no pequeno cais e a mulher ao meu lado, aponta o alto e fala:

- Carla, olhe! Observe os pássaros!

A nuvem de aves ainda dança no céu azul cobalto que se despedia da luz de sol. O voo sincronizado transforma todos os pássaros em uma

única mancha dinâmica, viva e coordenada. A revoada cria uma unidade poderosa, muito além do poder de do poder de onde precisa estar. A liberdade existe para que se alcance a harmonia. Pode até parecer contraditório, mas não é!

Ela pega na minha mão e vai me conduzindo de volta ao barco.

- Carla, minha querida, guarde essas imagens na lembrança. Somos como os pássaros, só precisamos descobrir nossas conexões e a maneira de nos unirmos em liberdade e harmonia. Percebe que essa é nossa herança e também nosso destino?

A mulher ri enquanto tira os cabelos brancos que o vento levou ao seu rosto e avisa:

- Não se preocupe se ainda não compreende tudo. Por enquanto, o que viu já basta.

E ela continua

- E fique tranquila, se há escuridão agora é porque as luzes artificiais foram desligadas. Em breve vocês poderão, enfim, ser guiados pela luz da lua e das estrelas sem que outros brilhos os desviem do caminho.

- Agora você vai voltar para casa.*

* Nota: artigo disponível em <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/28/guru-dos-nossos-tempos-ya-val-harari-aponta-os-cenarios-pos-pandemia.htm?cmpid=copiaecola>

MIADOS SURDOS

Alex Alexandre da Rosa, Jundiaí-SP

Tenho 86 anos de idade. Já vivi bastante. Por outro lado, estou em plena lucidez e costumava ter uma saúde de ferro – como diziam. Na verdade, tinha, realmente, um bom vigor físico, pelo menos, se comparado a outras pessoas da minha idade ou até mesmo inferior. Já passei por muitas coisas neste mundo, Segunda Guerra Mundial, ditadura militar, fome, doenças e fiquei sabendo de outras tanto piores, mas é a primeira vez que estou com medo de verdade. Esse vírus parece que não está para brincadeiras, colocando os humanos em seus devidos lugares.

Essa doença não tem cor, religião, posição social e qualquer tipo de diversidade. Pensa bem: que melhor hora para nos unirmos? Para rever nossos conceitos? Para conhecermos a nós mesmos? Para darmos atenção às coisas que realmente importam e que outro não tinham valor?

Você deve estar se perguntando: o que uma senhora ou velha - como alguns me chamam -, que não tem ninguém, poderia aconselhar sobre a vida? Bom, nem eu mesma sei dizer. O que sei é que estamos aqui para aprender e essa quarentena também está me ensinando bastante. Para falar a verdade, nem tenho a pretensão de ajudar a ninguém – não consegui acudir nem a mim mesma. Se tem uma coisa que aprendi na vida é: que ela tem mais perguntas do que respostas.

Moro sozinha, ou melhor, com minhas duas gatinhas – Pandora e Pantera. Formamos um trio e tanto, diga-se de passagem. Elas miam, e eu respondo. Elas me dão forças para me levantar, mesmo porque, se não me levanto, seus miados me enlouqueceriam.

Meus dias são assim: eu e elas nos revezando entre a casa e o quintal, o sofá e a cama, a horta e a televisão... Não tenho internet – opção própria. Quis passar o resto de minha vida na paz que sempre sonhei. Não tenho arrependimentos. Tenho saudades, mas a vida quis assim.

Como vocês devem imaginar, a essa altura da leitura, se vocês praticam empatia, além de todos esses problemas do Coronavírus,

com os quais vocês estão mais atualizados do que eu – mortes, falta de atendimento, crise, disputas políticas –, é que para mim que moro sozinha e, conseqüentemente, não tenho ninguém para ir ao mercado ou à farmácia para mim, estando eu no grupo de risco, as circunstâncias são um pouco piores.

Diferentemente da internet, viver sozinha não foi decisão exclusiva minha. Se por um lado, tenho culpa por me isolar, por outro, a vida também contribuiu. Depois que ela tirou os meus, recusei os que ela me ofereceu para se retratar. Orgulho? Talvez. Me arrependo? Não. Estou feliz com meu isolamento? Tampouco. Talvez teria sido mais feliz se tivesse destrancado o coração, talvez o mundo estivesse menos doente se tivesse aberto a consciência e fechado as portas. Fechei as minhas bem antes da quarentena. Se não tinha parentes próximos, também não queria amigos íntimos nem cônjuges. Agora nem os parentes de longe, vizinhos, colega ou qualquer ser vivo me ligam para saber como estou. Estranho, quando a solidão era por opção, ela era até, de certa forma, reconfortante, agora que ela é imposta a mim, faz estrago. Dói.

As únicas que parecem se importar são minhas gatas - há dias que não param de miar.

O fato é que agora, assim como o vírus, estou em uma fase avançada. Quando percebi, estava velha, com tosse, ofegante... O vírus que era apenas notícia de jornal sobre coisas do outro lado do mundo, chegou à minha cidade, vindo de tão longe com a mesma velocidade que cheguei aos oitenta anos, depois de fazer dezoito.

O mundo está doente, febril. Espero que para ele haja solução. Uma cura, uma cura coletiva, não só do vírus, mas uma cura da humanidade. Espero que o planeta respire ar puro. Para mim, não sei se suportarei a quarentena. A tosse tem se intensificado, a febre está cada vez mais alta, as gatas miam... Cada vez mais.

Estou sozinha, sinto falta de meu filho e de meu marido – penso que estarei com eles logo. Sinto falta de atenção, falta de cuidados, dos meus outros filhos que já desistiram de mim há muito tempo, sinto uma crescente falta de ar... Sinto muito...

A NÉVOA

Juliana Nascimento Berlim Amorim, Rio de Janeiro-RJ

A aurora irrompeu sobre a linha horizontal das colinas, caminhando por detrás da névoa que se adensava sobre a cidade. Mesmo com o toque dos dedos rosáceos do dia, a parede branca de ar, embora parecesse temporária, permaneceu inamovível e observava com seu olho indagativo a vida dos homens. A cidade sabia, do lado de baixo, que o mau tempo não passaria tão rápido como apontaram as previsões. Os boletins meteorológicos enganam, e a crosta branca adensando-se nos céus marcava com um laivo de fúria seu território, dizendo em silêncio que não iria acabar.

Dispensada a empregada, Marina percebeu que a faxina se tornava interminável. Ela não sabia usar os produtos caros que comprava, descobriu que exigia redução demais de certas fórmulas para limpar ou clarear as superfícies, cobrava tempo curto para a realização das tarefas domésticas. Marina não sabia se relacionar com a própria casa e por isso sentia vergonha, o sentimento que mais a invadia durante a quarentena e que pairava como uma sombra projetada por uma nuvem em cima de sua cabeça, sem que houvesse dissipação. Ela sabia que, se o isolamento social permanecesse, chamaria a doméstica. Diria que não tinha capacidade técnica para o serviço de casa, mas qual a habilidade imprescindível para se fazer limpeza? Marina se envergonhava do pensamento real que a afastava de faxinar e o apagava rápido da mente, sem deixá-lo flutuar por muito tempo, lição da aula de ioga. Esfregava as mãos e sentia a aspereza por ter de limpar a casa diariamente, do jeito que ela mesma gostava e exigia que ficasse limpa. Os cremes hidratantes traziam metade da suavização da pele endurecida pelo trabalho braçal, mas não resolviam por completo o problema, portanto a outra metade viria pelos cuidados de manicure. Segurou-se ao máximo, mas depois de um mês e com o prolongamento das medidas de contenção social, agendou atendimento estético em domicílio. A ligação para o salão foi feita sob uma montanha de culpa, ouvindo a alegria da gerente com a cliente que tinha se lembrado da estética no meio de uma pandemia.

Marina, bem lá no fundo, não queria fazer as unhas, mas sentia-se infeliz com o aprisionamento e com a ansiedade que ele provocava. Respirava fundo, exalando e segurando o pulmão sem ar, como ensinado durante a aula de ioga, mas a calma ia e vinha, não se concentrava como uma bola de fogo sobre sua cabeça, conforme tinha de ser.

Henrique vivia reclamando do seu jeito desleixado com os cuidados pessoais, por isso Marina queria a pele livre de cutículas e pelos. Ele se sentia à vontade com sua casa e sua mulher e seu carro limpos, aspirados e encerados, não necessariamente nesta ordem. Consistia em homem higiênico, amante da assepsia e da organização, além do que achava incorreta a interrupção das atividades do setor terciário, conforme a expressão que usava. Se a economia para, como estes trabalhadores sobrevivem, ele ponderava, se eles vivem exclusivamente do seu trabalho, sem poder contar com qualquer outro tipo de ajuda? E Marina concordava. E Marina se envergonhava.

Marina dirigiu-se à janela de onde vigiava se a manicure e a depiladora estavam chegando embaladas a vácuo e envelopadas em seus trajes de astronauta: só faltou carimbar e assinar em três vias a dona do salão, tamanha a preocupação em ratificar a lista de cuidados sanitários que as funcionárias tinham com as clientes e as casas das clientes, certificando que as profissionais trabalhavam descalças o tempo todo. Marina, enquanto esperava, olhou para o céu de outono e viu a névoa compacta na sua imobilidade sobre a cidade. A temperatura tinha esfriado desde a madrugada, só uma mudança estrutural faria com que o clima geral mudasse. Os ventos da mudança chegariam de noite, na manhã seguinte ou depois de cem anos? Por enquanto, só havia de concreto a névoa sobre as cabeças de todos.

O presente volume tem por base constatação de que, desde a antiguidade (tal como comprovam os livros bíblicos de Samuel, que tratam da praga que castigou os filisteus porque tomaram dos hebreus a arca do Senhor; e a História da Guerra do Peloponeso, que descreve a peste de Atenas, ocorrida em 428 a.C., narrada por Tucídides; passando pela Idade Média, que legou um texto da envergadura do Decamerão, de Boccaccio; até o século XX, em que a obra de Albert Camus é referência em termos de metáforas para epidemias e opressões), a literatura tem exercido importantes funções sanitárias e cognitivas sobre toda sorte de dilemas impostos pelas situações de grandes calamidade, como essa em que ora vivemos. Ao longo da história, a literatura, mediante sua capacidade de ampliar as noções de realidade profunda, verdade e beleza tem sido potente lenitivo para as dores humanas.

ISBN 658606255-1



9 786586 062557